

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS DE EX-ESTAGIÁRIAS E
EX-ESTAGIÁRIOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM
MATEMÁTICA NO IFMG – *CAMPUS SÃO JOÃO*
EVANGELISTA

IONÁ BRAGA DE CASTRO PEREIRA

2023



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS DE EX-ESTAGIÁRIAS E EX-ESTAGIÁRIOS
DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA NO IFMG – *CAMPUS* SÃO
JOÃO EVANGELISTA.**

IONÁ BRAGA DE CASTRO PEREIRA

Sob a Orientação da Professora
Adriana Alves Fernandes Costa

Coorientação da Prof^a. Dr^a.
Luciana Haddad Ferreira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola

**Seropédica, RJ
2023**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Biblioteca
Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P436n Pereira, Ioná Braga de Castro, 1973-
 NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS DE EX-ESTAGIARIAS E EX
ESTAGIÁRIOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA NO
IFMG - CAMPUS SAO JOAO EVANGELISTA / Ioná Braga de
Castro Pereira. - Guanhães, 2023.
 142 f.

 Orientadora: Adriana Alves Fernandes Costa .
 Coorientadora: Luciana Haddad Ferreira.
 Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em
Educação Agrícola, 2023.

 1. Narrativa pedagógica. 2. Experiência. 3. Estágio
 não obrigatório. 4. Licenciatura em Matemática. 5.
 Formação de professores. I. Costa , Adriana Alves
 Fernandes , 1978-, orient. II. Ferreira, Luciana
 Haddad , 1980-, coorient. III Universidade Federal
 Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em
 Educação Agrícola. IV. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO N° 36/2023 - DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
N° do Protocolo: (2083.031779/2023-32)

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

IONÁ BRAGA DE CASTRO PEREIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 28/04/2023

(Assinado digitalmente em 18/05/2023 15:19)
ADRIANA ALVES FERNANDES COSTA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matricula: ###060#7

(Assinado digitalmente em 18/05/2023 15:41)
LUIZA ALVES DE OLIVEIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matricula: ###279#4

(Assinado digitalmente em 19/05/2023 13:13)
INES FERREIRA DE SOUZA BRAGANCA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.447-##

(Assinado digitalmente em 18/05/2023 15:39)
IONÁ BRAGA DE CASTRO PEREIRA
DISCENTE
Matricula: 2021#####4

(Assinado digitalmente em 18/05/2023 17:23)
LUCIANA HADDAD FERREIRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.698-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/documentos/> informando seu número:
36, ano: 2023, tipo: HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, data de
emissão: 18/05/2023 e o código de verificação: 181bc0dd11

AGRADECIMENTOS

No contexto de desvalorização da educação em que nos encontramos atualmente, a conclusão de um mestrado representa a vitória da resistência e da resiliência. E nesse percurso de lutas e conquistas, eu não andei sozinha; razão pela qual essa aventura é partilhada entre mim e aqueles que me ladearam no caminhar.

Agradeço aos meus familiares: pais, irmãos, marido e filha, por compreenderem minhas ausências, me abraçarem nos momentos de fragilidade, reconhecerem meus esforços, dividirem comigo o peso e, principalmente, por inspirarem a realização dos meus sonhos... Tudo é por vocês, tudo é para vocês.

Ao IFMG e UFRRJ por possibilitarem o curso e oferecerem ferramentas para que esse estudo fosse concluído.

À querida amiga Jaqueline Miranda, uma grande incentivadora cuja delicadeza e retidão de caráter contumazes são objetivos que eu persigo.

À prestimosa colaboração dos participantes desta pesquisa, porque sem eles esse estudo restaria esvaziado.

À professora orientadora Dra. Adriana Fernandes que, com sua costumeira paciência, me ensinou, me corrigiu, me orientou, me acompanhou e não largou da minha mão até que esta pesquisa fosse totalmente concluída.

À professora coorientadora, Dra. Luciana Haddad, que atende pelo carinhoso apelido de Nana, dona de uma forma de ensinar que não consigo descrever, mas cujas lições eu jamais poderei esquecer.

Aos coletivos a que ambas, orientadora e coorientadora, me apresentaram e, desde então, me constituem como pesquisadora, me despertando para a consciência social e para a necessidade de nos reforçarmos em grupos a fim de que a educação resista sempre.

Aos colegas do PPGEA da turma 2021.1, pela companhia motivadora e momentos de descontração e, principalmente, à caríssima Gracilane, pela sua prestimosa colaboração em inúmeras minúcias deste trabalho.

À amiga Ritele, porque sempre me lembra que não se pode desistir.

A todas e todos que, de formas diversas, incentivaram, colaboraram e viabilizaram a realização dessa conquista.

Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu nem cochilei

Cidade Negra

RESUMO

PEREIRA, Ioná Braga de Castro. **Narrativas de experiências de ex-estagiárias e ex-estagiários do curso de Licenciatura em Matemática do IFMG – *campus* São João Evangelista**. 2023. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2023.

O presente trabalho é um estudo sobre as experiências vivenciadas por estudantes, enquanto estagiárias e estagiários do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – *Campus* São João Evangelista. A pesquisa envolveu quatro ex-estagiárias e um ex-estagiário que realizaram o respectivo estágio não obrigatório na instituição no período compreendido entre 2016 a 2020 com a devida aceitação para participação nesta pesquisa. Trata-se de uma pesquisa narrativa, de base empírica e caráter qualitativo. Essa investigação tem como objetivo principal compreender, por meio da análise das narrativas das experiências desses ex-estudantes, como o estágio não obrigatório, realizado nos diversos setores da instituição, constituiu o processo formativo das e dos participantes, seja em suas vidas profissionais, ou em suas vidas pessoais. O percurso metodológico ocorreu tendo como instrumento de produção de dados as rodas de conversas realizadas com ex-estagiárias e ex-estagiários que foram selecionados a partir dos arquivos do setor de Gestão de Pessoas da instituição. As rodas de conversas aconteceram de forma virtual registradas em áudio e vídeo, através da plataforma *Microsoft Teams* e posteriormente foram transcritas, compondo o Apêndice I deste trabalho. A primeira conversa contou com a participação de três ex-estagiárias e um ex-estagiário. Já o segundo encontro contou com a participação de quatro ex-estagiárias e um ex-estagiário. Os dados produzidos foram analisados à luz do paradigma indiciário. Ao final da pesquisa, objetiva-se a compreensão da experiência do estágio obrigatório pode contribuir para a formação pessoal do aluno estagiário, contribuindo igualmente para sua formação profissional enquanto docente, ainda que a prática desse ato educativo não tenha se dado especificamente dentro do ambiente da sala de aula. A partir desta pesquisa e da análise dos dados obtidos, almeja-se fomentar a discussão acerca do estágio não obrigatório, possibilitando analisar o impacto positivo que a ampliação dessa prática educativa pode ter no ambiente escolar, na vida do estudante e em sua formação enquanto professor.

Palavras-chave: Narrativa pedagógica; Experiência; Estágio não obrigatório; Licenciatura em Matemática; Formação de professores.

ABSTRACT

PEREIRA, Ioná Braga de Castro. **Narratives of experiences of former trainees of the Mathematics undergraduate course of the IFMG - *campus* São João Evangelista**. 2023. 105f Dissertation (Master Science in Agricultural Education). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2023.

The present work is a study of the experiences lived by students as interns at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Minas Gerais - São João Evangelista Campus. The research involved four female and one male former interns who performed their respective non-mandatory internship at the institution in the period from 2016 to 2020 with due acceptance to participate in this research. This is a narrative, empirical-based, qualitative research. The main objective of this research is to understand, through the analysis of the narratives of the experiences of these former students, how the non-mandatory internship, carried out in various sectors of the institution, constituted the formative process of the participants, whether in their professional lives or in their personal lives. The methodological process was based on a series of conversations with former interns who were selected from the files of the institution's Personnel Management sector. The conversations took place virtually, with audio and video recording using the *Microsoft Teams platform*, and were later transcribed and included in Appendix I of this study. The first conversation had the participation of three female former trainees and one male former trainee. The second meeting was attended by four female former interns and one male former intern. The data produced was analyzed in the light of the *indiv* paradigm. At the end of the research, the goal is to understand how the mandatory internship experience can contribute to the personal development of the student intern, contributing equally to his/her professional development as a teacher, even if the practice of this educational act did not take place specifically in the classroom environment. Based on this research and on the analysis of the data obtained, the aim is to encourage discussion about non-mandatory internship, making it possible to analyze the positive impact that the expansion of this educational practice may have on the school environment, on the student's life, and on their training as teachers.

Keywords: Pedagogical narrative; Experience; Non-mandatory internship; Degree in Mathematics; Teacher formation.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID-19	<i>Coronavirus Disease 2019</i>
EAF/SJE	Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista
EJA	Educação de Jovens e Adultos
GRUPES	Grupo Orientandos e Orientandas e Grupo de Estudo, Espaço e Saberes
IFMG	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais
IN	Instrução Normativa
OMS	Organização Mundial da Saúde
ON	Orientação Normativa
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PPGEA	Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola
PUC MINAS	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
RGPS	Regime Geral de Previdência Social
SciELO	<i>Scientific Eletronic Library Online</i>
TAE	Técnica Administrativa em Educação
TCE	Termo de Compromisso de Estagiário
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	Memorial	3
1.2	Problemas de pesquisa	13
1.3	Objetivos	13
2	CAPÍTULO I SOMOS O QUE EXPERIENCIAMOS	15
2.1	Narrativa e experiência	15
2.2	A Narrativa	21
2.3	A Experiência	24
3	CAPÍTULO II O ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO NO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA	37
3.1	Trabalhos relacionados	40
4	CAPÍTULO III METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS	44
4.1	Os coletivos	45
4.2	Conversa como metodologia de pesquisa – Conversando a gente se entende	47
4.3	O paradigma indiciário	51
5	CAPÍTULO IV A ANÁLISE DOS DADOS PRODUZIDOS E A CONSTITUIÇÃO DA PESQUISADORA	54
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
7	REFERÊNCIAS	69
8	APÊNDICES	73
	Apêndice A - Transcrição das rodas de conversas	74
9	ANEXOS	100
	Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	101
	Anexo B - Parecer Consubstanciado do CEP	103

1 INTRODUÇÃO

Nesse momento introdutório do trabalho, tenho como objetivo apresentar, brevemente, a trajetória e o modo de investigação que desenvolvi durante o período da pesquisa. Logo, é importante que eu diga inicialmente que me constitui pesquisadora ao longo deste trabalho. Em razão de nunca ter feito nada semelhante até iniciar esta pesquisa, fui dando poucos e trôpegos passos a cada dia. Para que ela fosse finalizada, eu precisei percorrer um longo caminho. Assim, ao longo de todo este texto, caro leitor, descrevo os movimentos e experiências que culminaram em constituir-me pesquisadora.

Aqui o leitor encontrará uma introdução inicial sobre a instituição que ensejou o curso deste Mestrado, a razão da escolha do tema principal sobre o qual se funda esta dissertação, os objetivos ao executar a pesquisa, as questões secundárias que envolveram a temática central e outras circunstâncias que se entrelaçaram a ela.

Esta pesquisa se tece narrativa e, em razão disso, nela o leitor conhecerá, um Memorial apresentado mais à frente, fragmentos sensíveis da minha própria história, algumas reflexões que circundam-na e como esse percurso me constituiu até aqui. Também como característica da pesquisa narrativa, não há que se falar em isenção e imparcialidade, pois estive totalmente submersa no tema. Dessa forma, o termo mais acertado para minha relação com o tema é imersão.

O projeto inicial desta pesquisa tinha linhas gerais mais convencionais, com intenção de trabalhar com estagiárias e estagiários utilizando entrevistas semiestruturadas e com o objetivo de analisar a relevância do estágio não obrigatório para a formação do estudante do curso de Licenciatura em Matemática do IFMG – *Campus* São João Evangelista. Naquela ocasião, não havia de minha parte qualquer entendimento sobre o que era uma pesquisa narrativa.

No entanto, como o caminho só se conhece andando, de forma despreziosa fui evoluindo nos estudos do tema e na construção dos meus conhecimentos e compreensões. No percurso, fui, pouco a pouco, apresentada a uma abordagem diferente daquela que eu conhecia até ali e conhecendo melhor sobre a pesquisa narrativa.

Compreendendo acerca da pesquisa narrativa, percebi nela um caminho que se relaciona melhor comigo, não apenas como investigadora, mas também como pessoa. Destarte, a opção pela pesquisa narrativa foi uma escolha consciente edificada com o caminho da pesquisa. Foi uma escolha de afinidade com essa forma de abordagem científica que se relaciona acertadamente com a minha forma de compreender a educação e a construção do conhecimento e com o meu reconhecimento enquanto ser humano e como parte de um contexto maior. Foi o despertar da minha compreensão a respeito da pesquisa e da minha própria forma de me perceber no mundo que me conduziu à pesquisa narrativa.

Sou trabalhadora Técnica em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG, *Campus* São João Evangelista desde o ano de 2010. A instituição oferece cursos de nível técnico integrados ao ensino médio, além de superiores e um curso técnico subsequente. Os cursos ofertados pelo *Campus* estão relacionados às áreas Agrícola, Meio Ambiente, Nutrição, Informática, Administração, além de duas licenciaturas, em Matemática e Biologia.

Em razão de ofertar cursos em distintas áreas de conhecimento, desde o ano de 2016 o *Campus* São João Evangelista proporciona também vagas de estágio não obrigatório, recebendo principalmente alunos de cursos técnicos e superiores, tanto da própria instituição, quanto de outras entidades. O estudante que atua na modalidade de estágio não obrigatório, que, conforme disciplina a Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008, é a forma de estágio

desenvolvida como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória, é selecionado a partir de um processo seletivo, que será posteriormente detalhado.

Particularmente nos casos de cursos de licenciatura, o estágio ocupa um lugar importante para a formação do professor, em razão de ensejar uma relação de maior proximidade com o ambiente de trabalho escolar, possibilitando condições para análise e reflexão sobre o seu cotidiano. Conforme Rodrigues (2013), o estágio na docência pode ocasionar a socialização profissional e o caminho de abertura para a prática do ensino e para a formação do professor.

Gostaria de destacar, no entanto, que dentro do IFMG – *Campus* São João Evangelista, a prática do estágio não tem o intuito de oferecer ao estagiário um momento de formação didático-pedagógico voltado para o exercício da docência. Há, entretanto, o propósito de utilizar o espaço do *campus* para propiciar uma melhor vivência acadêmica, contribuindo também para o trabalho em diferentes setores.

Dessa forma, os estagiários assinam os termos de compromisso para realizarem estágio em vários setores da instituição, diversos da sala de aula, independentemente de estarem ou não cursando uma licenciatura. Não obstante ao fato de não estar necessariamente em sala de aula, o estagiário participa diretamente da vivência acadêmica, em contato direto com o cotidiano do trabalho. Sendo assim, não se pode negar a contribuição dos estagiários em várias atividades administrativas desempenhadas no instituto, quer junto ao corpo docente, na retaguarda das atividades didáticas, quer em questões ligadas à gestão do *campus*, como setores de Compras, Almoxarifado e Patrimônio.

Logo, para além da contribuição e da preparação para o mundo de trabalho, é possível identificar e analisar as experiências dos estudantes durante o tempo de estágio, a partir das narrativas de suas memórias desse período.

A proposta desta pesquisa surgiu da conjugação de várias experiências profissionais pelas quais eu passei e que serão descritas adiante. Mas cito brevemente a experiência como Escrivã de Polícia, que possibilitou um olhar aguçado e o registro de narrativas das mais variadas. Posso mencionar ainda minha atuação como estagiária do curso de Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC MINAS – *Campus* Serro e a atuação atual como profissional Técnico Administrativo em Educação no Setor de Gestão de Pessoas do IFMG – *Campus* São João Evangelista, a qual fez surgir um interesse particular pelas narrativas de experiências dos alunos que tiveram a experiência do estágio.

Da experiência no escrivanato, eu trouxe a reflexão no tocante a importância das narrativas individuais, do registro dessas narrativas, das diversas versões e perspectivas de um mesmo fato, da influência que o meio pode exercer sobre o indivíduo e do quanto as experiências individuais e coletivas podem ser transformadoras.

Do meu próprio período de estágio, realizado no gabinete do Juiz de Direito da Comarca de Guanhães/MG, vieram a atenção e meditação acerca da prática processual e seus registros formais e os conhecimentos cotidianos e menos técnicos dos procedimentos jurisdicionais, além do amadurecimento pessoal.

Minha atividade como Técnica Administrativa em Educação do IFMG, por sua vez, possibilitou-me lidar diretamente nos procedimentos de contratação dos alunos estagiários e acompanhar o tempo de estágio de forma geral. O trabalho desenvolvido no setor de Gestão de Pessoas da instituição oportunizou a observação e uma análise mais detida da evolução acadêmica, social e profissional dos estudantes estagiários, possibilitando o acompanhamento de suas mudanças de comportamento com o passar do tempo de estágio.

Portanto, a presente pesquisa teve como proposta a realização de uma análise das narrativas de experiências de ex-estagiárias e ex-estagiários do curso de Licenciatura em Matemática, que realizaram o estágio não obrigatório no IFMG – *Campus* São João Evangelista entre os anos de 2016 a 2020.

A escolha pelo curso de Licenciatura em Matemática ocorreu em razão de que a entidade oferta duas licenciaturas, quais sejam, Ciências Biológicas e Matemática. Todavia, o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas foi implantado há pouco mais de dois anos, logo, não há alunos formados nesse curso. Desse modo, por desejar analisar como a experiência do estágio constituiu o processo formativo do docente, a possibilidade foi trabalhar com egressos do curso de Licenciatura em Matemática.

Dessa forma, espera-se que o desenvolvimento da pesquisa possa oferecer elementos relevantes para se pensar a formação dos estudantes do curso de Licenciatura em Matemática refletindo quanto às narrativas de experiências das ex-estagiárias e ex-estagiários e quanto às influências que esse período pode ter na permanência do estudante no curso e de como ele pode ser constitutivo em sua vida pessoal e profissional.

Logo, a intenção da pesquisa, num primeiro momento, é compreender, por meio da análise de suas narrativas, como as experiências de ex-alunas e ex-alunos, egressos do curso de Licenciatura em Matemática, se constituíram a partir da experiência do estágio não obrigatório.

Não obstante, com o desenvolver da pesquisa, tenho a percepção de que o contato mais próximo com o meio acadêmico e técnico de uma instituição de ensino pode descortinar novos horizontes a esses ex-estagiários e ex-estagiárias, modificando ainda a vida de seu entorno.

Este trabalho foi organizado em três capítulos, cujos conteúdos tratam das abordagens dadas por alguns teóricos acerca do conceito de experiência e sua constituição, as narrativas, o estágio não obrigatório e as experiências que ele proporciona, o percurso metodológico percorrido durante a pesquisa, seu desenrolar e desfecho.

Agora, permitam que eu conte um pouco da minha história e das experiências que essa trajetória me proporcionou.

1.1 Memorial

O auto-retrato

No retrato que me faço
- traço a traço -
Às vezes me pinto nuvem,
Às vezes me pinto árvore
Às vezes me pinto coisas
De que nem há mais lembranças...
As coisas que não existem
Mas um dia existirão...
E, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
Minha eterna semelhança,
No final que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco!

Mário Quintana

Apontamentos de História Sobrenatural (1976)

É difícil retratar-se, é difícil descortinar-se, muito difícil descobrir-se. Relatar minhas memórias me faz refletir sobre a individualidade da minha história, das histórias que cruzaram

a minha e como essas histórias, entrelaçadas com a minha, me forjaram e me conduziram até aqui.

As memórias de um sujeito constituem um dos elementos de sua singularidade. Como diz Ricoeur (2007), é principalmente nas narrativas que se formulam as lembranças do indivíduo e, a partir da narrativa das memórias, esse indivíduo experimenta o olhar para si.

Em cada fase da vida, desde criança até adulta, há uma nova configuração de pessoa. Segundo a frase atribuída a Heráclito¹, “ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio”. Então, é assim comigo também, não sou a mesma de ontem e amanhã serei um pouco diferente de hoje.

Sou de uma família de funcionários públicos. Meu pai, funcionário burocrático e minha mãe, professora da rede estadual. Não havia muitos recursos disponíveis para passeios, festas ou outras banalidades. A prioridade da família era a alimentação e educação dos três filhos.

Nasci no ano de 1973, no interior de Minas Gerais, Guanhães; uma cidade pequena, com poucos recursos, poucas oportunidades de trabalho e de crescimento. Sou a segunda de três irmãos: uma irmã mais velha e um irmão mais novo. As limitações econômicas da cidade criaram a cultura de emigração para outros países, principalmente os Estados Unidos. Muitos dos nossos jovens, pais de família e, até famílias inteiras, emigram para o exterior em busca de melhores oportunidades de trabalho e ascensão financeira.

Nascer e viver mulher, no período da ditadura militar brasileira, em cidade do interior mineiro, de costumes bastantes conservadores, dentro de uma família também de costumes tradicionais, me impôs uma educação pouco progressista. Muito embora meus pais (e principalmente minha mãe) me incentivassem e não medissem esforços para que eu estudasse, sempre houve no seio familiar a cobrança para que o comportamento feminino fosse recitado. Aprendi em casa que a mulher precisaria ser financeiramente independente, mas deveria ter um comportamento social comedido.

Somos da classe trabalhadora e não possuíamos muitos recursos financeiros. Assim, estudar era uma imposição inegociável. Era preciso possuir mais níveis de escolaridade para ocupar o mundo do trabalho e ter independência financeira. Desenvolvemos, eu e meus irmãos, essa preocupação com o futuro, com a estabilidade financeira, com o propósito de melhorar nossas condições de vida.

Recordo-me de minha mãe planejando minha vida no serviço público, quando eu ainda era uma criança, entre meus 7 ou 8 anos, prevendo que eu passaria em concurso para ter tranquilidade financeira e estabilidade de emprego. É engraçado reconstruir essa passagem agora e relacioná-la ao fato de que eu tive muitas experiências profissionais e todas no serviço público. Nunca trabalhei na iniciativa privada.

A maior parte da minha experiência como estudante foi vivida em escola pública em Guanhães e, como resquício da ditadura militar, nossa escola era bastante rígida e disciplinadora. A maioria dos professores iniciava as aulas com uma oração, todos preocupados com o conteúdo ministrado, seguindo rigorosamente o livro didático.

No ensino fundamental fui uma aluna dedicada, estudiosa, disciplinada. Não era a primeira da classe, mas meu desempenho era bom e eu tinha domínio dos conteúdos.

Entretanto, penso que o rigor com que éramos cobrados acabava por engessar o aprendizado e não nos abrir o horizonte da curiosidade. Não fui uma aluna perspicaz, investigadora ou questionadora, pois isso não era permitido. Não nos era permitido o posicionamento.

¹Frase atribuída ao filósofo pré-socrático que viveu entre 540 aC e 470 aC e é considerado o “Pai da Dialética”. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/nao-seremos-os-mesmos/>. Acesso em 22 out. 2021.

Quando cursava a 7ª série, certa vez me distraí para retornar à sala ao final do intervalo e me atrasei cerca de dois ou três minutos. Quando percebi que a professora de Português (uma de minhas matérias favoritas) já havia entrado e estava iniciando a oração, corri para a porta e pedi para entrar. A professora sinalizou para que eu aguardasse a oração e, ao terminá-la, não permitiu minha entrada na classe, mandando-me para a orientação de alunos. Não pude me explicar ou me desculpar. Essa foi a minha única ocorrência de “indisciplina” e me senti muito envergonhada desse fato. Senti-me injustiçada, mas naquela ocasião não havia espaço para diálogo na escola. O ambiente era de aparente cordialidade, mas muito rígido, excessivamente conteudista, havia pouca abertura para a troca entre professores e alunos.

O período do ensino fundamental, entre os anos de 1980 e 1988, teve certa importância na construção de minha personalidade. A partir da interação com outras pessoas, no contexto familiar e social e das experiências extraídas dessas relações, foram sendo tecidas algumas crenças e valores.

Minhas experiências individuais e coletivas, vindas da convivência com alguns grupos (família, escola, amigos, religião), os valores nascidos a partir das interações familiares e sociais, os sentimentos experimentados dessas interações, a cultura adquirida da conjugação de todos esses fatores, me fazem perceber que eu estava inserida em um universo bastante restrito e limitante. Isso me lembra de uma frase atribuída a Albert Einstein²: “Tudo o que o homem ignora não existe para ele. Por isso, o universo de cada um se resume ao tamanho do seu saber”. Eu só conhecia o meu universo restrito e nele não havia estímulo para a investigação.

Em busca de melhores condições para estudar, pois em Guanhães só havia uma escola que oferecia o ensino médio, assim como outros adolescentes da minha época, mudei de cidade para prosseguir os estudos. O ano era 1989. Fui morar desacompanhada de meus pais na capital mineira, eu e minha irmã. Ela trabalhava o dia todo e estudava à noite. Eu ia à aula pela manhã e ficava em casa durante o restante do dia.

Experimentei o deslumbramento com a nova realidade. Da disciplina rígida, passei a uma liberdade com a qual não soube lidar... Foi uma ocasião de certa estranheza, porque, até então, havia muito rigor de comportamento em casa e na escola e, sem alguém para direcionar meu comportamento, acabei me empenhando mais em estabelecer relações sociais do que propriamente em estudar. Cheguei a ser displicente e deixei a vida correr sem caminhar na direção que eu havia planejado.

No meu último ano no ensino médio, me saí muito mal e quase fui reprovada. Prestei meu primeiro vestibular, na UFMG, intencionando ingressar no curso de Farmácia, no entanto não passei nem perto.

O plano era estudar e fazer curso superior, mas acabei terminando o ensino médio, fazendo cursinho pré-vestibular por um ano e não passando na faculdade.

Revisitando esse período, percebo a desatenção da caminhada, o pouco comprometimento com o caminho. Como o vento leva a poeira, me deixei levar pela vida... Não conduzi, fui conduzida. Eu me dediquei pouco e não caminhei na direção do ensino superior com a determinação necessária.

Eu fiz amigos, fui a festas, me diverti e me dediquei a estreitar laços de amizades, deixando em segundo plano aquilo que havia motivado minha mudança de cidade.

Essa recordação me traz certo amargor, frustração, sensação daquilo que prometeu e não cumpriu, do que poderia ter sido e não se concretizou. Não ter ingressado no ensino

² Albert Einstein foi um físico de nacionalidade alemã que desenvolveu a teoria da relatividade geral, e ganhador do Prêmio Nobel de Física em 1921. A frase citada é atribuída a ele e está disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/13969/tudo-aquilo-que-o-homem..> Acesso em: 22 out. 2021.

superior naquela época, me fez entender que eu precisaria me dedicar mais, ser mais metódica e caminhar com mais firmeza em busca do meu futuro. Eu experimentei o fracasso por falta de dedicação cuja responsabilidade pelos planos não concluídos era minha. Nos retratos que me traço e que trago na memória, esse tempo ainda é confuso e talvez eu não saiba defini-lo em palavras. No entanto, foi uma passagem que proporcionou algo valioso: a experiência. A partir desse período, tomei consciência da importância da entrega, da dedicação, do comprometimento comigo mesma e esse aprendizado proporcionou-me experiência.

Doravante a experiência de frustração causada por más escolhas, passei a me observar mais e a decidir mais conscientemente meus rumos.

[...]

Caminho se conhece andando
Então vez em quando é bom se perder
Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber
Perigo é se encontrar perdido
Deixar sem ter sido
Não olhar, não ver
Bom mesmo é ter sexto sentido
Sair distraído espalhar bem-querer

Chico César
Deus Me Proteja (2008)

Então, era necessário seguir, porque o caminho se faz caminhando. A fim de me reencontrar e reorganizar a vida, no ano de 1993, percorri o caminho de volta a Guanhães e fui morar com meus pais novamente. Por um curto espaço de tempo (um ano letivo), e puro acaso, fui lecionar na mesma escola pública que havia cursado o ensino fundamental.

Explico o acaso: a docência não fazia parte do roteiro. Mas, uma vez retornando a cidade pequena, com poucas oportunidades de trabalho, já maior de idade e depois de experimentar uma frustração, era necessário trabalhar e aproveitar as oportunidades que apareciam. O ano letivo já estava em curso e dois professores precisaram licenciar-se para tratamento de saúde. Diz-se no interior que em terra de cego, quem tem olho é rei... Assim, mesmo sem planos de docência, tendo como única experiência em sala de aula o lugar de aluna, por já ter concluído o ensino médio e não haverem outros candidatos mais habilitados, eu preenchi a vaga de professora substituta. Lecionei, veja só, Matemática e Geografia para alunos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental.

Esse período, apesar de curto, foi enriquecedor e de muitas experiências. Inicialmente impactou-me o fato de eu entrar em uma escola que, apesar de ser fisicamente idêntica à que eu estudei, era, em todos os outros aspectos, muito diferente da escola que eu conheci. A liberdade concedida aos alunos, postura dos professores em relação a eles e deles em contrapartida, as relações estabelecidas entre os próprios professores, a forma de gestão da escola, tudo era novo, diferente e deslumbrante. Eu conheci uma escola bem distinta daquela que eu havia estudado, muito mais rica em conhecimento, em cultura e em diversidade. Uma escola mais aberta.

Fui muito bem recepcionada pelos professores e pela direção, além de muito incentivada e auxiliada por eles nas atividades escolares. Apesar de ser bem mais jovem que eles, senti-me parte do grupo. Foi igualmente boa a experiência com os discentes. Lecionava para alunos de todas as faixas etárias, sendo alguns até bem mais velhos que eu.

Foi justamente nessa escola que, entrando com o intuito de ensinar, aprendi sobre o meu lugar de privilégio social. Deu-se um momento no qual eu conheci realidades diferentes das minhas.

Eu tinha 20 anos e lecionava nos períodos da manhã, tarde e noite. Os alunos dos turnos da manhã e tarde, em geral adolescentes, eram mais interessados e bem acompanhados pela família, cuja constituição era semelhante à minha. Eram alunos que tinham seu material escolar completo, confeccionado com capricho, tinham livros didáticos encapados e, em sua maioria, tinham boas notas. Usavam uniformes limpos, tinham rostos corados e, grande parte, apresentava idade compatível com a série que cursavam. Eram crianças e adolescentes participativos, alertas ao que era ensinado. A pesquisa era estimulada e a gestão da escola, aberta ao diálogo e à participação dos alunos. Ávidos pelo conhecimento, eles traziam questionamentos interessantes e diversos. Quando eu os olhava, percebia o quanto meu universo era limitado e limitante naquela idade.

Por outro lado, os alunos do turno da noite, majoritariamente adultos que tiveram poucas oportunidades, chegavam à escola já cansados do trabalho do dia e não se interessavam muito pelo que era ministrado em sala. Por muitas vezes, atrapalhavam o andamento das aulas com conversas paralelas. Às vezes, eu percebia neles, além do cansaço e indiferença para com a escola, algum desdém para com os professores.

Há uma passagem que sempre me ocorre desse período. É uma lembrança permanente que me acompanha, uma recordação me vem, em razão de um aluno do turno da noite. Embora cursasse a 8ª série do fundamental, era mais velho do que eu e exercia a função de frentista de um posto de gasolina da cidade durante o dia. Como a cidade era bem pequena, eu já o havia observado no trabalho, sempre bem atento, sério, compenetrado em abastecer os veículos, cobrar, dar troco, lavar para-brisas. Pelo que eu percebi, como a maioria dos seus colegas, ele saía do trabalho diretamente para a escola. No ambiente escolar, ele era bem diferente, alheio às discussões de conteúdo, estava sempre usando fones, ouvindo música, mesmo dentro da sala de aula. Quando se dirigia a mim, tinha certo ar de deboche. Uma vez pedi para que ele retirasse os fones de ouvido dentro da sala, pois iríamos fazer uma atividade avaliativa para a qual eu precisaria dar instruções e ser ouvida. Ele recusou-se, saiu da sala batendo a porta e não fez a avaliação. Depois disso, ele continuou a frequentar as aulas, nas minhas sem os fones, mas não mudou muito a sua postura.

Havia ainda uma turma de alunos de 5ª série, da modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA, do turno da noite, toda composta por alunos com idades entre 25 e 30 anos, com bastante dificuldade em assimilar o conteúdo. Igualmente a maioria dos alunos do turno noturno, todos trabalhavam durante o dia e também chegavam aparentando cansaço. Essa turma, ao que parece, gostava da minha companhia e mesmo que a minha aula fosse a última da noite, todos ficavam até o final. Não me recordo de nenhum desses alunos ter seguido adiante nos estudos ou ter conseguido ascender profissionalmente.

Desse período guardo uma significativa experiência. Eu fui exposta a uma realidade que até então era desconhecida. Inserida diariamente nesses três mundos tão distintos entre si, eu percebi que nem todas as pessoas conseguem exercer o seu direito à educação e, por mais que se esforcem, não lutam em igualdade de condições umas com as outras. Todos os brasileiros têm direito à educação, mas não podem exercê-lo em sua plenitude. A escola esteve aberta para o ingresso dos alunos, mas a permanência deles no ambiente escolar depende de outros direitos que o Estado não disponibiliza e essa inoperância do Estado inviabiliza o direito à educação.

A experiência extraída desse período foi marcante e, além de oportunizar a conscientização do meu lugar de privilégio no mundo, também contribuiu para que eu passasse a olhar e a tratar as outras pessoas com maior atenção e cuidado.

Remontando essas memórias e refletindo sobre elas no momento presente, vejo com nitidez que eu posso exercer o direito de usufruir da educação ofertada pelo Estado. Mas o usufruto desse direito só é possível em razão de outros direitos aos quais eu tive acesso. Isso demonstra minha condição de privilégio em relação a uma grande parcela de brasileiros.

Findado aquele ano letivo, com o retorno ao trabalho dos professores licenciados, não voltei à docência, mas consegui uma vaga de contrato como Técnica em Educação na Superintendência Regional de Ensino. Foram cerca de dois anos exercendo atividades burocráticas, em contato direto com professores de todas as unidades públicas de ensino da região, com os gestores dessas unidades, com a burocracia envolvida nas atividades relacionadas ao ensino. Olhando pela ótica atual, eu consigo verificar e perceber o quanto a área da Educação estava presente na minha vida sem eu me dar conta disso.

Observar a Educação sob outra perspectiva, a dos gestores e do aparato envolvido no ensino, me possibilitou conjugar as duas partes e construir um entendimento melhor da área. Eu pude conhecer e entender um pouco mais sobre o desenrolar das atividades, conhecendo as nuances da administração do ensino e de sua operacionalização nas escolas.

Paralelamente ao trabalho, segui estudando para concursos públicos, porque eu precisava de estabilidade de emprego na intenção de sentir-me segura. Fiz vários concursos, tanto na área da Educação, como técnica, quanto em outras áreas.

Nesse período, entre um final de semana e outro, entre uma atividade e outra, comecei a namorar o Jairo, atualmente meu marido, companheiro de vida, com quem divido minhas experiências, angústias e alegrias. Meu companheiro tem uma trajetória e experiências muito diferentes das minhas, mas a convivência e os relatos que ouço dele também contribuíram muito para minha observação em relação ao impacto que as experiências pessoais e profissionais imprimem em nossa personalidade.

Jairo vem de uma família criada na área rural, cuja principal fonte de recursos vinha de uma propriedade em que criavam animais para o comércio. Assim ele aprendeu, desde muito jovem, a comprar e vender, comercializar e, desse tipo de mercancia, tirar seu sustento. Costumo brincar que ele aprendeu a matar, pelo menos, um leão por dia para sobreviver e acumular. Já na minha realidade de funcionários públicos, aprendemos a viver dentro de nossa limitação salarial, vendendo nossa força de trabalho para a sobrevivência.

No ano de 1996, fui aprovada no concurso da Polícia Civil de Minas Gerais para o cargo de Escrivã de Polícia, ofício que exerci, após o período de treinamento na Academia de Polícia, até o ano de 2003, na cidade de Guanhães. Ingressar na Polícia foi uma decisão mais motivada pela segurança da estabilidade de um cargo público do que pelo apreço ao exercício do cargo. Fui aprovada em um concurso bem concorrido, aos 23 anos, em 1ª colocação. Isso me fez sentir bem sucedida: eu havia me dedicado ao estudo e sido aprovada. Eu trabalharia em Guanhães, com um salário que eu considerava bom e isso embasou minha decisão de assumir a função.

Um novo caminho, mais uma atividade, e novas experiências... A atividade policial é bastante intensa, exercida num meio autoritário e, em certa medida, desrespeitoso. Lidar no meio policial requer alguma frieza nos sentimentos, muita atenção com o entorno e acaba por moldar a personalidade, desenvolvendo um grau de desconfiança com as pessoas e com suas atitudes. O Policial, no exercício de sua atividade, atua caminhando no fio da navalha, no limiar entre o certo e o errado, entre o bem e o mal. Se por um lado ele precisa atuar como a mão do Estado no monopólio da força legítima, por outro lado ele está constantemente exposto à possibilidade de extrapolar sua função e representar o Estado causando danos, por vezes irreversíveis, a uma pessoa ou mesmo a uma comunidade.

No exercício do ofício do escrivano, me deparei com muitas situações inusitadas e com pessoas ainda mais diferentes daquelas com as quais eu havia convivido até ali. No período como Policial Civil, eu pude observar menores infratores se transformarem em

adultos criminosos, enquanto os responsáveis pela segurança do Estado perpetuavam a situação de um Estado inseguro.

Meu trabalho como escrivã consistia basicamente em ouvir relatos e transcrevê-los. Ouvia várias versões do mesmo fato: do acusado, das testemunhas, da vítima e do policial. Muitas vezes os relatos eram feitos no dia do ocorrido, no calor dos acontecimentos, carregados de emoções muito vivas, como nos casos de prisão em flagrante. Algumas vezes, as histórias eram narradas depois de alguns dias, ou meses da ocorrência do fato, logo, algumas memórias se perdiam. Cada pessoa narrando, a partir de sua perspectiva carregada de suas próprias experiências. Muitas situações, narrativas, fatos inusitados e chocantes me acompanharam no período em que trabalhei como policial.

Recordo-me que, numa das minhas primeiras atuações, logo no início da carreira, cheguei conduzido um rapaz que, posteriormente eu soube, era praticante contumaz de furtos na cidade. Quase todos os colegas que trabalhavam na delegacia comigo já estavam lá há mais de 10 anos e conheciam os assíduos frequentadores do estabelecimento, mas eu ainda não tinha nenhuma familiaridade com esse mundo. Ele chegou, trazido pela Polícia Militar, como suspeito de vários furtos ocorridos na cidade e, em sua posse, foram encontrados alguns objetos que, provavelmente, eram produtos de furto. Eu e o Delegado fomos proceder a oitiva do suspeito que se encontrava algemado. Proceder a oitiva de alguém, seja suspeito, testemunha ou vítima, é reduzir a termo seus relatos. No entanto, apesar dos muitos indícios de sua participação nos furtos, o rapaz recusava-se a dizer o que quer que fosse.

O Delegado que me acompanhava, em dado momento, pediu-me para buscar um café e eu saí da sala, que foi imediatamente fechada às minhas costas. Ato contínuo, ouvi vários barulhos e gritos vindos de lá, mas não tive coragem de abrir a porta e dirigi-me à copa para buscar o café, já muito assustada. Poucos minutos depois, o Delegado foi até a copa pedindo que eu voltasse à sala, pois o rapaz havia “se convencido” de que deveria nos contar o que sabia. Voltei com o coração aos pulos e lá encontrei o rapaz com um ar derrotado, ainda algemado, com as roupas desalinhadas no corpo. A oitiva processou-se sem outras interrupções e o rapaz respondeu a todos os questionamentos que lhe foram feitos, confessando vários dos furtos.

A partir desse fato e, com muita cautela para não melindrar os ânimos, fui, aos poucos, convencendo o Delegado que eu poderia proceder as oitivas sozinhas e, somente em casos de grande necessidade, eu solicitaria seu auxílio. Para isso, eu precisei reformular minhas posturas diante dos colegas e do público que eu costumava atender. Precisei convencer as pessoas de que eu era capaz de proceder a tomada de declarações e que tinha firmeza necessária para exercer as funções.

Desde então, até em casos de prisão em flagrante, eu passei a trabalhar sozinha em minha sala de trabalho, a que chamávamos de cartório, sem acompanhamento de Delegado ou de outros investigadores. Como meu trabalho não era operacional, que no jargão policial significa ir para a rua realizar investigações, eu contava sempre com um aparado do lado de fora do cartório. Sempre havia policiais circulando dentro da delegacia e, caso fosse imprescindível, eu solicitava ajuda.

Quando entrei na polícia, numa delegacia de Guanhães, não havia divisões de departamentos e eu trabalhava com inquéritos policiais e outros procedimentos investigativos que versavam sobre todos os tipos de delitos. Dentre eles, havia sempre buscas e apreensões de menores infratores que, cometendo pequenos furtos ou em razão do uso de entorpecentes, iam parar na delegacia. Nessas ocasiões, o procedimento era entregar o menor infrator aos pais, mediante a assinatura deles num documento denominado de Termo de Guarda de Menor.

Certa ocasião, por volta das 14h, chegou um menor apreendido, que contava com cerca de 12 anos e havia furtado dinheiro num estabelecimento comercial em horário que

deveria estar na escola. A mãe desse menor foi chamada para receber seu filho e assinar o Termo de Guarda, e comecei a conversar com ela. Soube que a família vivia no bairro mais pobre da cidade e era composta pela mãe, solo, aquele filho e outra filha mais nova. A mãe trabalhava fora, como gari na Prefeitura Municipal e saía de casa bem cedo para o trabalho. Fui informada de que aquele menor não frequentava a escola e perguntei o motivo da evasão. Ela me disse, com uma voz resignada e desanimada, com um suspiro de cansaço, que ela já o havia aconselhado a voltar, mas que ele não queria.

Esse episódio trouxe, mais uma vez, a reflexão sobre minha própria vivência e sobre a importância da educação e da escola. Ir à escola, em minha família de origem, era inegociável. No entanto, meus pais podiam nos acompanhar de perto, tinham um trabalho que não lhes exigia esforço físico extenuante, dividiam as obrigações de cuidado com os filhos e podiam nos direcionar para o caminho que entendiam ser o melhor para nós.

Em paralelo à vida profissional, casei-me e fui mãe no ano de 1997, e posso afirmar que a maternidade é, sem dúvida, a experiência mais marcante da minha vida. Raquel, minha filha, conheceu o mundo em 12 de Dezembro de 1997 e, ao nascer, ela deu à luz a uma mãe totalmente inexperiente.

À medida que a filha crescia e era cuidada, eu precisei aprender a ser mãe, a cuidar e a ensinar. Sua evolução como ser humano, meu crescimento como mãe, meu envolvimento com o cuidado com outro ser, atividade que eu desconhecia até então, carimbaram minha vida de forma decisiva. Cuidar e direcionar outra pessoa reavivou-me na memória, em várias ocasiões, o aluno displicente do turno noturno, o menor infrator e sua mãe e os alunos mais velhos da querida turma de 5ª série da noite. Fez-me refletir ainda mais sobre oportunidades e empatia. Mais um caminho, mais um retrato que foi impresso e emoldurou minha personalidade.

Durante os anos de polícia, ficou muito clara para mim a situação de desigualdade existente no país e como essa desigualdade, em um círculo vicioso, contribui para sua própria perpetuação. Ficou muito visível como o aparelhamento estatal funciona para manter opressores e oprimidos nessa condição. Embora o texto das leis nos coloque em patamar de igualdade, definitivamente não somos iguais. Não há oportunidades para todos.

Mais uma vez o aprendizado a partir da experiência se manifesta, apresentando-me novas realidades e, a partir dessas experiências, algumas peças da engrenagem da minha personalidade são mexidas. Eu fui testemunha da transformação pela qual passaram várias pessoas, tanto policiais quanto cidadãos comuns.

Quando penso nesse período, vários outros episódios, às vezes muito inusitados, me ocorrem. Em alguma medida, eu desenvolvi certa dureza e frieza. Em dadas oportunidades, eu percebi-me sendo autoritária e desrespeitosa. Apesar de não ter mais presenciado e de não admitir mais agressões físicas em minha presença, eu tinha conhecimento de várias situações de desrespeitos aos direitos mais básicos dos cidadãos. E passei a perceber que esses fatos, com o tempo, vão sendo assimilados com naturalidade, como parte do jogo. Mas eu, definitivamente, não queria me acostumar com isso.

Esse período de 08 anos dividiu águas e, a partir daí, apesar de ainda não estar certa em qual direção profissional eu seguiria, eu entendi que esse caminho policial não era o meu. Esse período ficou inscrito em minha personalidade e editou ainda mais a forma com que eu percebo a organização social em nosso país. As discrepâncias são muito evidentes e eu não as havia percebido com tanta nitidez até então.

Foram momentos ricos em experiência, ricos em observação e entendimentos, mas eu precisei encerrar essa etapa. Já disposta a deixar a atividade policial, ocorreu que meu marido comprou uma empresa na cidade de Juína/MT e mudamos para lá. Assim, já desiludida com a atividade policial, pedi exoneração e fomos morar em outro estado.

Morando no estado de Mato Grosso, passei no vestibular da Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT e iniciei o curso de Direito em 2004. Novas oportunidades, novo caminho sendo trilhado e novas experiências se apresentaram. Estudar numa instituição federal de ensino foi, sem dúvida, uma experiência marcante que propiciou o contato com a diversidade de vivências e formas de agir e pensar. Tratava-se de um convênio entre a UFMT e a Prefeitura Municipal para uma turma especial do curso de Direito na cidade que não contava com um *Campus* universitário. Assim, as disciplinas eram ministradas em módulos e passávamos uma semana inteira tendo aulas de uma mesma matéria. Fomos apresentados inicialmente à Introdução ao Estudo do Direito, com o professor Carlos, o Carlão, com as aulas mais incríveis que eu já tive o prazer de assistir. Ele falava sobre Filosofia, Direitos Humanos, Sociologia, normas jurídicas e até Psicologia.

Nesse tempo, eu readquiri o gosto pelo estudo e me dediquei muito para aprender e assimilar tudo o que era exposto. Além disso, a sala de aula era composta por pessoas com grande diversidade. Havia colegas muito jovens e outros já na casa dos 50 anos, gente que estava começando a vida e gente que já estava estabelecida, mas queria aprender. Muitas realidades, muitas ideias novas. Ali eu fiquei somente pelo curto período de um ano, mas foi muito proveitoso em experiências. Por esse breve período e pela dedicação daqueles que nos conduziram, eu cheguei a cogitar seguir a carreira jurídica.

No entanto, o caminho se faz caminhando, e foi preciso dar um passo atrás. Meu marido vendeu a empresa e voltamos a Guanhães. Voltei a Minas Gerais, mudei de faculdade, e continuei o curso me graduando em Direito pela PUC – Minas do Serro em 2010.

A PUC é uma instituição de ensino bastante tradicional, mas bem diferente em termos de metodologia de ensino das universidades federais. Lá também contei com excelentes professores, principalmente no campo da Filosofia. Nesse período, eu percebi que compreender sobre a Filosofia das normas nos abre caminhos para compreender todo o ordenamento jurídico e isso é um ótimo instrumento para a hermenêutica jurídica.

Lá pelo meio do curso de Direito, na PUC, eu ainda empolgada com a possibilidade de seguir pelos caminhos jurídicos, passamos a cursar uma disciplina que se constituía basicamente em prestar atendimento jurídico a pessoas carentes da cidade, ajuizar suas ações, sob o acompanhamento de professores que já advogavam e acompanhar o andamento desses processos. Também passei a ter mais familiaridade com as demandas judiciais ao estagiar no Gabinete da Juíza da Comarca de Guanhães.

Iniciei o período de estágio como estagiária voluntária, ou seja, não remunerada. Naquela ocasião, a legislação não vedava esse tipo de estágio. Entretanto, com alguns meses de prática e o surgimento de uma vaga de estágio remunerado, passei a essa modalidade. Eu queria ter a experiência da prática jurídica. Minhas funções incluíam a confecção de minutas de despachos e sentenças em autos de processos, realização de audiências processuais e conciliações na vara de família da Comarca. Com realização de audiências e conciliações, uma parte bastante significativa do estágio consistia em ouvir narrativas. Já para a confecção das minutas de documentos, eu precisava ler e formar uma opinião sobre os relatos. Assim, as narrativas estavam sempre presentes na prática processual e era necessário compreendê-las e observar as óticas das partes, tanto para exarar uma decisão nos autos, quanto para propor e promover uma conciliação entre as partes.

Sobre esse período, não há um fato específico que tenha sido determinante ou tenha marcado minha memória de forma decisiva, mas a partir da visualização das causas, da participação em audiências, ouvindo os anseios das partes e seus advogados, fui me desiludindo com a militância jurídica. Percebi que alguns advogados prometem o ganho de causas impossíveis, incentivam uma demanda longa, fadada ao insucesso que se torna o objeto de desejo da vida de uma pessoa. Também observei a morosidade do Estado em dar cabo de situações às vezes tão singelas. Mais uma vez, observei pessoas, seus

comportamentos, situações e todas essas experiências, impressas em minha personalidade, revelaram outro retrato e levaram-me a concluir o curso, mas não a seguir o caminho jurídico.

Comecei a fazer outros concursos e, no ano em que me formei, 2010, fui nomeada como Assistente em Administração no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG – *Campus* São João Evangelista, voltando a trabalhar na área da Educação. Dentro do IFMG, trabalhei diretamente com registros escolares, com planejamento e compras e, finalmente, no setor de Gestão de Pessoas, desde o final de 2018.

O trabalho no setor de Gestão de Pessoas exige que nos relacionemos com todos os servidores do *Campus*, sejam eles professores, efetivos ou contratados, técnicos administrativos e estagiários, desde sua iniciação nas atividades até a aposentadoria, passando por toda a vida funcional. Assim, no setor, recebemos o servidor que chega, fazendo os primeiros encaminhamentos e esclarecimentos, cuidamos da vida funcional de cada um deles, como frequência, folha de pagamento, adicionais, progressões, nomeações e demais encaminhamentos e ainda finalizamos sua jornada de trabalho, seja com aposentadoria, exoneração ou conclusão de contratos.

Uma das atividades que executamos dentro do setor consiste na seleção e contratação de estagiários. Desde que presto serviço no setor, sempre componho comissões que objetivam a contratação desses estudantes. Dentro do setor em que trabalho é que são celebrados os Termos de Compromissos dos estagiários e lá temos a tarefa de acompanhar o estágio no que diz respeito a documentação, renovação do compromisso, finalização do estágio. Assim lidamos direta e frequentemente com cada estudante estagiário. Gosto particularmente de lidar com os estagiários.

Minha própria experiência como estagiária do curso de Direito foi importante na definição de meus rumos e, lidar com eles na instituição me faz verificar que suas experiências adquiridas nesse ambiente também “suleiam”³ suas jornadas. Quando iniciei no setor, havia uma estagiária que nos auxiliava na execução das mais diversas tarefas. Ela cursava Agronomia no IFMG e também Administração em outra instituição. O estágio no setor relacionava-se ao curso de Administração.

Segundo seu próprio relato, ela voltou a estudar já depois de alguns anos de conclusão do ensino médio e não via muitas perspectivas de crescimento. Iniciou o curso de Administração, fora do IFMG. Com o objetivo de se manter no curso e auxiliar nas despesas pessoais, concorreu ao estágio. Já cursando Administração, e estagiando no setor de Gestão de Pessoas, interessou-se pela Agronomia, prestou o vestibular e iniciou o curso no *Campus*.

Convivendo com ela diretamente, eu observei que, a cada aprendizado e a cada tarefa concluída, ela adquiria mais desenvoltura e segurança nas atividades. Convivendo naquele meio, com pessoas que buscam qualificação a todo o momento, ela adquiriu o gosto pelo estudo, pela leitura e pela pesquisa. Durante o tempo de estágio, ela desenvolveu, em conjunto com um professor do curso de Agronomia, um projeto relacionado à produção de mel. Ao finalizar o estágio, essa estagiária foi trabalhar numa indústria de laticínios da região, emprego relacionado ao curso de Agronomia, que concluiu no IFMG – *Campus* São João Evangelista, mas continua estudando para concursos e almeja o mestrado.

Tornamo-nos amigas, sempre nos encontramos e eu posso acompanhar de perto a sua trajetória e como a experiência do estágio foi determinante em sua vida, seja pelo aprendizado prático, seja pelo convívio com os profissionais técnicos e docentes dentro do *Campus*. Percebo que esse convívio descortinou para ela novos horizontes, novas possibilidades de

³ Aproprio-me aqui do posicionamento crítico de Paulo Freire que utilizou o termo “suleá-los” no livro “Pedagogia da Esperança” chamando a atenção sobre a ideologia envolvida no verbo nortear. Os vocábulos nortear, norteiam, norteador, etc. recorrem-se ao termo norte como referência universal. Ao fazer uso da flexão verbal “suleá-los” Freire defende e valoriza a identidade dos povos do hemisfério sul.

aprendizado e de trabalho e com isso ela ampliou seus planos de estudo e de progresso profissional. Eu vi a estudante insegura evoluir para uma mulher mais decidida e resoluta.

As experiências dessa estagiária, sua evolução e suas conquistas, assim como as minhas próprias experiências e a conjugação delas com as experiências que observo de outras pessoas que cruzaram meu caminho, me fazem refletir.

Lidamos diretamente com as pessoas e com suas particularidades; trabalhar com pessoas é desafiador, complicado, mas também é encantador, porque cada pessoa constitui um universo próprio. Conhecer e lidar com universos distintos nos permite diversas e novas experiências a cada momento. Em nossas relações, sempre oferecemos algo de nós e recebemos alguma coisa das outras pessoas. Dessas relações extraímos experiências e essas experiências nos moldam, nos emolduram, nos modificam e nos transformam todos os dias.

Todas essas oportunidades e experiências contam um pouco da minha trajetória profissional, mas principalmente foram transformadoras em minha vida. À medida que as etapas da vida foram sendo ultrapassadas, as experiências adquiridas foram me qualificando para outras fases da vida. A cada avanço, a cada fracasso, uma nova nuance da minha personalidade surgia ou se aprimorava. A cada nova experiência, uma mudança acontecia e uma nova configuração de personalidade surgia. Minhas experiências me forjaram como um indivíduo único com tudo o que me é peculiar, que me assemelha e me diferencia de outros indivíduos.

A partir das experiências, ocorreram modificações substanciais dos meus valores e por elas eu passei a observar mais, melhor e mais detidamente as outras pessoas e a diversidade de realidades ao meu redor. Minhas experiências imprimiram em minha personalidade o desejo de observar e identificar o quanto as experiências dos outros são decisivas em suas jornadas.

Observar o universo de cada um, seus comportamentos, suas mudanças de atitudes, sua evolução. A partir da observação do meu universo, das minhas mudanças proporcionadas, das experiências pelas quais passei, nasceu o desejo de retratar e relatar as experiências e mudanças de outras pessoas.

Pela convivência com os estagiários no setor de Gestão de Pessoas e pela experiência percebida com a estagiária do próprio setor, eu passei a refletir sobre estudantes no início de suas vidas acadêmicas, a insegurança dos primeiros passos e, após o contato com a diversidade, com o novo, com a prática, como suas jornadas foram alteradas. A partir dessa observação, eu entendo que o diálogo de experiências pode também proporcionar às pessoas a transformação de suas realidades. Observar o quanto um estudante se modificou a partir do relato de sua experiência no estágio: esse é o meu interesse.

1.2 Problemas de pesquisa

Como tudo o que eu vivi me conduziu ao caminho que trilho agora, concluo que todos nós somos forjados a partir de nossas experiências. Assim, observando o processo formativo dos estudantes, durante e após a experiência do estágio, ocorreu-me o seguinte questionamento: Como as experiências narradas pelos ex-alunos, licenciandas e licenciandos em Matemática, que realizaram estágio não obrigatório nos diferentes setores do IFMG – *Campus* São João Evangelista, podem constituir processos formativos na/com/da docência no campo da Matemática?

1.3 Objetivos

A partir do meu questionamento sobre as experiências dos estagiários e estagiárias, tive alguns propósitos a alcançar com a realização desta pesquisa que se desdobraram em duas ordens: objetivo geral e objetivos específicos, conforme descrição a seguir.

Como objetivo geral desta pesquisa tem-se compreender, por meio da análise de suas narrativas, como as experiências de ex-estagiárias e ex-estagiários do curso de Licenciatura em Matemática, que realizaram o estágio não obrigatório em diversos setores do IFMG – Campus São João Evangelista, constituíram processos formativos na/com/da docência no campo da Matemática.

Por sua vez, são objetivos específicos da pesquisa:

- a) Identificar e analisar as diferentes dimensões de narrativas de experiências dos ex-estagiários e ex-estagiárias;
- b) Compreender como a experiência do estágio não obrigatório pode constituir o exercício da docência na área de Matemática e a vida pessoal do ex-estagiário;

Compreender como pesquisar sobre experiências, narrativas e como o contato com as experiências de ex-estagiárias e ex-estagiários constituíram a minha própria experiência como profissional e como pesquisadora.

2 CAPÍTULO I

SOMOS O QUE EXPERIENCIAMOS

2.1 Narrativa e experiência

Ao longo da vida e, pelo conhecimento popular, podemos perceber a experiência como aqueles conhecimentos acumulados por meio do cotidiano e da vivência e que, posteriormente, são transmitidos e partilhados entre as pessoas de maneira não intencional. Trata-se de um fenômeno cultural, uma vez que essa partilha ocorre pela oralidade, pelos comportamentos e pela cultura.

Pelo conhecimento popular, entendemos a experiência num sentido cotidiano de acúmulo de saberes práticos bem como de repetições de uma determinada tarefa. Assim, quem tem mais conhecimento é mais experiente e, da mesma forma, quem repete uma atividade mais vezes também acumula essa experiência.

Olhando com mais profundidade, a partir dessa compreensão que emerge do conhecimento popular, ou dos saberes comuns partilhados, podemos encontrar no meio acadêmico diferentes estudiosos que se dedicam a desenvolver o conceito de experiência em diversas perspectivas. Dessarte, em meus estudos sobre experiências, como também sobre narrativas de experiências, busquei conhecimento em filósofos e filósofas, pensadores, cientistas e professores, nos quais me apoiei para construir e alicerçar o conhecimento sobre esses temas.

Os estudiosos que direcionaram as diferentes dimensões do termo experiência foram chegando primeiramente pelas mãos da orientadora desta pesquisa, Dra. Adriana Alves. Através de sua costumeira paciência, ela me apresentou aos teóricos que inspiraram a minha compreensão dessa temática. Eles vieram por textos, ensaios, resenhas, por outras pesquisas e por livros. Adriana me auxiliou na compreensão das ideias desses pesquisadores, em encontros particulares ou através dos coletivos que formamos, que você conhecerá mais adiante. Um pouco mais à frente, em trabalho de parceria com Adriana e comigo, juntou-se a nós a Dra. Luciana Haddad, coorientadora deste trabalho, em quem também me apoiei para consolidar os conhecimentos que fundamentam esta pesquisa.

Antes de ingressar no programa de mestrado, eu não conhecia muitos dos pensadores, filósofos e autores, aos quais fui apresentada nestes dois anos de trabalhos. Os caminhos desta pesquisa me conduziram a dialogar mais estreitamente com os estudos de Walter Benjamin, John Dewey e Bell Hooks. Num plano de menos protagonismo, busquei mediação também com François Dubet e com E. P. Thompson. Na esteira para a conclusão desta dissertação, pude conhecê-los, como também compreender sobre sua visão acerca de experiências e narrativas.

Então, desde os esforços iniciais para a definição do roteiro a ser seguido para este estudo, aprendi inicialmente que não há que se falar em narrativas de experiências, sem pensar-se desde logo em Walter Benjamin.

O biógrafo Bernd Witte (2017) registra que Walter Benjamin (1892 – 1940) nasceu em Berlim e viveu no período compreendido entre as duas Grandes Guerras Mundiais o que, certamente, marcou significativamente sua vida e sua obra. As experiências dos horrores das guerras vividas por ele e pelos seus contemporâneos foram narradas em livros, filmes e outras formas de arte e influenciaram toda a humanidade.

Sobre a rica personalidade do biografado, Witte (2017) apresenta-nos também as inquietações que acompanham Benjamin desde a infância em relação à sua condição de “criança burguesa bem nascida”:

A ambivalência que se liga às figuras deformadas dessa infância só se interrompe em raros momentos em que a criança se torna ela mesma, na medida em que ela escapa à sua classe. Nesse sentido se interpreta a lerdice do rapazinho, seu ‘hábito de sempre ficar para trás cerca de meio passo. Era como se eu não quisesse de modo algum formar uma linha de frente, mesmo que fosse com minha própria mãe’. (WITTE, 2017, p. 14).

E assim, sob a abordagem dessa figura densa, complexa e fascinante que é Walter Benjamin, inicio minha análise e impressões sobre o conceito de experiência e sobre a relevância das narrativas.

O próprio Benjamin, então, nos expõe suas singularidades e aborda a importância das narrativas de experiência do ponto de vista de um homem que, inobstante o fato de ter nascido em família abastada, não foi poupado da realidade experimentada no período das Duas Grandes Guerras Mundiais. Sua abordagem, por vezes desiludida sobre o seu tempo, pareceu-me um alerta para as gerações que viriam adiante no que concerne a necessidade da transmissão de seus conhecimentos, suas vivências, suas passagens, enfim, suas experiências.

Em seu texto “Experiência e Pobreza”, Benjamin (2021) nos proporciona uma reflexão acerca da transmissibilidade das experiências, seja de forma benevolente ou ameaçadora, através da oralidade do entorno de uma lareira ou dos provérbios repassados pelas gerações.

Sabia-se muito bem o que era a experiência: as pessoas mais velhas passavam-na sempre aos mais jovens. De forma concisa, com autoridade da idade, nos provérbios; em termos mais prolixos e com maior loquacidade, nos contos; por vezes através de histórias de países distantes, à lareira, para filhos e netos (BENJAMIN, 2021, p. 85).

Benjamin (2021) salienta a importância do saber popular partilhado de formas variadas, como os provérbios ou ditados populares, os contos, as histórias de terras longínquas contadas aos filhos e netos, vistos como uma forma de condensação de informações, de conceitos e de práticas. Mas esse autor destaca também que o grande avanço do conhecimento técnico nos encaminhou para um empobrecimento, uma indigência da experiência das narrativas, de contar e de transmitir as próprias experiências. Apesar do reconhecimento da importância das narrativas de experiências, é preciso que se reconheça, outrossim, que essa partilha foi, cada vez menos, praticada nos tempos modernos.

Com Benjamin, podemos refletir, com mais propriedade, acerca da pertinência do universo de narrativas e de como a narrativa promove a partilha de experiência e de saberes. Sua abordagem no que tange a relevância da experiência passada de pessoa para pessoa, é muito marcada no texto “O Narrador”, como nesse trecho:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras (BENJAMIN, 1987, p. 198).

Nessa obra, Benjamin também enaltece as experiências partilhadas por narradores anônimos, sejam eles viajantes ou pessoas que não saíram de seu país, mas que conhecem as histórias pela tradição. Esse é um ponto muito importante na obra de Walter Benjamin, pois ele exalta a arte narrativa, que se difunde de várias maneiras, sob formas diferentes, quer pela oralidade, quer por manifestações culturais, contos, provérbios e ditos populares. Dessa

forma, podemos entender que Benjamin deseja retomar a importância da partilha de experiências pela narrativa.

Sob a ótica benjaminiana, as narrativas feitas através de provérbios ou de histórias vindas de países distantes, transmitidas diante do fogo da lareira através de contos de avós para netos, ou ainda de qualquer outra forma, seja pela informalidade da oralidade, seja através de outras manifestações culturais, são maneiras valiosas de transmissão das experiências que foram se perdendo ao longo do tempo (BENJAMIN, 2021).

Com Walter Benjamin (2021), podemos compreender como o intercâmbio de experiências foi paulatinamente interrompido, em razão do avanço da modernidade e, por conseguinte, a importância dessa partilha na consolidação do saber cotidiano foi deixada de lado.

A obra de Benjamin nos permite perceber a dimensão da experiência como algo que constitui o indivíduo no mundo de uma maneira tão forte e arrebatadora que o indivíduo necessita preservar. As pessoas preservam suas experiências, suas memórias, narrando-as a outras pessoas. O prolongamento da experiência, por meio da narrativa, possibilita sua elaboração como um processo coletivo que ultrapassa a singularidade do indivíduo. A narrativa da experiência conecta as pessoas e sua cultura. Narrar experiências, assim, possibilita a preservação da memória.

Logo, aponta Benjamin, a diminuição, e às vezes a extinção, das práticas narrativas tem como consequência a diminuição da preservação da memória que acaba por empobrecer as vivências sociais.

Importa destacar que Benjamin (2021) discorre sobre a experiência, a partir do contexto histórico do início do século XX, marcado por tensões sociais, avanço da modernidade, com a estruturação do capitalismo como o conhecemos hoje e no entremeio das Duas Grandes Guerras Mundiais. Dessa forma, não se pode negar que sua obra é carregada da ótica sombria que entrecorta esse período. O estudioso aponta grandes acontecimentos da história mundial, desde a Primeira Grande Guerra e a consequente volta dos soldados emudecidos do campo de batalha, além da marcha da modernidade, dentre outros, que atravessaram o caminho da narrativa e interromperam a partilha de experiências entre as pessoas.

É necessário destacar a tensão histórica que atravessa o caminho da experiência no momento em que Walter Benjamin produziu sua obra e observar a produção benjaminiana, a partir da compreensão desse período.

O entendimento do período histórico que atravessa os estudos de Benjamin, embasado na leitura de obras produzidas em diferentes momentos da vida do autor, é o que fundamenta a compreensão do empobrecimento da humanidade em relação à partilha de experiências. Sob as lentes benjaminianas, compreendemos que a desvalorização da experiência funda-se no gradual desinteresse da humanidade pela narrativa, visto que as pessoas perderam o desejo de passar adiante suas vivências. Com o avanço da modernidade, atrelado ao contexto histórico do início daquele século, as pessoas deixaram de perceber suas vivências cotidianas como experiências dignas de serem elaboradas e narradas para a posteridade, pois as pessoas não se sentiam mais arrebatadas por elas.

Desse modo, podemos dizer que há estreita relação entre a narração e a experiência. A narração está diretamente conectada a experiência que o narrador, ou contador de história, traz consigo. Em outras palavras, “quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia” (BENJAMIN, 1987, p. 213). Uma série de experiências de vida é transmitida e circula através da narrativa. O sujeito amplia seu leque de experiências, quando entra em contato com as experiências de outras pessoas, de outros grupos, de outros indivíduos. Assim, o compartilhamento permite que as experiências

culturais sejam difundidas entre as pessoas. Funda-se aí a pertinência das narrativas das experiências, a difusão do conhecimento popular e prático.

Outrossim, nos estudos de Benjamin (2021), compreendemos o valor da transmissão da experiência através das narrativas e o quanto essa prática foi progressivamente interrompida ao longo da história da humanidade. E entendemos, por conseguinte, que essa interrupção acontece mediada pela tensão social que perpassa a obra do filósofo.

Tanto em *O Narrador* quanto em *Experiência e Indigência*, Walter Benjamin se atenta para a importância da partilha de experiências através da narrativa e para a premente extinção dessa prática de repartir conhecimentos. Em “*O Narrador*”, assim ele se expressa:

Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo. [...] Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável (BENJAMIN, 1987, p. 198).

Em “*Experiência e Pobreza*”, Benjamin (2021) nos chama a atenção sobre como o desenvolvimento da técnica pode ter empobrecido a humanidade de experiências e de partilha de experiências.

Este gigantesco desenvolvimento da técnica levou a que se abatesse sobre as pessoas uma forma de pobreza totalmente nova. E o reverso dessa pobreza é a angustiante riqueza de ideias que se difundiu – melhor, se abateu – sobre as pessoas, com o regresso da astrologia e do ioga, da *Christian Science* e da quiromancia, do vegetarianismo e da gnose, da escolástica e do espiritismo. O que nisso se mostra não é, de fato, um autêntico renascimento, mas uma galvanização. [...] Aqui se mostra, da forma mais evidente, como a nossa pobreza de experiência é apenas uma parte da grande pobreza que ganhou um novo rosto – com nitidez e o recorte exato do mendigo medieval (BENJAMIN, 2021, p. 86).

Em Benjamin, é possível compreender o encontro de narrativas de pessoas diversas, cada um com sua própria história e suas próprias compreensões, formando um conjunto de experiências. O encontro de histórias, que permite contar outras histórias, cujo conteúdo é a experiência acumulada que será partilhada, produzindo conhecimento.

No contexto histórico que cerca *Experiência e Pobreza*, no início do século XX, Benjamin lastima que a mudança social tão interativa, com a chegada dos processos de industrialização mais ostensivos e com a clara marca da lógica produtivista, coloca a experiência numa condição mais empobrecida. As pessoas não se interessam mais em narrar, pois não há mais o que preservar. Se não se deseja mais preservar, em si ou no outro, não há mais o interesse e o desejo de narrar, de contar, de reproduzir as experiências. Esse apontamento trazido por Benjamin é válido tanto para grandes acontecimentos, como as guerras, como também para os pequenos acontecimentos cotidianos.

Benjamin lamenta o fato de que a experiência foi sucumbindo em razão da modernidade. O conhecimento que é construído pela socialização das experiências, que se dá através das narrativas, é muito importante para a manutenção da cultura, para a preservação da história e da memória. Dessa forma, quando a prática na narrativa deixa de estar presente nas relações entre as pessoas, há uma tendência de esvaziamento da própria experiência.

Na verdade, de que nos serve toda a cultura se não houver uma experiência que nos ligue a ela? A detestável mistura de estilos e de visões do mundo do século passado mostrou-nos tão claramente aonde leva o uso hipócrita e simulado da experiência, que é uma questão de honra confessar hoje nossa pobreza. Temos de admiti-lo: esta pobreza de experiência não se manifesta apenas no plano privado, mas no de toda a

humanidade. Transforma-se, assim, numa espécie de nova barbárie (BENJAMIN, 2021, p. 86).

Benjamin (2021) atenta-nos sobre a importância de lembrar o que a sociedade, entendida aqui sob o prisma da classe dominante, quer esquecer. Isso porque a história se faz a partir da memória. Ela é o material no qual se funda a narrativa histórica. E é mister reconhecer o passado reluzindo no presente, nas recordações que são narradas, pois somente assim a história dos vencidos passará adiante. No texto “Sobre o Conceito de História”, ele assim esclarece:

A verdadeira imagem do passado passa por nós de forma fugidia. O passado só pode ser apreendido como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu reconhecimento. [...] Articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo “tal como ele foi” Significa apoderarmo-nos de uma recordação (*Erinnerung*) quando ela surge como um clarão num momento de perigo. Ao materialismo histórico interessa-lhe fixar uma imagem do passado tal como ela surge, inesperadamente, ao sujeito histórico, no momento do perigo (BENJAMIN, 2021, p. 11).

Nesta pesquisa o desejo foi de possibilitar aos ex-estagiários e ex-estagiárias o momento da narrativa, de narrarem-se e escutarem-se e, sobretudo, de produzirem uma narrativa histórica. Com isso, eu pretendi concluir uma pesquisa, enriquecendo-me através dela e, talvez, propiciando o enriquecimento desse grupo pesquisado bem como da comunidade a qual pertencemos.

Sob o prisma do filósofo Philippe Lejeune (2014), podemos perceber que a narrativa da própria história, há muito tempo foi legada a uma classe economicamente privilegiada, pois a palavra não costuma ser concedida às classes menos favorecidas.

No entanto, esse autor percebeu que, nos anos iniciais desse nosso século, vem sendo mais frequente uma nova técnica de autobiografia, consistente em coletar, através de gravações em áudio, os relatos de anônimos que posteriormente seriam publicados em livros (LEJEUNE, 2014). O literato, no entanto, chama atenção também ao fato de que, nesse tipo de biografia, a palavra é tomada do narrador e transcrita por um escritor.

Biografar os anônimos, transformando seus relatos de vida em registros históricos, é oportunizar a concessão da palavra a eles ou, nos dizeres de Lejeune (2014), tomar deles a palavra para transformá-la em escrita.

Retratar a história de indivíduos anônimos é abrir-lhes caminho, ofertando a essas pessoas o espaço necessário para elaborarem e narrarem sua história, partilhando suas experiências. É importante registrar a visão de mundo do retratado, preservando seus relatos e assinalando seus interesses. A fonte se expressa por sua memória e não necessita se restringir à escrita. Ao redator cabe a elaboração, a estruturação, a consolidação da memória em texto escrito (LEJEUNE, 2014).

Conhecer os relatos daqueles que viveram a experiência permite-nos conhecer também sua visão de mundo para entender como essas experiências constituem o indivíduo. Ao registrar essas experiências, autor e narrador se amalgamam e se articulam, de forma a passarem adiante a experiência de um pelas mãos do outro.

Assim, utilizando-me das minhas mãos, da minha compreensão sobre experiências e narrativas como instrumento para contar suas histórias, procurei iluminar o passado e compreender o reflexo dele no presente das ex-estagiárias e do ex-estagiário que colaboraram comigo neste estudo.

No ensaio “Sobre o Conceito de História”, Benjamin (2021) me auxiliou no entendimento do quão importante é compreender o passado e percebê-lo refletivo no presente.

Sendo assim, precisamos compreender a história não como conjunto linear de acontecimentos, mas precisamos percebê-la como emancipadora da humanidade.

Então, quando ouvi e registrei as narrativas das experiências do grupo que participou desta pesquisa e, quando narrei a eles minhas próprias experiências, certamente uma nova compreensão dos fatos surgiu e eu, junto desses pesquisados, nos unimos de uma forma peculiar, produzindo conhecimento. Certamente, cada um de nós desse grupo pesquisado passará adiante esse conhecimento de uma forma, modificando nossos entornos de alguma maneira. Dessas reuniões, saíram entendimentos diversos, que serão multiplicados de formas diversas em cada grupo, num círculo virtuoso de partilha de saberes, na busca de luz para clarear o passado e construir um novo presente.

O registro da vida do sujeito das classes trabalhadoras traz luz às histórias cujos registros são escassos, mas cujos relatos contribuem na difusão do saber popular, do conhecimento cotidiano. Essa é a condição de se formar a consciência de classe, fazendo germinar valores que serão multiplicados entre outros indivíduos.

Nas palavras de Lejeune:

Em contrapartida, quando aos indivíduos dos outros grupos (camponeses, artesãos, operários de pouca importância etc.), não existe praticamente nenhuma possibilidade de que suas vidas sejam contadas por escrito (por eles próprios ou por outrem) e impressas. O discurso sobre elas permanecerá apenas na memória de seu grupo (seu vilarejo, seus pares) e raramente irá além desse círculo. Enclausuradas em seu meio, suas vidas não têm o tipo de individualidade próprio para suscitar interesse, em geral vinculado à mobilidade e ao êxito social (LEJEUNE, 2014, p. 154).

Quanto a esse registro da memória pessoal, Ricoeur (2007) lembra sobre a singularidade da memória, seu caráter particular, assinalando que o passado do indivíduo reside em sua memória, que reúne todas as experiências vivenciadas por ele. Ricoeur (2007) registra o caráter de originalidade contido na memória individual, que reside no ato de “lembrar-se”, assinalando que “ao lembrar-se de algo, alguém lembra de si” (RICOEUR, 2007, p. 107).

É na narrativa que o sujeito associa suas memórias, retrocedendo em suas lembranças, como demarca Ricoeur (2007). Em suas reminiscências, as pessoas demarcam a passagem do tempo e deixam suas memórias através de suas narrativas.

Sobre isso, Benjamin (2021) destaca a importância de se revisitar o passado e compreendê-lo não como um passado estático, mas que se move todas as vezes que é rememorado e que se presentifica, refletindo-se no presente. Em Benjamin, podemos entender que o passado em movimento se manifesta no presente, quando compreendemos, por exemplo, o caminho que a ex-estagiária e o ex-estagiário passaram a trilhar, a partir de sua constituição pessoal e profissional, possibilitada pela experiência do estágio.

Quando jogamos luz no passado desses indivíduos e percebemos com clareza esse passado ecoando no presente, a partir da análise das suas narrativas, compreendemos como a memória individual de cada um deles se imiscuiu e produz a memória coletiva do grupo pesquisado.

Dessa forma, a partir da observação da prática do estágio, do registro da história do estudante e do profissional e da partilha de experiências relatadas pretende-se, além de fazer o registro da experiência do indivíduo, contemporizá-la e demonstrar a importância dessa prática pedagógica na formação do estudante e para sua vida social e profissional.

Estudar os textos desses filósofos e pensadores e compreender o entendimento deles sobre a relevância dessa passagem de conhecimento de pessoas para pessoas, deu-me boa condição de pesquisar como o conhecimento transmitido aos estagiários por profissionais, dentro da instituição, podem constituir outros profissionais e como isso pode ser visto como

construção de conhecimento que será multiplicado em outros grupos diversos do universo da instituição de ensino.

Durante o tempo de estágio, é possibilitado ao estudante a interação de conhecimento com os profissionais que já trabalham na instituição que recebe o estagiário. Esse diálogo de saberes e experiências pode ser bastante relevante ao estudante e constitutivo do futuro profissional.

A importância do estágio na vida profissional do docente somente poderá ser identificada a partir da análise da história do indivíduo. Em razão disso, a possibilidade de relatar sua experiência do início do estágio, durante seu desenrolar e ao término, e a relevância a ser atribuída a esse tipo de prática acadêmica, somente faz sentido a partir do relato do próprio profissional que estagiou.

Os elementos que embasam este trabalho estão registrados de forma audiovisual e escrita por uma pesquisadora, que também se coloca como narradora de suas experiências. É certo que a fidelidade do registro é fundamental, mas também é inegável que há algo de muito singular sobre mim mesma em tudo o que há nesta pesquisa.

2.2 A Narrativa

No curso deste trabalho, a pesquisadora foi localizando-se na pesquisa narrativa e compreendendo que todo panorama envolto nesse tipo de pesquisa caminha junto com ela, a compõem e a constitui. Eu e os participantes desta pesquisa nos encontramos, cada um de nós, em um momento singular da vida. Nossas vidas andaram junto da pesquisa e dos acontecimentos que envolveram o contexto histórico da época. Tudo o que aconteceu conosco e com nosso entorno está, de uma ou outra forma, na produção dos dados, na sua análise e na conclusão do texto.

Dessa forma, considero ser importante uma rápida contextualização do momento histórico que vivenciamos com a pandemia de COVID-19. Através da imprensa mundial, soubemos, do que inicialmente chamou-se de infecção respiratória, que acometeu moradores de uma província na China, no final do ano de 2019. A partir do início do ano de 2020, essa infecção respiratória ultrapassou os limites daquele país e passou a circular pelo mundo, fazendo com que a Organização Mundial da Saúde – OMS decretasse primeiramente situação de emergência de saúde pública, em janeiro, e estado de pandemia em meados de março do ano de 2020.

Assim, desde março de 2020, com a decretação de pandemia e o aumento progressivo de casos da doença em todo o território nacional, passamos a vivenciar uma realidade bastante diferente, de isolamento social. Também pela imprensa mundial, soubemos que essa doença, nomeada de COVID-19, fez incontáveis vítimas fatais pelo mundo todo e igualmente no Brasil, nos inundando de incertezas, medo, ansiedade, crises nas mais variadas esferas da sociedade e da economia.

Um grande número de empresas privadas e públicas, além de instituições de ensino, deixaram de realizar atividades de forma presencial e passamos a nos recolher em nossas casas, executando dali as tarefas da vida cotidiana e do trabalho de forma isolada.

Esse movimento de recolhimento e de isolamento social foi inicialmente compreendido como algo que duraria alguns dias. No entanto, essa crise mundial perdurou por quase dois anos e atravessou minha vida profissional, pessoal e a maior parte do curso de Mestrado e de produção desta pesquisa. Dessa forma, entre março de 2020 e novembro de 2021, eu, e quase todas as pessoas que eu conheço e com quem convivo, nos abdicamos da proximidade física, do contato próximo e passamos a desenvolver quase todas as nossas atividades isoladamente.

Toda essa mudança de comportamento das pessoas e da coletividade certamente produziu uma crise econômica que ecoou em todo o mundo e, obviamente, permeou a minha vida, como a de todas as pessoas que vivenciaram esse momento.

Esta pesquisa, por isso, foi quase que totalmente produzida nesse momento histórico, em tempos de pandemia do COVID-19. A maior parte dos textos que eu li e sobre os quais refleti, assim como as aulas do curso de Mestrado, as reuniões de grupos coletivos e reuniões com os pesquisados, nas quais foram produzidos os dados que fundamentam este trabalho, ocorreu em contexto de isolamento social e recolhimento. Foi um tempo em que passei bastante recolhida comigo mesma e com os meus, dedicando-me ao cuidado dos que amo, ao estudo e à pesquisa.

Nesse momento singular da história da humanidade, envolvido pelo medo, por incertezas e angústias, eu procurei esperar. Fui compreendendo sobre experiências e também sobre narrativas, sobre narradoras e narradores. Percebi, enfim, que a alquimia mística que leva narradoras e narradores a engendrar suas histórias, conjugando suas experiências com experiências de outras pessoas, certamente constrói ensinamentos. Foi assim que esta pesquisa foi gestada, com passos lentos, num momento bastante peculiar da história mundial e da minha própria vida.

Narrar esse momento ajuda-me a alcançar sua dimensão e a compreender a importância da própria narrativa na vida das pessoas. Busco as mãos de Walter Benjamin (1987) que, em *O Narrador*, refere-se ao ato de narrar como uma arte cujo artista apoia-se na experiência para passar adiante ensinamentos e reflexões de vida. O narrador existe a partir de sua relação com o ouvinte.

Gosto muito dessa reflexão no que concerne a narrativa como o trabalho de um artista, que reúne ideias, histórias e ensinamentos e os passa de forma a levar o ouvinte a refletir e concluir, por si mesmo, sobre o que lhe foi dito.

Durante as pesquisas para esta dissertação, deparei-me com observações muito singulares sobre as narrativas e os textos narrativos. No entanto, foi especialmente interessante deparar-me com um trecho sobre narrativas que transcrevo a seguir:

Narrar é a expressão da inconformidade com apenas uma versão histórica. Por isso, Chimamanda Ngozi Adichie (2009) inicia sua famosa conferência sobre *O perigo de uma história única* com a afirmação: *Sou uma contadora de histórias para dizer que as muitas histórias importam*. Quando Anzaldúa explicava às irmãs latino-americanas por que era levada a escrever, dizia muitas coisas que importam muito nesse momento, mas destaco as seguintes: *Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar uma íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia* (SIMÕES, 2021, p. 21).

Reflico sobre a singularidade dessa passagem, uma vez que esse livro chegou até mim como uma dessas “coincidências” do destino. Eu havia encomendado um livro sobre rodas de conversa cuja entrega atrasou muito. Contatei a editora, por uma rede social, cobrando a encomenda e, como reparação pelo atraso, junto dela recebi a obra *Narrativas na/da pandemia* de brinde. Trata-se de um livro pequeno, de fácil leitura e cujo primeiro texto, do qual extraí o trecho transcrito, é uma reflexão sobre o ato de narrar. Foi, de fato, um bom presente que me rendeu considerações interessantes.

Dessa forma, a “coincidência” que trouxe esse livro até mim enriqueceu um pouco mais este trabalho e constitui um dos fragmentos da história que compõem este estudo. São histórias como essa que compõem as narrativas e que, por suas peculiaridades, as tornam tão ricas e encerram em si ensinamentos preciosos.

Dessa obra, destaco mais um trecho que, de forma poética e delicada, sinaliza sobre narrativas:

Narradoras e narradores são poetas de sim, compositoras e compositores de suas existências: insubordinadas, alquímicas e políticas. Transformam as suas experiências em atos afirmativos e formativos, juntando os rastros de memórias e conectando-os a outras vidas. (SIMÕES, 2021, p. 20).

Resgatando o que nos deixou Walter Benjamin (1987) e observando como ele trata as narrativas de experiências, compreendemos a relevância do ato de narrar e das formas como essas narrativas são compartilhadas entre as pessoas. As narradoras e narradores de experiências relatam o que vivenciaram, tanto em viagens e aventuras em terras distantes, como no que passaram, sentiram e conheceram na vida cotidiana em suas terras natais.

As experiências são reunidas e narradas por pessoas que viajam e se lançam na busca de terras longínquas e também por mulheres e homens que não deixaram suas raízes, no entanto, comunicam-se e narram suas histórias através de suas tradições. Certamente, há que se reconhecer, ainda, a importância da combinação desses dois tipos de narrativas na construção do conhecimento coletivo.

A extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendido se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos arcaicos. O sistema corporativo medieval contribuiu especialmente para essa interpenetração. O mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina; cada mestre tinha disso um aprendiz ambulante antes de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro. [...] No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário (BENJAMIN, 1987, p. 199).

Esses ensinamentos, consubstanciados em experiências pessoais, se amalgamam em saberes coletivos e tornam-se patrimônio da humanidade, uma experiência coletiva, uma vez que “a experiência que passa de pessoas a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores” (BENJAMIN, 1987, p. 198). A marca do narrador, impressa em sua narrativa, leva suas idiossincrasias adiante que, fundida com as singularidades do ouvinte, forma mais uma narrativa que será levada a outros ouvintes. Assim, circula a narrativa, a experiência e produz-se o conhecimento do qual a humanidade se beneficiará, fundando o saber coletivo. Diante disso, podemos dizer que um dos alicerces do conhecimento coletivo é a difusão de experiências através das narrativas. Podemos dizer, assim, que as narrativas são parte do conjunto do patrimônio da humanidade e grande incentivadora da construção do conhecimento coletivo e de sua difusão.

Logo, a partir do que conheci com Walter Benjamin em “O Narrador” (1987), penso que a subjetividade da narrativa, longe de ser um fator complicador na construção do conhecimento, auxilia na partilha de experiências que consubstancia e robustece os saberes coletivos e dos conhecimentos historicamente construídos. A humanidade aprende com a narrativa e ela nos conecta com a experiência coletiva.

Benjamin (1987) reflete sobre o elemento da análise psicológica que está ausente nas narrativas e que essa concisão favorece a memorização por parte do ouvinte, contribuindo para que ele passe a história adiante. Isso porque, o narrador, via de regra, não explica, não traz a informação interpretada e, dessa forma, a narrativa comporta múltiplas compreensões.

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de reconta-la um dia (BENJAMIN, 1987, p. 204).

Para firmar sua posição quanto à relevância da narrativa na construção e difusão do saber coletivo e dos conhecimentos historicamente construídos, Benjamin a contrapõe ao

romance cujo escritor faz um exercício de imaginação isolada, segregada, solitária e cujo leitor, igualmente de forma solitária, se apropria de forma impessoal da obra. O narrador, noutro giro, inspira-se em sua experiência e nas experiências alheias e nessa partilha de experiências ele incorpora outros relatos a sua própria narrativa. Trata-se de uma tradição embasada na oralidade e nos saberes populares que é tecida a partir da relação do narrador com outras pessoas.

Minha constituição como pesquisadora narrativa certamente percorreu esse caminho de conjugação de minhas narrativas com as narrativas dos colaboradores da pesquisa, porque é uma característica da pesquisa narrativa estar situada na experiência das pessoas. E, dessa forma, os meus próprios relatos e os relatos das colaboradoras e colaboradores desta pesquisa fundiram-se e forjaram uma experiência que nossas histórias passarão adiante e, talvez, possibilitarão a formação de novas narrativas, colaborando na construção de novos saberes.

Clandinin e Connely (2015) nos ensinam que, no caminho de constituir-se pesquisador narrativo, levamos conosco nossas histórias, assim também como os participantes da pesquisa o fazem. Essas histórias não começam nem se acabam na pesquisa, mas se fundem, se amalgamam e transformam-se em novas histórias, em novas narrativas que serão levadas adiante pelo pesquisador e pelos pesquisados.

Como pesquisadores, vamos para cada novo campo de pesquisa vivendo nossas histórias. Nossos participantes também entram no campo da pesquisa no meio do vivenciar das suas histórias. Suas não começam no dia em que chegamos, nem terminam quando partimos. Suas vidas continuam. [...] ao entrarmos no campo de pesquisa, carregamos conosco e encontramos pré-narrativas – vidas em movimento, estruturadas narrativamente, com o recontar ainda por vir durante a pesquisa (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 99-100).

Assim, a condução deste trabalho de mestrado, desta pesquisa e, afinal, desta dissertação foi um caminho essencialmente narrativo. Durante esse percurso, a exemplo do que ensinou Benjamin (1987), eu bebi da fonte das experiências de outras pessoas e posso agora imprimir em minha narrativa a marca daqueles que me proporcionaram ouvir suas histórias.

2.3 A Experiência

A partir de quando surgiu a ideia deste trabalho, desde as primeiras linhas do projeto, ouço frequentemente da sábia orientadora desta dissertação que um bom texto deve pegar o leitor pela mão e conduzi-lo pelo caminho percorrido pelo pesquisador. Então, quero te fazer um convite: pegue minha mão e venha comigo... Vou te contar narrativas sobre as experiências de algumas pessoas que estavam num momento singular de encontro e de formação. São ex-estudantes que decidiram, naquele momento e adiante, a partir das condições em que se encontravam, aceitar o desafio de fazer um estágio não obrigatório, fora da área de estudo, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – *Campus São João Evangelista*.

Convido-te também para, junto a mim, refletirmos acerca das experiências e para analisarmos como elas podem ser constituidoras, profissional e pessoalmente, de cada um de nós.

Nesta pesquisa me proponho a produzir conhecimento para a comunidade educacional e para o campo de pesquisa como um todo, sem distanciar-me da intenção de promover minha própria formação. Entremeio a esses propósitos, quero demonstrar como isso nos ensina a respeito da experiência do estágio na formação de estudantes estagiários e estagiárias, de

educadores em início de carreira. Objetivo a compreensão de um quadro amplo, para além da subjetividade desses encontros.

E, para refletir sobre minha própria formação enquanto técnica administrativa em educação, quero ainda, contar-te fragmentos da minha história, relatando-te minha trajetória como pesquisadora, como esta pesquisa constituiu-me e ajudou-me a compreender melhor a relevância do processo de estágio não obrigatório dos estudantes dentro do IFMG – *Campus São João Evangelista*.

A minha inserção no mundo do trabalho em educação, no setor que lida, dentre outras coisas, com contratação de estagiários, possibilitou-me a observação de situações que despertaram meu interesse nesse processo formativo por uma razão singular: a transformação dos estudantes durante a jornada de estágio.

Observando as condutas dos estudantes durante o processo de estágio, percebi que esse instrumento pedagógico se configura formativo, mobilizador e bastante marcante na vida desses estudantes e que, em razão disso, o período de estágio é o palco para muitas de suas experiências.

Assim, penso que é conveniente que possamos analisar o conceito de experiência, a partir de um prisma reflexivo e analítico sobre o estágio e sobre sua relevância na formação desses profissionais iniciantes da educação e, como já indiquei no início do capítulo, nosso principal interlocutor nesse caminho para a compreendermos sobre experiência é o filósofo e pensador alemão Walter Benjamin.

Preciso repisar onde já mencionei acima que, no contexto atual, é bastante difundida a ideia da experiência que se mistura com certa representação de competência, ou dito noutros termos, de se considerar que se é experiente em alguma coisa. Entretanto, o que pretendo com o desenvolvimento do entendimento do termo é, em certa medida, contestar esse ideário no que concerne à experiência restrita a algo ou alguma coisa. Desejo alargar a compreensão sobre a experiência, trazendo outros pensadores, mas ainda mantendo a já anunciada interlocução com Benjamin.

A proposta deste momento do trabalho é olhar para o conceito de experiência de forma crítica e aprofundada, a partir de diferentes perspectivas, buscando luz para compreender e me apropriar de forma mais robusta dessa ideia. Para isso, procurei por autores que se debruçaram ainda mais relacionado ao tema. Os conceitos trazidos pelos estudiosos que se dispuseram a dissertar sobre o tema guardam muitas similaridades, mas também encerram distinções que, na maioria das vezes, são sutis e requerem análise detida.

Pode-se entender a experiência como os conhecimentos acumulados pela humanidade e que por ela são transmitidos, não de forma individual, mas por meio de convivência com os outros, de forma coletiva.

Ana Smolka (2006) pode nos ajudar no entendimento do termo nessa perspectiva:

A experiência num primeiro nível é singular, subjetiva. Num segundo nível, é uma experiência universal, objetiva. Seu valor transcende o sujeito individual. Para Kant, há uma síntese *a posteriori*, de caráter associativo, no nível da percepção, psicológica; e há uma síntese *a priori* – de caráter lógico-transcendental, que confere ao conhecimento universalidade e necessidade. (SMOLKA, 2006, p. 103).

Logo, podemos assimilar o conceito de experiência, a partir da visão de um todo, da perspectiva da humanidade. A experiência, que é acessada e partilhada por todos nós e para cuja ampliação coletiva também contribuimos além de desenvolvermos, simultaneamente, nossa própria experiência individual.

Podemos dizer, então, que todos nós podemos nos beneficiar da experiência acumulada ao longo do tempo pela humanidade que possibilita, por sua vez, uma visão do conceito de experiência, à luz de um prisma universal. Essa é o que podemos chamar de

experiência socialmente partilhada que, em certa medida, contrapõem-se a ideia de vivência subjetiva que limita a visão de experiência como o conhecimento que se acumula unicamente pelo indivíduo.

Nossa concepção de *signo*, elaborada a partir das contribuições de Vygotsky e Bakhtin, é radicalmente diferente (SMOLKA, 2004; 2005; PINO, 2005). É precisamente a possibilidade de significação, de produção de signos sentidos, que redimensiona o organismo e dá a ele um novo estatuto. O corpo, como signo, tem estatuto de sujeito, condensa palavras e gestos, práticas e sentidos historicamente produzidos. Nesse corpo/signo é possível a experiência humana singularizada/generalizada. A ênfase é posta então nas tensões que o corpo – significativo – condensa: as marcas da cultura, da história, do outro, no corpo, no sujeito; mas também a singularidade do sujeito na elaboração de uma síntese (SMOLKA, 2006, p. 109).

Assim, percebendo e assimilando o conceito do termo experiência, diante de um enfoque mais amplo e de uma dimensão mais abrangente, podemos dizer que o sujeito se beneficia individualmente da experiência vivida e aprende a partir dela, mas que ele também dá sua contrapartida para a experiência coletiva, contribuindo para a construção do conhecimento em nível de coletividade. A experiência é pessoal, mas também (e talvez principalmente) coletiva.

Andando por esse caminho, podemos nos rememorar da compreensão de Walter Benjamin (1987) que, como já substancialmente delimitado no subitem anterior, fundamenta a construção do saber coletivo na difusão das experiências através da narrativa. Esse entendimento do filósofo corrobora a compreensão de uma experiência universalmente partilhada que alicerça a construção do conhecimento coletivo.

O filósofo norte-americano John Dewey dedicou grande parte de seus estudos ao entendimento sobre a percepção e assimilação da experiência humana, tendo em relação a esse conceito uma visão particular. Seus trabalhos acerca do tema nos fazem perceber que, na sua ótica, uma experiência, para ser completa, deve percorrer caminhos de forma tal a proporcionar ao indivíduo uma estabilidade não estática, mas rítmica e evolutiva.

Em *Arte como Experiência*, John Dewey (2010), atenta para sua percepção sobre uma experiência contínua do indivíduo, posto que o sujeito interage constantemente com seu ambiente. Em suas próprias palavras, “a experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver” (DEWEY, 2010, p. 109).

Um ponto importante a se observar na obra ‘*Arte Como Experiência*’ é sua distinção acerca de uma experiência incompleta, que ele nomeia como incipiente, de uma experiência singular. Em linhas gerais, no primeiro caso a experiência não se completa, em razão de alguns fatores internos ou externos, ao passo que, no caso da experiência singular, todo um caminho é percorrido para a completude da experiência. Dito noutros termos, numa experiência completa há um determinado caminho, um percurso até o desfecho da experiência, sua consecução. A partir de sua consecução, a experiência seria, assim, assimilada mediante a outras experiências do sujeito. Logo, “[...] conclui-se de tal modo que seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação. Essa experiência é um todo e carrega em si seu caráter individualizador e sua autossuficiência. Trata-se de uma experiência” (DEWEY, 2010, p. 110).

A experiência singular, no sentido que ele define como vital, deve ser marcada por situações e episódios e, independentemente de ser considerada corriqueira ou de maior relevância, deve destacar-se por deixar marcar a memória de maneira duradoura. Assim ele a desenha:

Nessas experiências, cada parte sucessiva flui livremente, sem interrupção e sem vazios não preenchidos, para o que vem a seguir. Ao mesmo tempo, não há sacrifício da identidade singular das partes. [...] Em uma experiência, o fluxo vai de algo para algo. À medida que uma parte leva a outra e que uma parte dá continuidade ao que veio antes, cada uma ganha distinção em si. O todo duradouro se diversifica em fases sucessivas, que são ênfases de suas cores variadas. Por causa da fusão contínua, não há buracos, junções mecânicas nem centros mortos quanto temos uma experiência singular (DEWEY, 2010, p. 111).

Sob a ótica deweyana, a experiência é produzida em movimento de continuidade e interação entre o indivíduo e seu entorno. A respeito da experiência do pensamento, o autor chama a atenção para o seu aspecto de continuidade, pois a conclusão de um pensamento não é uma parte descolada do todo, mas é a consumação do movimento. Nas palavras do autor, “na verdade, em uma experiência de pensamento, as premissas só emergem quando uma conclusão se torna manifesta. [...] A ‘conclusão’ não é uma coisa distinta e independente; é a consumação de um movimento” (DEWEY, 2010, p. 113).

O pensamento de Dewey (2010) chama a atenção para questões relativas à peculiaridade de cada indivíduo, às idiossincrasias. Logo, cada pessoa é única e singular. Cada indivíduo está em constante formação, a partir de seu contexto social, sua cultura e os valores morais aos quais está submetido.

O âmbito e o conteúdo das relações medem o conteúdo significativo de uma experiência. A experiência de uma criança pode ser intensa, mas, por falta de uma base de experiência anteriores, as relações entre o estar sujeita a algo e o fazer são mal aprendidas, e a experiência não tem grande profundidade nem largueza (DEWEY, 2010, p. 123).

Essa estruturação particular de cada pessoa é continuamente articulada entre teoria e prática. Em contexto da educação, podemos então dizer, em conformidade com o pensamento deweyano, que cada educando absorverá aquilo que lhe é ensinado de uma forma própria e peculiar, tendo como embasamento as experiências a que é continuamente submetido.

Para Dewey (2010), a educação é fundamentalmente uma prática alicerçada na ação, na experiência. A educação não deve ser uma construção do homem à parte do mundo, mas sim estar envolta nas condições sociais em que estamos. A interação é a base da construção do conhecimento e, assim, o educando não deve ser apenas o receptor de conhecimento, mas deve interagir para construir, conjuntamente do educador, o conhecimento.

Apesar das idiossincrasias afeitas a cada experiência, Dewey também chama a atenção para o que é comum a várias experiências, ainda que sejam particulares. Ele explica que existem conjunturas habituais a serem satisfeitas, seja qual for a experiência. Há padrões comuns, pois todas as experiências são resultado da relação entre qualquer indivíduo vivo e o mundo em que ele habita. O resultado da experiência, qualquer que seja a particularidade do indivíduo que está submetido a essa experimentação, será a adaptação mútua entre o sujeito e o objeto. Apenas assim a experiência tem seu termo. Qualquer que seja o indivíduo, qualquer que seja a experiência, o resultado dela é a harmonia havida da total interação entre ambos (DEWEY, 2010). Nas palavras do próprio autor:

O processo segue até emergir uma adaptação mútua entre o eu e o objeto, e essa experiência específica chega ao fim. O que se aplica a esse exemplo simples é aplicável, em termos da forma, a todas as experiências. A criatura atuante pode ser um pensador em seu gabinete de estudos e o meio com que ele interage pode consistir em ideias em vez de uma pedra. Mas a interação dos dois constitui a experiência total vivenciada, e o encerramento que a conclui é a instituição de uma harmonia sentida (DEWEY, 2010, p. 122).

O autor explica, ainda, que esse padrão ocorre uma vez que a experiência não se constitui tão somente do fato de um indivíduo realizar ou estar sujeito a algo, mas porque existe uma interação entre o fazer e o estar sujeito, entre a ação e a reação do indivíduo à experiência. A intensidade da experiência depende da base de experiências a que o sujeito esteve submetido anteriormente.

Dewey acrescenta que a percepção da experiência é afetada por todos os fundamentos existentes entre a ação e a reação à experiência. Ele diz que o termo da experiência pode ser afetado tanto pelo excesso da ação do sujeito, quanto pelo excesso de receptividade daquilo a que ele é submetido. E, dessa forma, havendo o desequilíbrio da relação entre a ação e a reação à experiência, ela torna-se incompleta e restrita (DEWEY, 2010). Em suas palavras:

O gosto pelo fazer, a ânsia de ação, deixa muitas pessoas, sobretudo no meio humano apressado e impaciente em que vivemos, com experiência de uma pobreza quase inacreditável, todas superficiais. Nenhuma experiência isolada tem a oportunidade de se concluir, porque o indivíduo entra em outra coisa com muita precipitação. O que é chamado de experiência fica tão disperso e misturado que mal chega a merecer esse nome. A resistência é tratada como uma obstrução a ser vencida, e não como um convite à reflexão. [...] As experiências também têm seu amadurecimento abreviado pelo excesso de receptividade. Nesse caso, o que se valoriza é o mero passar por isso ou aquilo, independentemente da percepção de qualquer significado (DEWEY, 2010, p. 123-124).

Nesses casos de excesso de ação ou de receptividade há uma experiência distorcida, pois o equilíbrio entre a ação e a receptividade não aconteceu. Esse desequilíbrio não permite que as impressões possam relacionar-se com os fatos, impedindo a formação de um valor que seja testado e organizado pelo sujeito.

Assim, para Dewey, uma experiência completa, singular, depende de alguns fatores, como as experiências anteriores do sujeito, seu contexto social, seu aprendizado prévio, o equilíbrio entre o agir e o sujeitar-se a algo. Podemos dizer que uma experiência é percebida pela razão, mas processada pela emoção, uma vez que os sentimentos do sujeito interferem na percepção da experiência a que foi submetido (DEWEY, 2010).

Fundado no direcionamento proporcionado por Dewey, na perspectiva da educação, podemos concluir que um modelo educacional verdadeiramente voltado para o aluno deve levar em conta seus interesses e sua experiência. O foco deve ser o aluno, com sua experiência, com sua vida e com seu conhecimento, ou seja, o aluno deve ser elemento central da educação. Isso porque somente haverá a construção do conhecimento num processo contínuo de experiência mediante as vivências anteriores desse educando.

De acordo com os ensinamentos trazidos por Dewey, a experiência é o que possibilita e pode proporcionar o aprendizado. Há na experiência a grande possibilidade educativa, desde que a vivência do educando seja levada em conta. Obviamente, não devemos desconsiderar a importância do conteúdo e do docente na construção desse conhecimento. No entanto, o foco central da educação deve ser o educando, trazido a partir de suas experiências e seu contexto de forma geral. Penso que Dewey nos mostra a experiência como possibilidade de aprendizagem, a experiência sensorial como possibilidade educativa assente ao relacionamento do educando com o mundo.

Num contraponto da percepção benjaminiana, John Dewey (2010) compreende a experiência de forma mais qualitativa e com contornos que podem ser mais direcionados. Dewey (2010) compartimenta as experiências em tipos delimitados como, por exemplo, experiência educativa, artística, didática, formativa entre outras. Seus escritos nos fazem crer que, para Dewey (2010), uma experiência educativa aconteceria de forma tal que mobilizaria no sujeito o desenvolvimento educativo e não necessariamente na integralidade do indivíduo.

Igualmente, para o autor, uma experiência artística gera na pessoa o desenvolvimento de cognição relacionado às artes e, não obstante, poderia não mobilizá-lo em outras áreas de conhecimento.

Das obras de Walter Benjamin, por outro lado, podemos entender que ele compreende a experiência como uma unidade de sentido que mobiliza a complexidade do indivíduo e que, independente da área em que se tenha tido a experiência, ela se arrasta para mobilizar a cognição do sujeito em sua totalidade, trazendo para ele um arrebatamento generalizado, em sua completude. Dessa forma, Benjamin entende a experiência como algo mobilizador do indivíduo como um todo, em sua integralidade, em sua visão de ser humano atuante no mundo.

Dewey tem uma visão interessante, que eu absorvi como cirurgicamente cunhada, e bastante didática sobre a experiência e sobre sua assimilação pelo sujeito. Em relação à perspectiva do autor, é pertinente considerar que se trata de um homem branco, de classe mais abastada e que expressa seus pensamentos diante de um contexto histórico mais distante.

Percebo também um ponto de tangenciamento entre as ideias de Dewey (2010) e de Walter Benjamin (2021). Ao observar a compreensão do termo experiência, tanto em Dewey (2010), quanto em Benjamin (2021), percebo que ambos consideram bastante relevantes as experiências pretéritas dos indivíduos na consecução de experiências vindouras. Uma pessoa elabora uma experiência a qual esteve submetido a partir de suas vivências e conhecimentos anteriores a ela. No contexto educacional, essa também parece ser a compreensão da norte-americana Bell Hooks (2017), como veremos mais adiante.

Buscando complementar essa visão através de uma lente mais contemporânea, chegou-me Bell Hooks. Seu pensamento expressa a visão de mundo e as vivências de uma mulher negra advinda da classe trabalhadora que viveu as transformações do Século XX. À luz de sua ótica, passei a refletir melhor sobre a influência do contexto social na elaboração da experiência das pessoas. Pensando sob o prisma educacional, já na introdução da obra *Ensinando a transgredir – A educação como prática da liberdade*, Bell Hooks demonstra a necessidade de observar a tradição pedagógica de forma mais crítica:

Essas salas de aula eram o único espaço onde as práticas pedagógicas eram questionadas, onde se partia do princípio de que o conhecimento oferecido aos alunos os capacitaria a ser acadêmicos melhores e a viver com mais plenitude no mundo extra-acadêmico. A sala de aula feminista era o único espaço onde os alunos podiam levantar questões críticas sobre os processos pedagógicos (HOOKS, 2017, p. 16).

A autora defende a necessidade de que os saberes trazidos das realidades dos educandos devem ser considerados e aproveitados na construção do conhecimento. Segundo ela, “para começar, o professor precisa *valorizar* de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos” (HOOKS, 2017, p. 18).

Dessa forma, na perspectiva de Hooks, as vivências, as realidades, as experiências de cada indivíduo são relevantes e devem ser utilizadas na construção do conhecimento. Aí reside a importância da experiência: ela alicerça a construção do saber. Certamente essa é uma afirmativa que caminha a par e passo com tudo o que já foi abordado alicerçado no prisma de Walter Benjamin: a partilha de experiências consubstancia o saber coletivo. Podemos observar essa ideia do autor em várias passagens de sua obra, mais marcadamente em “Experiência e Pobreza (2021)” e em “O Narrador” (1987), nos momentos em que ele assinala a importância do compartilhamento de experiências e acerca de como a humanidade estaria se empobrecendo com a perda das tradições narrativas.

Hooks continua a destacar a importância da experiência na construção do saber afirmando que, protegendo e respeitando o saber individual de cada um, pode-se compor o saber coletivo mais consubstanciado. Desse modo, “ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo” (HOOKS, 2017, p. 25).

A autora, ao discorrer na obra sobre a pedagogia engajada, demonstra a necessidade de que o professor faça a integração entre os saberes científicos e os saberes práticos, integrando-os na busca pela construção do conhecimento. Segundo ela, não se deve observar o indivíduo descolado de todo o seu contexto. Noutros termos, deve-se entender o sujeito a partir de sua integralidade.

[...] os alunos querem ser vistos como seres humanos integrais, com vidas e experiências complexas, e não como meros buscadores de pedacinhos compartimentalizados de conhecimento. [...] Aquelas aulas eram o único espaço em que as professoras estavam dispostas a admitir que existe uma ligação entre as ideias aprendidas no contexto universitário e as aprendidas pela prática da vida (HOOKS, 2017, p. 27).

Hooks (2017), na mesma discussão sobre pedagogia engajada, reforça a necessidade de que o educando seja percebido de forma holística, integral e não descolada de todo o seu contexto e de todas as vivências que o trouxeram até o ponto onde está, pois é impossível dissociar a pessoa de suas experiências.

Ademais, “querem um conhecimento significativo. Esperam, com toda razão, que eu e meus colegas não lhes ofereçamos informações sem tratar também da ligação entre o que eles estão aprendendo e sua experiência global de vida” (HOOKS, 2017, p. 33). A autora destaca o quanto a partilha de experiências é pertinente na construção e compartilhamento do conhecimento. Em função disso, quando o docente se propõe a compartilhar suas próprias experiências, ele coloca-se numa condição mais próxima do educando, diminuindo a impressão de ascendência e auxiliando na compreensão e na partilha do conhecimento.

Quando os professores levam narrativas de sua própria experiência para a discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos. É produtivo, muitas vezes, que os professores sejam os primeiros a correr o risco, ligando as narrativas confessionais às discussões acadêmicas para mostrar de que modo a experiência pode iluminar e ampliar nossa compreensão do material acadêmico (HOOKS, 2017, p. 35-36).

Essa é uma colocação e uma forma de ensinamento que parece produzir um efeito significativo nos educandos. Como será observado em momento oportuno, nas rodas de conversas realizadas com os participantes da pesquisa, houve incontáveis momentos em que os ex-estagiários/as narraram terem se sentido estimulados pelos docentes e demais servidores do campus dada a proximidade que passaram a ter com eles durante o período de estágio. Acerca disso, eles demonstram admiração pelos trabalhadores e trabalhadoras do IFMG com quem conviveram durante o período estagiado.

Assinalo aqui minha percepção de tangenciamento nas colocações de Hooks e Benjamin, visto que ambos tratam do indivíduo em sua integralidade, em sua inteireza. Ao que ambos direcionam a experiência do sujeito em suas vivências, construindo saberes e constituindo-o de modo a mobilizá-lo em toda sua complexidade.

Bell Hooks (2017) aponta para o entendimento de que não se pode discutir a experiência de forma descolada das questões referentes ao gênero, cor da pele, inserção sociocultural de um indivíduo. Ao discorrer sobre a pedagogia engajada, a autora enfoca acerca da ligação existente entre as ideias que residem no saber científico e aquelas experienciadas na vida prática. Dessa forma, podemos compreender que o conhecimento se

produz doravante a partilha de experiências. Hooks aborda o processo de aprendizagem de forma holística, ou seja, de forma a enfatizar a união de mente, corpo e espírito no processo de produção e partilha de experiências e aprendizados. Em sua obra, a autora deixa claro que, quando a escola passou a acolher a diversidade cultural, houve um grande entusiasmo daqueles que sempre foram marginalizados (pessoas da classe trabalhadora, negros, gays, lésbicas etc.). Isso devido a escola convencional, até aquele momento, ser organizada de forma a reforçar o colonialismo e a dominação, desconsiderando as diferenças e o fato de que aquele modelo de educação não era politicamente neutro.

Por essa percepção, num processo formativo de educandos, os saberes trazidos de suas realidades socioculturais, suas vivências e experiências, devem ser considerados e, mais além, devem ser utilizados como assentamento na construção e novos conhecimentos.

Para Hooks (2017), a interação multicultural na produção do saber e a experiência na produção do conhecimento a partir da vivência é significativa e relevante.

Os alunos estão ansiosos para derrubar os obstáculos ao saber. Estão dispostos a se render ao maravilhamento de aprender e reaprender novas maneiras de conhecer que vão contra a corrente. Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora (HOOKS, 2017, p. 63).

Podemos concluir acerca da importância da inserção sociocultural na formação e no entendimento do indivíduo ao que Hooks (2017) enfatiza, em vários momentos, que as condições de gênero, classe social, cultural, financeira e racial do indivíduo moldam sua visão de mundo. Toda pessoa leva consigo essa bagagem sociocultural para todos os seus momentos que acabam por fazer parte de sua formação influenciando as demais experiências as quais é submetido.

Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra [...] uma pessoa pode praticar a teorização sem jamais conhecer/possuir o termo (HOOKS, 2017, p. 85-86).

Outros estudiosos compreendem, na mesma linha que Hooks (2017), sobre a influência do contexto social de uma pessoa na égide de seus saberes. Em François Dubet (1994), também podemos perceber esse viés de protagonismo da condição sociocultural do indivíduo na construção do conhecimento que, apesar de ter se posicionado noutra momento histórico, tem uma linha que guarda semelhança com o pensamento de Hooks (2017).

Segundo o entendimento de Dubet (1994), o conceito de experiência não pode ser aceito de maneira totalmente subjetiva e sensorial, uma vez que o sujeito não está totalmente isento de seu contexto social. Para ele, até o entendimento que o indivíduo tem de si mesmo, sua subjetividade, está inserida num contexto social maior e mais amplo. Logo, a experiência não pode ser totalmente subjetiva, já que há nela elementos da coletividade.

Podemos voltar-nos para outro exemplo, igualmente banal, como o caso dos jovens desafortunados, sujeitos a uma forte estigmatização. Não só estes adolescentes dos subúrbios são vítimas do desemprego, do insucesso escolar e de uma certa pobreza, como também estão sujeitos a todo um conjunto de estereótipos negativos ligados à má reputação do bairro onde vivem, ao racismo, às rusgas da polícia... Em grande

parte, eles interiorizam estes papéis de vítimas e de <<loubards>>⁴, e aderem às categorias que os excluem. Eles estão <<alienados>>, no sentido em que se sentem responsáveis da sua própria infelicidade e se comportam como vítimas de um destino esmagador. Eles aceitam, em especial, a imagem negativa que deles mesmos a escola lhes dá: incapacidade, ausência de vontade, <<estupidez>> [...] Eles identificam-se excessivamente com as personagens que lhes são impostas” (DUBET, 1994, p. 98-99)

De fato, não se pode descolar a pessoa de seu contexto familiar, social, cultural. Da mesma maneira que ao caminhar deixamos rastros, assim levamos conosco toda bagagem social e cultural para onde formos. Se, como no título deste capítulo, somos o que experienciamos, não podemos desconsiderar cada partícula de conhecimento a alicerçar outras compreensões. E igualmente quando compartilhamos o que aprendemos, passamos adiante traços de subjetividade.

Justamente pela compreensão do indivíduo, a partir de uma concepção holística e integral na construção de seu conhecimento, e por considerar que os saberes preexistentes desse indivíduo devem ser observados para fundamentar outros saberes, Hooks (2017) reconhece que teoria e prática são indissociáveis e da mesma maneira formadoras do indivíduo, atuando juntas na produção do conhecimento, ambas relacionam-se intimamente com a inserção sociocultural do sujeito.

Ao discorrer sobre a importância do engajamento entre teoria e prática na luta contra o racismo, Hooks (2017) reforça paulatinamente a ideia dessa interligação entre a vivência prática e a teoria, ambas aliadas ao contexto sociocultural em que a pessoa está inserida:

Assim como alguns acadêmicos de elite cujas teorias da “negritude” a transformam num território crítico onde só uns poucos escolhidos podem entrar – acadêmicos que usam os trabalhos teóricos sobre a raça como que para afirmar sua autoridade sobre a experiência dos negros, negando o acesso democrático ao processo de construção teórica – ameaçam a luta pela libertação coletiva dos negros, aqueles entre nós que promovem o anti-intelectualismo, declarando que toda teoria é inútil, fazem a mesma coisa. Reforçando a ideia de uma cisão entre a teoria e a prática ou criando essa cisão, ambos os grupos negam o poder da educação libertadora para a consciência crítica, perpetuando assim condições que reforçam nossa exploração e repressão coletivas (HOOKS, 2017, p. 95).

A autora segue enfatizando o papel da inserção no contexto sociocultural como ponto de partida de uma pessoa, em conjugação com as discussões teóricas e a experiência prática do indivíduo que possibilitam criar um ambiente de construção de aprendizado e a partilha dessa experiência e desse aprendizado com outras pessoas. Ela destaca sobre a importância de toda essa conjugação de fatores na sua própria formação:

Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas. O trabalho delas é libertador. Além de nos permitir lembrar de nós mesmos e nos recuperar, ele nos provoca e desafia a renovar nosso compromisso com a luta feminista ativa e inclusiva (HOOKS, 2017, p. 103).

Logo, podemos considerar que toda experiência é fundada na condição em que o indivíduo está inserido, seja em relação a sua raça, sua crença, seu contexto social, cultural, familiar e/ou religioso. Não existe isenção, pois somos constituídos de todas as experiências que tivemos e das condições a que estivemos expostos. Somos o conjunto da obra: não posso

⁴ Segundo nota explicativa do próprio autor o termo denomina membros de bandos, nos arredores dos centros urbanos, de conduta mais ou menos marginal ou vadia.

me dissociar da cor da minha pele que me conduziu a experiências que, doutro modo, pessoas de pele negra não tiveram. Não tenho lugar de fala no racismo, pois não conheço suas entranhas. Semelhantemente somente pude experimentar as situações na condição de mulher, além de outras questões relacionadas às minhas idiossincrasias, que me conduziram a onde estou e o que sou hoje.

É inegável a visão política e o posicionamento crítico de Bell Hooks relativas à experiência e sua importância na construção do conhecimento e na formação do indivíduo. Apesar de manter alguma identidade com o conceito dos autores mencionados antes dela, sua posição tem um viés marcadamente ligado à condição sociocultural da mesma forma com o que François Dubet (1994) elabora suas ideias.

Na obra *Sociologia da Experiência*, Dubet (1994) aponta para a sua percepção sobre a relevância do contexto social e da multiplicidade de fatores envolvidos na consecução de uma experiência:

Os papéis, as posições sociais e a cultura não bastam já para definir os elementos estáveis da acção porque os indivíduos não cumprem um programa, mas têm em vista construir uma unidade a partir dos elementos vários da sua vida social e da multiplicidade das orientações que consigo trazem. Assim, a identidade social não é um <<ser>>, mas um <<trabalho>> (DUBET, 1994, p. 16).

Ao discorrer sobre o conceito de experiência, Dubet (1994) inicia por apresentar o que o senso comum entende a seu respeito, direcionando sua percepção sobre a conceitualização corriqueira do tema que a torna vaga e extremamente sensorial e subjetiva, posto que o conhecimento vulgar sobre experiência a delimita como uma maneira de sentir, uma representação emocional e, portanto, subjetiva.

Em contrapartida, Dubet percebe e conceitua a experiência a partir das vivências de classe, partindo da constituição social do indivíduo.

A experiência é uma atividade cognitiva, é uma maneira de construir o real e, sobretudo, de o «verificar», de o *experimental*. A experiência constrói os fenômenos a partir das categorias do entendimento e da razão. Evidentemente, para o sociólogo, estas categorias são, em primeiro lugar, sociais, são «formas» de construção da realidade. Deste ponto de vista, a experiência social não é uma «esponja», uma maneira de incorporar o mundo por meio das emoções e das sensações, mas uma maneira de construir o mundo. É uma actividade que estrutura o carácter fluido de «vida» (DUBET, 1994, p. 95).

Dessa forma, podemos dizer que, segundo o entendimento de Dubet, a experiência é vivenciada, processada e consubstanciada individualmente, mas com um embasamento social, ou seja, alicerçada em vivências e experiências anteriormente experimentadas pelo sujeito. E, uma vez que esse sujeito está inserido num contexto social determinado, todas essas vivências são fundadas nessa conjectura social. Desse modo, não se pode dizer que a experiência pode ser tão somente subjetiva e sensorial, como é o entendimento do senso comum.

É inegável que, em se falando de experiência, nos chegue a reflexão do impacto pessoal e sensorial às quais o indivíduo se submete em cada vivência. No entanto, também não podemos deixar de verificar que cada sujeito é único, guarda suas idiossincrasias, suas singularidades e foi constituído a partir de experiências e vivências anteriores.

Esse olhar também perpassa o entendimento de Smolka:

Experiência é resultante daquilo que impacta e é *compreendido, significado*, pela pessoa. Há um aspecto compreensivo, apreciativo, valorativo nos *sentidos* da situação vivida. Não existe experiência sem significação. [...] Falar de experiência é falar de corpo/sujeito afetado pelo outro/signo [...]. É falar da vida impregnada de *sentido*. E aqui, podemos novamente polemizar com Larrosa: o “sem sentido” de

que ele nos fala é *significativo*. Não se esgota num “vazio” do sujeito, mas produz-se, enquanto significação, nas condições históricas da existência humana (ou seja, *faz sentido* na sua ausência e negatividade) (SMOLKA, 2006, p. 107).

Durante suas pesquisas de campo, Smolka (2006) reconhece e discorre sobre a relevância do contexto social e das experiências anteriores para o aluno, percebendo que a reação a uma situação que cotidianamente se experimenta em sala de aula pode certamente estar fundada no contexto social, assim como numa série de experiências que ocorreram previamente e que foram formadoras do caráter desse indivíduo.

O adolescente que, revoltado com as tarefas escolares, esbraveja com a professora e explicita seu interesse em “escrever sobre o mundo”, demanda e reivindica alguns direitos básicos: fala da pobreza, do desemprego, da violência, das condições de vida. Coisas do dia-a-dia, presentes na rua, na mídia, nos lares, nas mentes. O mundo que se mostra nesse texto não é o mundo do maravilhamento, das possibilidades e poderes do conhecimento humano (dito científico). Trata-se de (uma forma de) um conhecimento que tem sido, muitas vezes, desprezado na/pela escola. Ou de outro modo, trata-se de um âmbito da experiência que não se torna objeto de conhecimento, de estudo, de análise na escola (SMOLKA, 2006, p. 112).

Assim, para além do conceito etimológico da experiência, temos que essa pode e deve ser entendida num sentido mais amplo e abrangente, que certamente engloba a subjetividade, no entanto está voltada para contexto no qual o sujeito insere-se. O indivíduo, por mais alheio que seja, está inserido em alguns ambientes que podem ser família, círculo de amigos, trabalho, escola, igreja e outros grupos sociais. Todos esses campos são determinantes e em todos eles há vivências diversas que consubstanciam experiências. Logo, cada um desses ambientes é formador desse indivíduo e para o campo em que o indivíduo movimenta-se ele leva consigo as vivências experimentadas noutro ambiente. No caminhar do indivíduo, ele carrega consigo a poeira do ambiente pelo qual passou anteriormente e isso não é possível ser desconsiderado.

Por fim, para consolidar o entendimento sobre a importância de considerarmos o contexto social no embasamento da experiência dos indivíduos, trago para este trabalho uma pequena fração da contribuição de E. P. Thompson, cuja percepção vai muito além desse prisma, mas também enfoca a experiência como uma vivência segundo a classe social.

Em sua obra “Os Românticos – a Inglaterra na era revolucionária”, o autor nos conduz para a compreensão da experiência do aluno que, nessa esteira, deve sempre permear e contribuir para o processo educacional. Nas palavras do próprio autor:

O que é diferente acerca do estudante adulto é a experiência que ele traz para a relação. A experiência modifica, às vezes de maneira sutil e às vezes mais radicalmente, todo o processo educacional; influencia os métodos de ensino, a seleção e o aperfeiçoamento dos mestres e o currículo, podendo até mesmo revelar pontos fracos ou omissos nas disciplinas acadêmicas tradicionais e levar à elaboração de novas áreas de estudo (THOMPSON, 2002, p. 13).

Mais adiante, o autor aponta para o fato de que as experiências sociais, da perspectiva da classe social do educando, não as individuais, contribuem de forma relevante para o processo educacional. Dessa forma, temos que suas colocações parecem caminhar ladeadas das ideias de Bell Hooks (2017) e Dubet (1994), cujas lições nos fazem compreender todo um contexto integral e situação pretérita do indivíduo na fundamentação e construção de seus conhecimentos.

Realizando uma observação histórica do sistema educacional europeu, Thompson apontou, no século XVIII, para o distanciamento existente entre os seus próprios conceitos de “cultura letrada” e “cultura do povo”.

Se nos colocarmos em qualquer ponto da Europa em meados do século XVIII, poderemos observar uma cultura letrada ou refinada praticamente distanciada em relação à cultura da gente do povo. ‘Pessoas de posição tendem a manter-se a uma distância fria do homem do povo, como se temessem perder algo com essa intimidade’. Essas palavras são colocadas por Goethe na boca do aflito Werther em 1774, e elas nos fazem lembrar não apenas o grande espaço social entre a aristocracia e o povo, mas também a fervilhante autoconsciência desse espaço na Europa de Rousseau (THOMPSON, 2002, p. 14-15).

Apresentando um extenso rol demonstrativo, o autor credita esse distanciamento ao que chamou de paternalismo realista, explicando que essa estrutura paternalista era, essencialmente, uma relação de subordinação das classes menos favorecidas às classes mais abastadas.

Thompson relata que a Europa daquele período histórico presumia um distanciamento qualitativo entre o que era considerada a cultura refinada e a cultura dos pobres, elegendo como hierarquicamente superior a primeira em relação à segunda.

Seguindo adiante em sua análise histórica a partir de autores da época, Thompson pondera que a ideia de subordinação cultural foi posta à prova somente após a última década do século XVIII, diante dos ideais da Revolução Francesa.

Em suas palavras:

Essa visão para dentro do sentimento universal – essa transmutação das reivindicações políticas de *égalité* em vida interior – nos leva inteiramente para fora da estrutura paternalista. Não é um ponto de vista momentâneo, mas uma visão deliberada e permanente, expressa com uma maturidade filosófica de desaviava a cultura tradicional (THOMPSON, 2002, p. 24).

Na sequência, o autor defende a ideia de que o valor do homem comum reside justamente em suas habilidades morais e espirituais que foram desenvolvidas através das experiências com o trabalho, com suas inquietações e relações interpessoais e pouco guarda relação com a racionalidade ou com a educação formal.

Obviamente que essa perspectiva não era amplamente difundida nem compreendida pelas classes altas, que temeu o potencial revolucionário do homem comum e percebia que o controle social somente poderia ser exercido por meio de uma assistência paternalista da aristocracia às classes trabalhadoras menos favorecidas.

Nesse sentido Thompson esclarece:

[...] o medo da cultura popular autêntica além da manipulação e controle dos seus superiores. Educação e cultura, não menos que os impostos locais para os pobres, eram encarados como esmolas que deveriam ser administradas ao povo ou dele subtraídas de acordo com seus méritos. O desejo de dominar e de moldar o desenvolvimento intelectual e cultural do povo na direção de objetivos predeterminados e seguros permanece extremamente forte durante a época vitoriana: e continua vivo ainda hoje (THOMPSON, 2002, p. 31).

Inobstante a alguma resistência, explica o autor que, a contar de 1790, houve o que nominou de “marcha do intelecto”, responsável por impulsionar o homem comum em direção ao saber formal, deixando um pouco de lado o saber comum.

Entretanto, segundo ele, esse movimento em busca da valorização da cultura letrada acessível às classes mais pobres foi relegando a segundo plano a cultura comum, do povo, calcada na experiência. Esse deslocamento em direção à educação formal levou o homem comum para longe do universo da experiência, entendida como saber coletivo ou conhecimento da coletividade.

Creio que nesse ponto seja importante voltarmos a John Dewey, uma vez que seu entendimento também converge no sentido de não se dissociar educação de experiência pessoal. Na obra “Experiência e Educação”, Dewey discorre da seguinte forma:

Em meio a todas as incertezas, admito haver consenso geral permanente quanto a pressuposto fundamental, ou seja, de que há conexão orgânica entre educação e experiência pessoal, estando, portanto, a nova filosofia de educação comprometida com alguma espécie de filosofia empírica e experimental (DEWEY, 1979, p. 13).

Entretanto, Dewey (1979) também chama a atenção do leitor para o fato de que é preciso ater-se ao caráter qualitativo das experiências às quais os educandos são submetidos. Para o autor, a qualidade das experiências trazidas pelos alunos é muito relevante, já que a virtude maior de uma experiência, na área da educação, é a influência que essa experiência pode ter sobre experiências futuras.

Independente de qualquer desejo ou intento, toda experiência vive e se prolonga em experiências que se sucedem. Daí constituir-se o problema central de educação alicerçada em experiência a seleção das experiências presente, que devem ser do tipo das que irão influir frutífera e criadoramente nas experiências subsequentes (DEWEY, 1979, p. 16-17).

Diante disso, não somente há que se levar em conta a experiência pessoal para que seja produzido o conhecimento, mas também que essa experiência seja de uma qualidade tal que possa abrir caminho para outras experiências vindouras. Dessa forma, o autor defende que o ambiente educacional deve proporcionar aos seus alunos as experiências certas, no sentido daquelas que os preparem para as futuras, buscando uma educação calcada na filosofia da experiência para a produção do conhecimento.

No contexto da educação, a exemplo do que percebi do entendimento de Dewey (1979), a construção do conhecimento, no ambiente de uma instituição de ensino, deve levar em consideração essas singularidades acerca da percepção das experiências pelos docentes.

Quando reflito sobre todas essas dimensões do termo e da ideia de experiência, penso que as experiências são processadas e adquirem significado diverso na história de cada um de nós. Não se tem ideia de como essas experiências irão ressoar no futuro, daqui a 10, 20 ou 30 anos. Igualmente não podemos dimensionar o peso que as experiências poderão ter, quando sobrepostas a outras experiências que uma pessoa terá no porvir, justamente porque as experiências nos modificam, a cada um de nós de uma forma distinta.

Durante as rodas de conversa que tive com os colaboradores desta pesquisa, foi assim que eu pude verificar o impacto da experiência do estágio não obrigatório em suas vidas. Cada um deles absorveu e assimilou essa experiência de uma forma, segundo sua própria perspectiva, seu prisma, com base em toda a bagagem que foi levada até aquele momento.

Como você, leitor, verá mais adiante, a experiência do estágio não obrigatório deixou aprendizados comuns e que se repetiram nos relatos das colaboradoras e do colaborador deste trabalho. Contudo, as idiosincrasias, as particularidades e singularidades de cada um desses ex-estagiários e ex-estagiárias, apontou uma direção diferente de percepção e de consubstanciação de conhecimento. E, por óbvio, a percepção de cada um deles sobre essa experiência os conduziu, cada qual, para um caminho que possibilitou outras experiências diversas.

3 CAPÍTULO II

O ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO NO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

Antes de entrarmos no assunto específico do estágio, gostaria de apresentar-lhe a instituição de ensino na qual trabalho como Técnica Administrativa em Educação – TAE, ocupante do cargo de Assistente em Educação desde o ano de 2010 e que me motivou a desenvolver este trabalho.

Conforme explicitado em seu sítio eletrônico, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - *Campus* São João Evangelista, anteriormente Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista – EAF/SJE, foi fundado no ano de 1951 e desde então passou por várias transformações, criação e extinção de cursos, crises e sucessos até a criação dos institutos federais, que trouxeram nossa instituição à realidade vivenciada atualmente (INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2022a).

O IFMG - *Campus* São João Evangelista tem em seu portfólio os tradicionais cursos técnicos integrados ao ensino médio, ou seja, o aluno realiza concomitantemente o ensino médio e técnico; curso técnico subsequente, ofertado para alunos que já concluíram o ensino médio; e também cursos de graduação e pós-graduação.

Os cursos técnicos integrados ao ensino médio oferecidos pelo *Campus* São João Evangelista são: Técnico em Agropecuária, Técnico em Informática, Técnico em Nutrição e Dietética. Já o curso técnico subsequente ofertado é em Agrimensura. Em se tratando de graduação, o *campus* possui os cursos de Bacharelado em Administração, Bacharelado em Agronomia, Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Matemática, Bacharelado em Engenharia Florestal e Bacharelado em Sistemas de Informação. Cita-se também os cursos de Pós-graduação Lato Sensu de Especialização em Meio Ambiente, Especialização em Ensino e Tecnologias Educacionais e Especialização em Gestão (INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2022e; INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2022f).

Conforme informações do setor de Registro e Controle Acadêmico do campus, encontram-se regularmente matriculados nos diversos cursos ofertados cerca de 1.500 (mil e quinhentos) alunos oriundos da cidade de São João Evangelista, de várias cidades da região e alguns de outros estados da federação bem como possui um corpo docente, equipe administrativa e pedagógica que são continuamente motivados a melhorar seus níveis de qualificação.

O quantitativo de funcionários atual do IFMG – *Campus* São João Evangelista engloba 75 (setenta e cinco) técnicos administrativos, 83 (oitenta e três) docentes efetivos, 13 (treze) docentes substitutos, 02 (dois) docentes visitantes, 17 (dezessete) empregados públicos anistiados da Vale do Rio Doce, 01 (um) servidor de outro órgão em exercício provisório no *campus*, 02 (dois) servidores de outros órgãos em colaboração técnica no *campus* e 74 (setenta e quatro) terceirizados, perfazendo um total de 267 (duzentos e sessenta e sete) servidores (INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2022b; INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2022c).

Em razão da peculiaridade das áreas de ensino ofertadas pelo IFMG – *Campus* São João Evangelista, da dimensão física do ambiente e da necessidade de manutenção de toda a infraestrutura do local, a instituição conta com vários setores que desenvolvem atividades diversas, desde a aquisição de bens e serviços, administração de contratos, lida diária com animais, horta e fruticultura, até os laboratórios e a própria manutenção da estrutura física e dos serviços prestados. Assim, o *campus* tem diversos setores espalhados pelo seu ambiente

físico, nos quais são alocados os servidores que desempenham suas atividades de modo a dar continuidade à prestação dos serviços educacionais que são a atividade fim da instituição.

Além do corpo docente e técnicos e demais colaboradores, desde o ano de 2016 o *campus* passou a dispor de vagas de estagiários de estágio não obrigatório, remunerado, como forma de auxiliar os alunos no desempenho de atividades didático-pedagógicas fora da sala de aula, suprimindo ainda a falta de mão de obra efetiva da instituição com a colaboração desses estudantes, mediante a contraprestação de bolsas-estágio.

No Brasil, ao longo dos anos, ocorreram muitas mudanças na legislação que disciplina o estágio, acarretando, também, mudança na conceituação do termo “estágio” (COLOMBO E BALLÃO, 2014). A legislação atual que regulamenta o tema é a chamada Lei do Estágio, nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, que representou avanços no ordenamento em relação a essa modalidade de processo pedagógico (COLOMBO E BALLÃO, 2014).

Conforme preconiza o Art. 1º da Lei 11.778/2008:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

Em seu artigo 2º, a citada legislação também determina sobre as duas modalidades de estágio, quais sejam: o estágio obrigatório definido como tal no projeto do curso e o estágio não obrigatório, que é aquele desenvolvido como atividade opcional e que poderá ser remunerado através de bolsa, acrescida ainda de auxílio transporte (BRASIL, 2008). Na oportunidade desta pesquisa, trataremos do estágio não obrigatório, devidamente remunerado por bolsa e com o pagamento do auxílio transporte.

Dessarte, é claro o objetivo da Lei ao apresentar o estágio como uma atividade de aprendizado, desenvolvida fora da sala de aula, com a finalidade de preparar o estudante para o mundo de trabalho.

Essa preparação pela qual o estudante passa é marcada por atitudes e comportamentos que são estruturados em razão de sua preocupação para com seu futuro profissional, as novas experiências adquiridas no período de estágio, e a autoconfiança à medida que vence novos desafios, culminam por conferir ao estudante algum controle sobre sua trajetória (SILVA; TEIXEIRA, 2013).

A experiência de transposição do estudante em profissional pode ser decisiva na trajetória do docente e, como ensinam Silva e Teixeira (2013), ao deixar o ambiente da universidade para inserir-se no mundo do trabalho, o estudante experimenta a transição de ambientes, mas também de identidade, construindo sua própria identidade profissional.

Este trabalho tem como foco a análise das narrativas de estudantes que realizaram a modalidade de estágio não obrigatório, remunerado através de bolsa, que não faz parte da grade curricular obrigatória dos cursos de graduação.

No âmbito do IFMG – *Campus* São João Evangelista os alunos que desejam realizar o estágio não obrigatório são selecionados a partir de editais publicados na página do *campus*. Esse edital de seleção contém o número de vagas disponíveis, os setores de realização do estágio, a quantidade de horas e o horário de estágio, etapas de seleção e demais informações que os candidatos precisam saber para se inteirarem do processo (INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2022d).

As inscrições são realizadas exclusivamente por meio eletrônico, no qual os candidatos interessados encaminham a documentação solicitada no edital de seleção para um

endereço de e-mail informado no edital (INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2022d).

A partir da seleção realizada pela análise da documentação, inicia-se a etapa de entrevistas com os candidatos que foram previamente selecionados. Finalizada essa etapa, os candidatos selecionados são convocados a apresentarem a documentação necessária e assinatura dos termos de compromisso de estagiário (INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2022d).

A documentação necessária é recebida pelo setor de Gestão de Pessoas da instituição, que também é o local em que são assinados os Termos de Compromisso do Estagiário – TCE e os Planos de Atividades, documentos que disciplinam o estágio e as atividades executadas durante o período estagiado. Nesse setor, no qual eu exerço minhas atividades como Técnica Administrativa em Educação, ocorre o acompanhamento do estágio. São os profissionais desse setor que lidam com as questões burocráticas que envolvem a conta para recebimento da bolsa, coleta e atualização dos dados pessoais do aluno estagiário, convocação para assinatura, renovação e encerramento dos TCEs, bem como todas as demais situações que envolvam a documentação e o registro do período de estágio.

Importa esclarecer que todas as informações trazidas sobre os editais de contratação de estagiários, os TCEs, o acompanhamento do estágio e sua conclusão foram obtidas no Setor de Gestão de Pessoas do IFMG – *Campus* São João Evangelista, através da documentação ali arquivada e por meio de consultas ao sítio eletrônico da instituição, que dispõe de informações sobre os editais. Cada estagiário da modalidade de estágio não obrigatório que já passou pela instituição tem ali uma pasta, na qual ficam guardados todos os documentos referentes aos respectivos estágios, bem como referente às instituições de ensino às quais vinculavam-se à época do estágio. Foi igualmente utilizando-me dessa documentação que selecionei e contatei todos os possíveis colaboradores desta pesquisa.

Dessa forma, diante da documentação consultada, os termos de compromisso são celebrados com prazo de duração de 06 (seis) meses, podendo ser renovados por iguais e sucessivos períodos até perfazerem 24 (vinte e quatro) meses de estágio. Após esse prazo, o estágio precisa ser obrigatoriamente finalizado (INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2022d).

Os estagiários são recebidos no *campus* pelo supervisor de seus respectivos estágios, normalmente os responsáveis pelo setor onde a atividade será desenvolvida, que os acompanha durante o período.

No período estagiado o aluno auxilia em atividades desenvolvidas no setor no qual foi recebido, assistindo os servidores ali alocados, operacionalizando alguns sistemas, em contato direto com toda a comunidade que é atendida e que presta serviços naquele setor.

Os estágios não obrigatórios são remunerados através da chamada bolsa-estágio cujo valor, assim como demais regras pertinentes a orientações sobre a aceitação de estagiários no âmbito da Administração Pública Federal direta, autárquica e fundacional, são disciplinados pela Instrução Normativa - IN nº 213, de 17/12/2019, do Ministério da Economia (BRASIL, 2019).

A supracitada IN de dezembro de 2019 veio para tornar sem efeito a Orientação Normativa – ON nº 02, de 24/06/2016, que também trazia, em seus anexos, disposições sobre os valores de bolsas-estágio.

Com essa mudança na normatização, houve uma majoração significativa do valor da bolsa-estágio que, para estagiários de cursos superiores passou de R\$520,00 (quinhentos e vinte reais) para R\$1.125,69 (mil cento e vinte e cinco reais e sessenta e nove centavos) (BRASIL, 2021). O valor da bolsa paga ao estagiário é acrescida de R\$10,00 (dez reais) diários, à título de auxílio transporte, por dia útil de estágio. Esse foi um marco que aumentou consideravelmente o número de alunos interessados em realizar o estágio não obrigatório.

A partir de minhas observações dentro do setor de Gestão de Pessoas da instituição, consegui perceber o engajamento dos alunos estagiários e a receptividade de seus supervisores.

Como as formalidades para a assinatura dos TCEs ocorrem no meu setor de trabalho, somos ali responsáveis pelos primeiros contatos com as alunas e alunos que efetivamente realizarão o estágio não obrigatório. Assim, logo que chegam, apresentam-se tímidos, inseguros e um pouco desinformados sobre a realidade administrativa do *campus*.

A cada semestre vencido, quando retornam para a renovação dos TCEs e a formalização da continuidade do estágio, percebo essas barreiras iniciais serem vencidas e a segurança e descontração com o ambiente e com as pessoas ficarem maiores. Os alunos e alunas estagiários ficam aos poucos mais e mais desinibidos e inteirados de suas responsabilidades e de seus respectivos compromissos com o estágio e com sua formação. Consigo observar essas mudanças em conversas informais, no momento em que são solicitados documentos, relatórios, execução de alguma tarefa.

Diante dessa mudança de realidade, passagem de ambiente exclusivamente estudantil, através da ponte do estágio, para o mundo do trabalho, o aluno estagiário certamente experimenta alguma mudança de padrões e precisa adaptar-se à nova realidade que se apresenta.

Logo, para além da visão de uma atividade de aprendizado de relevância para a composição curricular, o estágio pode ser a oportunidade de se extrair experiências de ordens diversas no campo profissional, e também pessoal do estudante, constituindo seu processo formativo.

Ao buscar a realização do estágio não obrigatório, o aluno pode ser impulsionado por diferentes razões. Entretanto, uma vez realizando essa modalidade de atividade de aprendizado, pode deparar-se com situações que, mais do que aprimorar e praticar habilidades inerentes à carreira escolhida, pode trazer experiências pessoais marcantes. Dessa maneira, com a prática do estágio não obrigatório, o estudante pode experimentar situações que podem constituir-lo pessoal e profissionalmente.

É importante salientar ainda que os estagiários são recebidos em diversos setores da instituição e certamente deixam nos locais em que estagiam a sua marca pessoal, seu jeito de realizar suas tarefas, influenciando, em alguma medida, as atividades desenvolvidas nesses locais.

3.1 Trabalhos relacionados

No contexto escolar, o processo formativo do profissional é substancialmente transformado pela experiência do estágio curricular supervisionado com ampla diversidade de estudos que podem comprovar essa afirmação.

Em pesquisas realizadas em bases de dados de teses e dissertações, verifica-se um extenso número de trabalhos que tratam da temática do estágio curricular obrigatório e de sua contribuição na formação do profissional, mormente no que diz respeito a essa contribuição para a docência.

O estágio não obrigatório, no entanto, figura como atividade opcional e, sendo assim, tem motivações que transitam entre as dimensões da experiência até a financeira, vez que ele pode propiciar recursos para que o estudante possa auxiliar na continuidade da vida acadêmica e no combate à evasão escolar.

Com a finalidade de buscar por pesquisas científicas relacionadas à temática desta pesquisa cuja produção tivesse sido realizada nos últimos cinco anos, pesquisei nas plataformas digitais o quantitativo de estudos existentes que tratassem do estágio não

obrigatório e remunerado. Para realizar essa busca, utilizei três plataformas digitais: a *Scientific Electronic Library Online* – SciELO, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD. Assim, em todas as plataformas de busca o recorte temporal utilizado foi de 2018 a 2022.

Os resultados obtidos, elencados abaixo, demonstram que há espaço para que as pesquisas científicas sobre o tema se ampliem para a verificação da contribuição dessa modalidade de estágio na formação pessoal e profissional dos educandos.

Na pesquisa realizada na plataforma SciELO, utilizando-se o termo exato “estágio não obrigatório” apenas no título do trabalho, não foram encontrados documentos para a pesquisa. O mesmo aconteceu quando o termo utilizado foi “estágio remunerado”.

Na mesma plataforma, estendendo-se o termo exato “estágio não obrigatório” para todos os índices, a pesquisa reportou 06 (seis) artigos científicos, já com o termo exato “estágio remunerado” para todos os índices a pesquisa não reportou resultados.

Na base de dados da CAPES, a verificação foi realizada utilizando-se com exatidão os termos “estágio não obrigatório” e “estágio remunerado”, ambos nos títulos dos trabalhos. A essa busca obtive como resultado 06 (seis) dissertações para o primeiro termo, e 03 (três) dissertações para o segundo termo buscado.

A busca realizada na BDTD utilizou os termos exatos “estágio não obrigatório” e “estágio remunerado” nos títulos dos trabalhos. Essa procura para o termo “estágio não obrigatório” reportou 07 (sete) dissertações e 02 (duas) teses, sendo que duas das dissertações não estavam disponíveis para consulta. Para o termo “estágio remunerado” foi reportada apenas 01 (uma) dissertação.

Há que se considerar, entretanto, que algumas pesquisas encontradas se repetem nas plataformas pesquisadas, ou seja, encontram-se publicadas tanto na Scielo quanto na CAPES e na BDTD. Numa verificação mais detalhada dos trabalhos encontrados, percebeu-se ainda que alguns não relacionam-se diretamente com o tema do estágio não obrigatório ou estágio remunerado e apenas mencionam o assunto de passagem, de forma bastante superficial ou numa abordagem deslocada do contexto aqui retratado. Assim, em razão do enfoque dado por cada estudo e das contribuições para esta pesquisa, relaciono aqui alguns trabalhos por acreditar que guardam maior relação com esta investigação.

Destaco que, apesar da carência de estudos a respeito da temática, as informações colhidas nas pesquisas relacionadas demonstram boa conexão entre si e trouxeram contribuições válidas para a organização e análise deste trabalho. Nesse momento, desejo apresentar a você, leitor e leitora, alguns aspectos dos estudos relacionados que guardam paralelo com a pesquisa ora apresentada.

Demschinski (2020), ao tratar do estágio não obrigatório no curso de Licenciatura em Pedagogia, buscou verificar os interesses relacionados à contratação de estagiários e o impacto dessa prática educacional na formação e na vida dos estudantes. Sua pesquisa teve um enfoque amplo, entre outras questões, na exploração do estagiário como força de trabalho.

No que diz respeito às repercussões do estágio não obrigatório na constituição pessoal e profissional dos estudantes, a investigação de Demschinski (2020) caminha em paralelo com o enfoque dado por esta investigação. Suas observações sugerem alguns aspectos motivacionais no movimento do aluno em busca do estágio, mormente as questões financeiras e a obtenção de experiências.

Demschinski (2020) preocupou-se também com uma abordagem crítica do estágio no sentido de observar alguns pontos negativos nessa prática pedagógica, destacando certo distanciamento do processo formativo do estágio não obrigatório nas situações em que os estagiários são tomados como simples executores de tarefas diárias do setor. Este estudo considera, dessa forma, a necessidade de debates sobre o ato educativo do estágio não obrigatório com a finalidade de que a prática seja mais direcionada ao avanço da educação.

Os estudos de Conceição (2021) também tiveram como interesse a análise da relevância do estágio curricular não obrigatório para além da aquisição de conhecimentos técnicos. Sua abordagem qualitativa no que tange o estágio não obrigatório objetivou entender a essência da experiência formativa no desenvolvimento das subjetividades dos estagiários. Interessante observar que, assim como esta pesquisadora, o interesse de Conceição (2021) também é oriundo de sua atuação na área de Gestão de Pessoas de órgãos que integram a Administração Pública Federal.

Conceição (2021) observou aspectos afeitos à autorrealização, desenvolvimento de saberes, perspectivas de futuro e reflexão crítica do processo de estágio não obrigatório numa autarquia federal, concluindo por identificar a importância estratégica do estágio não obrigatório na formação dos estudantes de nível superior, aproximando-os ao mundo do trabalho, possibilitando desenvolvimento técnico e outros conhecimentos desvinculados da sala de aula, majorando o rol de experiências de domínio, além de possibilitar certo suporte financeiro ao estagiário.

A pesquisa de Silva (2022) teve enfoque totalmente voltado para a prática do estágio não obrigatório no curso de Licenciatura em Pedagogia. O pesquisador observa que as relações que são estabelecidas pelos sujeitos na prática do estágio não obrigatório dão suporte para o desenvolvimento dos futuros pedagogos, tanto em relação à perpetuação de práticas positivas, quanto em evitar repetições de práticas negativas. Esse traço foi igualmente registrado no presente estudo, no que diz respeito à prática do estágio não obrigatório no processo formativo do docente em matemática. Da pesquisa de Silva (2022), destaco sua observação sobre a influência que o trato com os docentes fora do ambiente de sala de aula teve na formação do profissional em Pedagogia, concluindo o pesquisador que essa desburocratização da relação professor/aluno permite uma relação mais ampla e complexa.

Com uma abordagem mais focada no contexto social do estágio não obrigatório, a pesquisa de Lôbo (2018) teve por principal escopo demonstrar como essa modalidade de ato educativo tem impacto na formação social, acadêmica e profissional dos estudantes de situação financeira vulnerável. Seus estudos, que incluíram aspectos quantitativos e qualitativos, foram realizados em alunos de instituição privada de ensino superior na região periférica do Distrito Federal. Importa ressaltar que esse estudo de Lôbo (2018) não guardava relações específicas com a área educacional, ao contrário do estudo apresentado neste trabalho. Lôbo (2018) tratou de estudantes de graduação de áreas diversas que realizaram o estágio não obrigatório em empresas públicas e privadas com áreas de atuação bastante diversificadas.

No entanto, apesar de não apresentar estreita associação com a área de educação, interessei-me por seu trabalho, visto que Lôbo (2018) também concluiu sua pesquisa de modo a perceber a relevância do estágio não obrigatório na formação acadêmica e profissional do estudante, identificando ainda os aspectos positivos relativos ao convívio com profissionais e no campo das experiências do aluno estagiário.

Ao verificar o trabalho desenvolvido por Sousa (2022), também é possível identificar a percepção da significativa relevância dessa modalidade educativa. Nesse caso, Sousa (2022) estudou o impacto na formação inicial dos docentes da Geografia no Estado do Piauí. De forma semelhante ao que foi observado por esta pesquisadora, como em outros estudos aqui elencados, Sousa (2022) também aponta a realidade social dos alunos que buscam pelo estágio não remunerado pela motivação financeira, reconhecendo ainda sua contribuição para a vida acadêmica e profissional dos estagiários. Sousa (2022), no entanto, aponta para a necessidade de modulação dessa prática acadêmica, no sentido de proporcionar aproximação do licenciando com seu futuro ambiente de trabalho.

Com seu trabalho, Pretto (2022) pesquisou e analisou a formação inicial do docente e o estágio não obrigatório remunerado no campo de atuação da Educação Infantil nos Centros

Municipais de Educação Infantil - CMEIs das cidades pertencentes ao Núcleo Regional de Educação- NRE no estado do Paraná. Seu estudo teve como objeto o estágio não obrigatório remunerado e as implicações para a formação e trabalho docente.

Da pesquisa realizada por Pretto (2022), trago a reflexão sobre a desobrigação da filiação do estagiário não obrigatório ao Regime Geral de Previdência Social – RGPS, cuja consequência direta é a falta de garantia de estabilidade do estagiário e a ausência de quaisquer benefícios vinculados ao mencionado regime, como o afastamento para tratamento de saúde e licença gestante.

Diante desse quadro de poucas pesquisas que abordam sobre o estágio não obrigatório, podemos inferir de que se trata de um campo que pode ser mais amplamente explorado e analisado. Essa escassez de produção científica ligada ao tema do estágio não obrigatório foi registrada na pesquisa de Pretto (2022) que, ao pesquisar sobre o tema, constatou a existência de um significativo número de produções que abordam o estágio curricular obrigatório. Entretanto, essa mesma pesquisadora identificou a carência de produções acadêmicas com viés voltado para o estágio não obrigatório.

De fato, ao buscar referenciais que abordam o assunto de estágio, encontra-se uma vasta produção voltada ao objeto do estágio curricular obrigatório, este considerado como componente curricular e com organização própria. O estágio não obrigatório se apresenta no contexto das formações acadêmicas de caráter opcional, inserindo-se dentro dos espaços educativos com a finalidade de promover o acesso ao conhecimento via experiência, ou com o intuito de cunho financeiro, no provento de recursos para dar continuidade aos estudos.

Diante desse quadro de escassez de estudos para mapeamento, conhecimento e análise sobre o estágio não obrigatório e seu impacto na construção do conhecimento, formação pessoal e profissional dos estudantes, entendo que há muito o que se conhecer sobre essa matéria. Trata-se de um campo de pesquisa pouco explorado e que poderia ser melhor compreendido. Uma compreensão abrangente da questão poderia nos mostrar novos caminhos quanto à possibilidade de políticas públicas de fomento a essa prática pedagógica.

4 CAPÍTULO III

METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

Desde minhas intenções iniciais de realizar a pesquisa para o Mestrado, em razão da relação de trabalho que tive com os discentes estagiários e da minha própria experiência como estagiária, desejei trabalhar com alunos que faziam ou fizeram essa modalidade de processo educativo. A partir dessa ideia primária, nasceu, quase como uma decorrência lógica pela minha pouca experiência com pesquisas, a intenção inicial de que fossem realizadas entrevistas com os participantes. Nesse panorama ainda embrionário, foi feito um pré-projeto em que essa perspectiva de entrevista chegou a ser registrada.

Saliento também que, inserida no meio da Educação, trabalhando dentro de uma instituição de ensino, percebo a relevância de trabalhar com Educação e com Educadores. Logo, dentro de um programa de Mestrado em Educação, creio ser pertinente olhar para o processo formativo pessoal e profissional dos ex-estagiários e ex-estagiárias, analisando como a experiência do estágio não obrigatório pode constituir a formação do docente.

A possibilidade de cursar uma Pós-Graduação em nível de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola – PPGEA, oferecido pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, veio a partir de um convênio firmado entre o programa e o IFMG – *Campus* São João Evangelista. O PPGEA é um programa voltado ao fomento das pesquisas acadêmica com bases na educação e destinada aos profissionais dessa área, utilizando-se da pedagogia da alternância, buscando alternar aulas no ambiente do aluno e no ambiente da UFRRJ tendo, dessa forma, claro comprometimento com a pesquisa engajada e voltada à classe trabalhadora da área educacional.

Encaminhada pelas conversas com a orientadora desta pesquisa e desejando observar melhor o processo formativo do docente, delimitamos o universo pretendido para analisar a influência do estágio não obrigatório na docência da Matemática.

Como já dito anteriormente, duas licenciaturas são ofertadas no IFMG – *Campus* São João Evangelista, sendo elas Ciências Biológicas e Matemática. Trabalhar com estagiários da primeira não seria possível, pois, em razão de sua implantação ter ocorrido recentemente e não haver turmas que já tenham finalizado o curso. Assim, a opção por egressos do curso de Licenciatura em Matemática foi a possível.

A partir desse propósito inicial, conversando com a orientadora desta pesquisa e utilizando-me das informações dos arquivos do setor de Gestão de Pessoas do *campus*, realizei um contato inicial com algumas ex-estagiárias e ex-estagiários do curso de Licenciatura em Matemática para sondá-los sobre a disposição de falarem sobre o estágio não obrigatório que haviam realizado na instituição.

Nessa checagem incipiente com possíveis participantes da pesquisa, realizada por meio de telefonemas, conversei rapidamente com possíveis colaboradoras e colaboradores. Nesse contato surpreendeu-me a empolgação na entonação da voz deles. Notei que queriam falar sobre suas experiências e sua relevância para sua constituição como docentes.

Tomo sua mão agora, caro leitor, na intenção de te conduzir pelo caminho que percorri para me constituir pesquisadora. Foi um caminho prazeroso, mas difícil e que culmina com o título de Mestra em Educação. No entanto, para além do título, que aliás não me define, certamente me constituiu uma mulher mais forte e mais ciente da minha capacidade de transpor barreiras e vencer desafios.

Nesse caminho eu pude conhecer mulheres extremamente dedicadas ao tortuoso caminho de uma Educação pouco valorizada nesse país. A maioria dessas companheiras eu

não tive o prazer de conhecer pessoalmente, visto que todos os nossos encontros ocorreram de forma virtual, mas que, apesar da distância física, caminharam comigo por cerca de dois anos, onde quer que eu fosse e cujos ensinamentos eu vou levar sempre comigo.

Desse modo, no percurso metodológico que eu percorri para me constituir pesquisadora, e que te convido para visitar comigo agora, eu participei de alguns grupos, estudei o pensamento de alguns teóricos, conheci outros pensadores, me encontrei virtualmente com as ex-estagiárias e ex-estagiários, ouvi seus relatos, os analisei e refleti sobre eles e, ao final, te apresento minhas conclusões. Então, vamos lá?

4.1 Os coletivos

Na ocasião em que a oportunidade do curso de Mestrado surgiu, eu não estudava há bastante tempo e me questioneei muitas vezes se eu estava preparada para encarar essa jornada e se eu seria capaz de concluí-la. Confesso que me reconheci muito aflita por diversas vezes, mas aos tropeços, fui caminhando devagar e insegura. Foi assim que apresentei o pré-projeto, fui selecionada e iniciei a marcha.

As aulas se iniciaram virtualmente, e tive o primeiro contato com a orientadora desta pesquisa, Profa. Dra. Adriana Alves Fernandes Costa, que já se encontrava de posse do meu pré-projeto aprovado. Tivemos um primeiro encontro virtual, no qual ela me apresentou diretrizes iniciais que eu, atônita, ouvi com atenção e com a certeza de que eu não seria capaz de concluir esse feito.

Desse momento eu me recorro para reconhecer e agradecer a gentileza e a paciência dos ensinamentos da minha orientadora Adriana. A relevância desse reconhecimento está na autocrítica que faço ao meu despreparo. Eu não fazia ideia do que era cursar um mestrado.

Mas o tempo foi seguindo seu curso e eu, ainda que muito perdida, continuei a assistir às aulas, a ler os textos sugeridos e tentar encaixá-los no que viria a ser o projeto final da pesquisa.

Em paralelo às discussões e primeiros acertos, ao passo que comecei a refletir melhor sobre a pesquisa e a estabelecer contatos para que ela fosse executada, tive a oportunidade ímpar de estar em uma aula ministrada conjuntamente pela orientadora deste trabalho e pela também Profa. Dra. Luciana Haddad Ferreira, relativa ao autor Walter Benjamin. Foi uma aula enriquecedora e bastante produtiva, na qual tive contato mais próximo com os trabalhos do escritor. Naquela ocasião, eu constatei que a temática abordada seria interessante para o desenvolvimento da pesquisa.

Assim, conversando com minha orientadora, ela sugeriu-me que convidássemos a Luciana Haddad para trabalhar conosco, como coorientadora do trabalho e ela, aceitando gentilmente o convite, juntou-se às discussões desta pesquisa, nos dando valiosas sugestões e ricas contribuições.

A partir daí, continuei com encontros regulares com a orientadora Adriana num grupo organizado e formado por suas orientandas e orientandos, que desenvolvem cada qual sua própria pesquisa na área de Educação. Encontramo-nos regularmente de forma virtual, nessas ocasiões os componentes do grupo relatavam sobre a elaboração de seus trabalhos, as temáticas e metodologias adotadas e dividimos experiências a respeito do desenvolvimento de nossas pesquisas, cada uma em seu nível de execução.

Passei também a ter reuniões com a coorientadora Luciana, carinhosamente chamada de Nana, que me incluiu num grupo de discussões formado por alunas e alunos, com reuniões quinzenais, igualmente virtuais, em que eram discutidos trabalhos de temas diversos, no qual ela exerce funções de orientadora e coorientadora dos estudos e mediadora dos encontros.

Esses encontros com orientadora, coorientadora e colegas dos dois grupos foram momentos de partilha única, nos quais narramos nossas condições e dividimos nossas experiências quanto às pesquisas e seus desdobramentos. Ambos são grupos que, para além do objetivo comum de desenvolvimento das pesquisas, são compostos por pessoas que se apoiam e se ajudam mutuamente.

É importante que eu pontue aqui o quanto os encontros de orientação, de coorientação e as reuniões dos grupos são relevantes durante essa jornada. São conjuntos de pessoas que pensam e pesquisam a Educação, se auxiliam e foram fundamentais no meu processo formativo como pesquisadora. Penso que os encontros em grupos potencializam as discussões sobre os temas e enriquecem a pesquisa e o trabalho, posto que trazem múltiplos saberes, múltiplas experiências que se encontram convergindo para construção do conhecimento.

No total, participei de reuniões regulares de três grupos que foram: Grupo Orientandos e Orientandas; Grupo de Estudo, Espaço e Saberes – GRUPES, ambos mediados pela orientadora Adriana Alves; e o Coletivo CRIA, mediado pela coorientadora Luciana Haddad, a nossa sábia e fascinante Nana.

Os grupos de Orientandas e Orientandos e GRUPES têm reuniões que ocorrem de forma virtual e quinzenal, compostos majoritariamente por mulheres. No caso do primeiro, os e as componentes são, como o próprio nome indica, pesquisadores e pesquisadoras cujos trabalhos são orientados pela Profa. Dra. Adriana Alves. Nele os e as participantes apresentam seus temas de pesquisas, recebem algum direcionamento mais amplo, são discutidos os estágios das pesquisas e, principalmente, discutimos textos sobre pesquisas e sobre determinados autores.

As reuniões e atividades propostas pelo coletivo Orientandas e Orientandos foram fundamentais para a finalização do projeto, para a condução e para a finalização desta pesquisa. Foi nesse grupo que, meio perdida, apresentei no segundo encontro meu projeto que ainda era um embrião do que veio a ser o trabalho final. Também foi nele que primeiramente fui apresentada a Walter Benjamin e posteriormente aos demais filósofos, pensadores e estudiosos que embasaram meus estudos. Foi a partir e por causa desses encontros que eu me aprofundei nos vários textos e trabalhos, bebi de suas fontes e fui me enriquecendo do saber deles para construir meus conhecimentos.

Já o GRUPES é um coletivo mais heterogêneo no que concerne à condição das e dos participantes, cuja composição também é majoritariamente feminina, havendo poucos homens. A heterogeneidade desse grupo explica-se pelo fato de que são pessoas que encontram-se em condições muito diferentes umas das outras: algumas já são doutoras, outras já mestras pleiteando o doutorado, há ainda as que estão na fase de conclusão do mestrado e mais algumas e alguns que acompanham o grupo pelo apreço pela Educação. Nesse coletivo são discutidos textos, pesquisas já concluídas, falamos sobre arte, literatura e cultura de forma geral. É um grupo com encontros descontraídos, mas bastantes produtivos e que contribuiu muito para que eu pudesse pensar principalmente sobre uma pesquisa narrativa.

Quanto aos encontros do Coletivo CRIA, igualmente virtuais e de ocorrência quinzenal, reuniam-se mulheres, na maioria, e alguns homens que se encontravam em diferentes estágios de trabalhos diversos, seja mestrado ou doutorado. A dinâmica havida ali era a de que cada participante apresentava, em linhas gerais, seu trabalho, contava em que momento da pesquisa se encontrava, qual a metodologia seria utilizada e ouvia dos e das demais colegas sugestões para dar encaminhamento ao estudo.

Nesse grupo não há necessidade de que o trabalho seja apresentado de forma muito esmiuçada ou com técnicas mais elaboradas, mas eu optei por apresentar o meu projeto utilizando-me do PowerPoint e somente o fiz porque estava insegura e receosa demais para fazê-lo apenas na saliva.

Não que esse coletivo seja intimidador ou composto por arrogantes. Muito ao contrário. O Coletivo CRIA é composto por pessoas descontraídas, espirituosas e bastante empáticas. Mas, é que a capacidade intelectual e técnica dessas pessoas me deixou numa posição de muita insegurança. São educadoras e educadores muito conscientes e conhecedores de seus papéis e para quem a pesquisa e a formação na área da Educação faz parte de sua essência. A Nana conduz os encontros com a técnica de uma maestrina que rege uma orquestra cujos músicos e instrumentos estão em total sintonia e, enfim, a empatia com a qual fui recebida, acolhida e orientada venceu meus medos e o caminho prosseguiu.

Quanto às aulas dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola-PPGEA, tivemos encontros que ocorreram durante uma semana em cada mês, de forma virtual, com professores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, que nos ajudam, orientam, ensinam e auxiliam de diferentes formas, tanto na apresentação dos mais diversos conteúdos, como também na execução de nossas pesquisas.

Dessa forma, para além do programa PPGEA, eu tive a condição de encontrar nos grupos nos quais fui inserida, pessoas que se apoiam no caminho da pesquisa, ofertando outras perspectivas, um outro olhar, e me deram a possibilidade de ver a tela com outras cores. Os grupos me ensinaram, fizeram apontamentos, sugeriram adequações ao texto e bibliografias e, principalmente, me encorajaram a prosseguir. Assim, passo a passo, mas em caminhada contínua, fui me constituindo pesquisadora.

4.2 Conversa como metodologia de pesquisa – Conversando a gente se entende

Seguindo nos estudos que possibilitaram esta pesquisa, já com o projeto bastante modificado, a orientadora e a coorientadora foram me apresentando metodologias diversas que abriram caminhos alternativos de realização de pesquisas e encantou-me a possibilidade de realizarmos uma ou algumas rodas de conversa.

Passei a interessar-me mais e a estudar essa metodologia, percebendo que, numa pesquisa narrativa, nos moldes pretendidos, a interação entre pesquisador e participantes da pesquisa talvez fique mais facilitada de modo menos formal e com maior abertura para a oralidade.

Aqui, após os esclarecimentos iniciais sobre as primeiras tratativas, é necessário que eu informe que esta pesquisa partiu de um referencial teórico e metodológico narrativo e se apoiou basicamente na utilização de três instrumentos: a pesquisa documental, a pesquisa bibliográfica e a metodologia da conversa enquanto o terceiro instrumento de produção de dados que me foi apresentado. A pesquisa documental neste estudo objetivou a obtenção de informações mais concretas quanto aos procedimentos para a contratação de estagiários do *Campus São João Evangelista*.

Dessa forma, a partir do estudo documental que foi realizado nos arquivos da instituição, fiz uma descrição dos procedimentos envolvidos na contratação dos estagiários e da forma de acompanhamento do estágio.

Com a pesquisa bibliográfica acerca dos temas considerados relevantes, pretendi estudar e discorrer sobre narrativas e experiências em suas diferentes dimensões, mesclando-as a uma abordagem crítica no tocante ao estágio não obrigatório.

O terceiro recurso metodológico utilizado foi a metodologia da conversa, para a qual guiei-me por trabalhos publicados por Aguiar e Ferreira (2021), Campesato e Bonafé (2019), Ferreira (2014), Lisboa (2020), Sampaio, Ribeiro e Souza (2019), Silva (2020), Souza, Gurgel e Andrade (2019), entre outros que abordem essa metodologia.

Nos direcionamentos que fui seguindo, durante os estudos para que esse projeto fosse elaborado, concluí que, para cumprir os objetivos desta pesquisa, as rodas de conversa poderiam ser mais proveitosas para o melhor desenvolvimento das narrativas de experiências.

É conversando que a gente se entende, já diz a sabedoria popular. A interação entre os interlocutores, durante uma conversa, possibilita caminhos diferentes em assuntos diversos. Muitas vezes nos perdemos em uma conversa entre amigos e até com recém-conhecidos. Quantas vezes um tema de interesse comum entre os participantes de uma conversa desemboca em relatos de vida e narrativas inusitadas entre os falantes?

Diferentemente de citar fatos e dados, o ato de narrar uma trajetória possibilita que os interlocutores se coloquem, pois narrar pressupõe pontuar nossas próprias impressões e representações. Ao nos posicionarmos como narradores ou ouvintes de uma narrativa, é possível compartilhar intimidades e sentimentos (AGUIAR; FERREIRA, 2021). Como nos ensinou Benjamin (1987), mesmo quem lê uma narrativa compartilha da companhia do seu narrador, compartilhando assim de suas compreensões e conhecimentos.

Ademais, nas conversas, há que se imprimir a marca do narrador, como também direciona Benjamin (1987) em “O Narrador”. Assim, durante as conversas, o descritor se transmite e se posiciona com suas singularidades e, como o próprio Benjamin definiu, ele transmite o “puro em si” do que é narrado.

Uma conversa informal nos deixa soltos para relatos e narrativas diversos. Além disso, ouvir o outro e interagir com ele nos permite ouvir a nós mesmos e refletir sobre nosso próprio relato. Entrilhar-se nas experiências de um narrador e expor as nossas próprias experiências é provocante e proporciona abertura a novas experimentações.

Como direcionam Campesato e Bonafê (2019), é possível perceber que a conversa pode proporcionar uma refinada expressão das subjetividades dos envolvidos, possibilitando o contato com o outro e consigo mesmo. O indivíduo propõe-se a se expressar verbalmente e a ouvir-se.

É fundamental pontuar também que uma conversa possibilita o exercício da habilidade de observar o ponto de vista do outro a partir da perspectiva dele, do outro. O que comumente é chamado empatia, na realidade, é a habilidade de observar o outro em relação ao olhar dele, experimentando seus conflitos, dúvidas e dividindo saberes.

Silva (2020) destaca o caráter formativo de uma roda de conversa, quando utilizada como metodologia de pesquisa científica, pois possibilita a articulação dos conhecimentos com a afetividade que surge do diálogo entre o grupo pesquisado.

Diante dessa multiplicidade de horizontes que podem ser descortinados a partir de uma conversa, chama a atenção a possibilidade de utilizar a conversa como metodologia de pesquisa científica.

A utilização da roda de conversa como metodologia de pesquisa científica é uma forma de legitimar o posicionamento e a palavra de um grupo de pessoas que normalmente é legado a uma condição de marginalização social e essa prática acaba por extrapolar o objetivo de coleta de dados (SOUZA; GURGEL; ANDRADE, 2019).

Nos relatos de Sampaio, Ribeiro e Souza (2019), durante suas práticas de investigação para pesquisas, foi possível verificar a recorrência que uma entrevista se transformava em conversa e que, a partir daí, essa conversa ocasionava reflexões que desaguavam em mudanças de rumo na pesquisa.

Isso acontece porque, duma resposta inesperada pode-se extrair outro questionamento que se relaciona à pesquisa, mas cujo enfoque ainda não havia sido considerado. A conversa não segue o roteiro e oferece novos caminhos.

Além disso, a conversa pode representar um modelo alternativo à pesquisa científica por dispensar o rigor da forma e possibilitar maior interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Conforme Sampaio, Ribeiro e Souza:

Conversar, pareceu-nos, poderia ser uma linha de fuga às normativas da pesquisa científica. Conversar foi possibilitando, então, em nossas ações investigativas, a atenção às diferenças e à diferenciação; à alteridade e à singularidade constitutivas do próprio encontro (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2019, p. 29-30).

A conversa faz parte do cotidiano das pessoas e ela não causa estranhamentos. Ademais, uma roda de conversa pode possibilitar o afloramento das subjetividades que são tão caras quando se fala em narrativas de experiências.

Durante uma conversa, podemos nos expressar verbal, física e emocionalmente e dizermos mais do que as palavras possam verbalizar. Ao ouvirmos uma confissão íntima de um interlocutor, nos inclinamos à frente, quando escutamos algo engraçado, o corpo se solta numa gargalhada, a expressão de espanto no rosto do ouvinte denuncia uma narrativa insólita. Os trejeitos e gestos conversam para além das palavras ditas, por que o não dito também fala muito.

Como bem lembrado por Lisboa (2020), apesar de ser novidade como metodologia de pesquisa, a roda de conversa já é bastante utilizada por docentes como prática de aprendizado mútuo, nos moldes da didática freiriana. Assim, vem sendo também difundida como método em pesquisas científicas.

Logo, importa destacar que em momento de conversa é possível descolar-se da formalidade que comumente acompanha a pesquisa científica, oportunizando aos participantes um momento singular de observação e análise pessoal em condição de menor rigor protocolar (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2019).

Com toda a ideia da metodologia mais arraigada e com a necessidade de verificar se essa metodologia seria bem aceita por possíveis colaboradores, optei por mais um contato com as ex-estagiárias e ex-estagiários com as quais já havia uma tratativa inicial.

Assim, já em meados de setembro de 2021, realizei novo contato com possíveis colaboradoras da pesquisa e expus a intenção da metodologia escolhida. Nessa ocasião entendi que as contatadas e contatados, além de dispostas a narrarem suas experiências, sentiram-se à vontade para que isso fosse feito sem um questionário ou entrevista. Logo, ficou ainda mais claro que a roda de conversa seria um instrumento produtivo e bem aceito pelos participantes.

O passo seguinte foi delimitar melhor o recorte temporal e a quantidade de possíveis participantes para, em seguida, definir quantos encontros seriam realizados, como e quando seria possível fazê-los. Essas questões ficaram melhor delineadas em conversas com a orientadora e a coorientadora e com os próprios ex-estagiárias e ex-estagiários que residem em cidades diversas. Para estas definições, também precisei levar em conta o fato de que ainda estávamos em período pandêmico.

A pesquisa foi realizada com ex-alunas e ex-alunos egressos do curso de Licenciatura em Matemática que realizaram o estágio não obrigatório no IFMG – *Campus* São João Evangelista, entre os anos de 2016, período de início de celebração de termos de compromissos com alunos estagiários, até o ano de 2020. Dessa forma, cinco ex-estudantes aceitaram participar da pesquisa, colaborando com suas narrativas, sendo 04 (quatro) mulheres e 01 (homem).

Como já informado, os participantes da pesquisa foram selecionados a partir dos arquivos existentes no setor de Gestão de Pessoas da instituição dentre os ex-estagiárias e ex-estagiários que se dispuserem a relatar suas narrativas e experiências com o estágio não obrigatório dentro do *campus*.

Importa esclarecer que foi solicitada autorização do responsável legal do IFMG – *Campus* São João Evangelista para a utilização e manuseio dos arquivos da instituição que embasaram a pesquisa.

Para a execução do trabalho, o projeto foi devidamente submetido ao Comitê de Ética, seguindo os procedimentos recomendados na Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e cujo parecer final de aprovação encontra-se anexo a esta dissertação.

Com a pertinente de aprovação do Comitê de Ética, os participantes foram selecionados e contatados com base nos arquivos constantes do Setor de Gestão de Pessoas do IFMG – *Campus* São João Evangelista, orientados quanto aos procedimentos realizados, e solicitados a eles a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual consta a informação de que as conversas seriam ser registradas em formato audiovisual e transcritas. Assim, foram realizadas duas rodas de conversas, sendo a primeira delas no dia 13/07/2022, com quatro participantes e a segunda no dia 20/07/2022, com cinco participantes. As reuniões foram registradas através de equipamento audiovisual, conjuntamente das anotações de minhas impressões e sentimentos pessoais acerca dos encontros, utilizando-me desse material produzido nas conversas como instrumentos de produção de dados.

Dessa forma, a primeira roda de conversa ocorreu com quatro participantes, dentre eles três ex-estagiárias e um ex-estagiário, convidados a falar sobre a experiência do estágio. Em função da diversidade de assuntos que surgiu a partir da primeira conversa, senti necessidade de realizar mais um encontro e nessa segunda oportunidade outra ex-estagiária juntou-se ao grupo inicialmente formado.

Foram conversas sem roteiro predeterminado, nos quais atuei como mediadora e participante do grupo. Não houve rigidez, os participantes foram deixados à vontade para contarem suas expectativas iniciais com o estágio, narrarem suas experiências durante o período e expressarem-se acerca da contribuição do estágio para a docência da Matemática e para suas vidas pessoais.

Assinalo que, dado o fato de que cada um das colaboradoras e colaboradores residem em cidades diferentes, inclusive, eu própria moro numa cidade diferente de todas e todos eles, acrescentando-se ainda a ocorrência de que a pesquisa deu-se em período pandêmico de COVID-19, os encontros só foram possíveis de forma remota, utilizando-me da plataforma *Microsoft Teams* e, como dito, com registo desses encontros em formato de áudio e vídeo. Os encontros também foram transcritos cuja transcrição também encontra-se anexa a este trabalho.

Paralelamente aos contatos e conversas com os participantes durante o processo de produção de dados, na condição de pesquisadora, sempre procurei anotar minhas reflexões e impressões, elaborando registros de pesquisa que me ajudaram nas conclusões deste trabalho.

Para a realização da análise dos dados produzidos a partir das conversas, o instrumento escolhido foi o Paradigma Indiciário, sobre o qual falarei logo adiante.

No entanto, antes de passar à análise de dados, gostaria de registrar que todo o percurso desta pesquisa representou um desafio para mim; em inúmeros momentos eu pensei que não conseguiria chegar até aqui. Mas dois momentos, em especial, foram particularmente inquietantes: o período em que eu tentei contato com os possíveis participantes da pesquisa e a véspera da data marcada para o primeiro encontro virtual com eles.

O primeiro porque, apesar de ter conseguido contato com mais de dez ex-estagiários, somente seis me responderam e apenas cinco concordaram em colaborar com a pesquisa. Inobstante ao fato de os cinco participantes terem se apresentado com entusiasmo e até alegria na colaboração, foi um momento de ansiedade e inquietude, pois toda investigação depende da colaboração que acontece no campo, com o grupo alvo que, afinal, é quem tem lugar de fala sobre o assunto pesquisado.

Para que fosse produzido o material audiovisual que pudesse embasar a pesquisa, escolhi a plataforma *Microsoft Teams*, pois com ela eu poderia gravar em áudio e vídeo para posterior transcrição das conversas e análise dos dados.

Quanto à véspera da primeira roda de conversa, essa foi de tal forma angustiante que, na noite anterior ao encontro eu sonhei com o evento. Foi uma noite atormentada, com medo de que a plataforma escolhida para a reunião não funcionasse ou, se funcionasse, não me atendesse à contento, receio de que os colaboradores não conseguissem entrar na sala, ou simplesmente não quisessem mais participar da pesquisa, angústia pela possibilidade de os participantes não se identificassem com a pesquisa e que eu não conseguisse conduzir a reunião de forma satisfatória e mais um sem número de receios e apreensões.

Enfim chegada a hora do primeiro encontro, quando no momento inicial da conversa eu agradecia a cada um deles que estava ali pela participação, uma das participantes, aparentemente muito engajada nas tarefas que se propõem, me diz o seguinte:

Só quem faz pesquisa sabe dizer o quanto é difícil e o quanto é importante a participação. No meu mestrado eu precisei da participação de alunos da graduação e é muito difícil ficar dependendo disso. A pesquisa inteira depende desse momento. Se as pessoas não quiserem colaborar e não quiserem participar da pesquisa, não tem pesquisa!(AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro de; R., 2022a).

Ela resumiu nessas linhas todas as minhas angústias e o medo de ter caminhado tanto para sucumbir à falta de participantes. Essa participante será melhor contextualizada mais à frente.

E foi assim que mais uma etapa foi concluída e eu segui um pouco mais adiante no meu percurso.

Sigamos agora para a análise dos dados produzidos.

4.3 – O paradigma indiciário

Observar o que se diz e o que se quer dizer dentro de uma conversa e analisar as narrativas expostas nesse contexto requer um olhar voltado a interpretar para além do que foi dito. Em razão disso, entendi que a análise dos dados desta pesquisa deveria ser feita jogando-se luz aos múltiplos sentidos do que foi dito. Foi assim que cheguei ao paradigma indiciário.

Acerca do paradigma indiciário é importante assentá-lo no fato de que, numa pesquisa narrativa, podem-se encontrar múltiplos sentidos naquilo que é narrado. Pode-se também verificar essa polissemia naquilo que não é dito. Toda essa multiplicidade de sentidos deve ser registrada e analisada. Durante uma conversa, há elementos que não ficam tão evidenciados, mas que podem ser percebidos em sons, imagens e ideias que devem constar do corpo da pesquisa para consubstanciar a análise dos dados colhidos.

Ao tentar delimitar a origem do paradigma indiciário na obra *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, o historiador italiano Carlo Ginzburg (1989) discorre sobre artigos que analisavam pinturas italianas que pretendiam apresentar um método diferente para se confirmar a autoria das obras expostas nos museu, na segunda metade do século XIX. Segundo Ginzburg (1989), esse método foi proposto por dois estudiosos, Ivan Lermolieff e Johannes Schwarze. Posteriormente revelou-se que ambos estudiosos eram, na realidade, uma só pessoa, Giovanni Morelli, que se escondia sob os pseudônimos. O método de verificação consistia em analisar pormenorizadamente a obra de arte de forma, não para verificar características mais vistosas e mais facilmente imitáveis, mas verificando minúcias normalmente menos observadas e mais negligenciáveis, como características específicas das orelhas ou dos dedos. Assim, defendia Morelli, a partir da análise de detalhes menos observáveis, seria possível atribuir, com maior certeza, a autoria de uma determinada pintura.

Ginzburg (1989) prossegue traçando um paralelo entre o método proposto por Morelli para a verificação das autorias das pinturas, as análises realizadas pelo pai da psicanálise,

Sigmund Freud, e ainda com o método utilizado pelo famoso detetive Sherlock Holmes, personagem de escritor Arthur Conan Doyle, para desvendar crimes. Vejamos essa interessante analogia, nas palavras do próprio autor:

Como se explica essa tripla analogia? A resposta, à primeira vista, é muito simples. Freud era um médico; Morelli formou-se em medicina; Conan Doyle havia sido médico antes de dedicar-se à literatura. Nos três casos, entrevê-se o modelo da semiótica médica: a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta na base de sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos do leigo (GINZBURG, 1989, p.150-151).

Ferreira (2014) explica o paradigma indiciário como uma forma de observar a pesquisa por meio de uma perspectiva fundada na concepção de que os produtos obtidos de uma conversa com pessoas são frutos das atividades dessas pessoas e, em razão disso, são dinâmicos e podem exprimir sentidos diversos, o que pode ocasionar múltiplas interpretações. Nesse sentido, é necessário tomarem-se os dados para além do que foi dito, sendo necessário ultrapassar o óbvio e analisar aquilo que não foi dito, os gestos, movimentos, silêncios e sentimentos.

Logo, há que se tomarem todos os indícios, detalhes e nuances, evidentes ou que são apenas sugeridos na conversa, como dados para a pesquisa. Todos esses dados devem constar na narrativa da própria pesquisadora e embasar uma análise detida para que se possa chegar às considerações finais da pesquisa.

Abaurre *et al.* (2012) chama atenção para o caráter pedagógico dos procedimentos investigativos a serem adotados no cenário de utilização do paradigma indiciário, ou seja, o pesquisador precisa guiar-se por um método instrutivo na busca pelos indícios relevantes à pesquisa. Dessa forma, os indícios verificados orientarão a compreensão dos dados produzidos na investigação. Ainda de acordo com Abaurre *et al.* (2012), esse procedimento precisa atender-se para o modo de identificação dos dados, já que nem todos os dados produzidos são relevantes para o tema que se estuda. Além disso, há que se analisar os dados produzidos com o devido rigor metodológico que uma pesquisa científica requer.

O trabalho com indícios pressupõe procedimentos abduativos de investigação, e as questões metodológicas cruciais dizem respeito: i) aos critérios de identificação dos dados a serem tomados como representativos do que se quer tomar como a “singularidade que revela”, uma vez que, em um sentido trivial do termo, qualquer dado é um dado singular; 2) ao conceito mesmo de “rigor metodológico”, que não pode aqui ser entendido no mesmo sentido em que é tomado no âmbito de paradigmas de investigação centrados nos procedimentos experimentais, na replicabilidade e na quantificação (ABAURRE *et al.*, 2012, p. 06).

No paradigma indiciário, conforme Aguiar e Ferreira (2021) é necessário investigar aquilo que foge à regra, verificando a singularidade e as particularidades individuais para que se possa interpretar de forma mais rica aquilo que foi abordado.

Aguiar e Ferreira (2021) também direcionam que é inarredável a relevância de trabalhar-se com a noção ampliada de indício, verificando aspectos que comumente são negligenciados, mas também considerando que eles são trazidos de forma narrativa e, diante disso, é necessário que o pesquisador exercite um movimento de distância e estranhamento, no sentido de sempre buscar características para além da obviedade.

O paradigma indiciário consiste em uma interpretação de dados diante de vestígios, indícios, sinais, valorizando singularidades e especificidades, sem perder de vista o rigor metodológico que deve mostrar o caminho rumo à conclusão da pesquisa científica. Logo, é preciso interpretar de forma interdisciplinar todas as situações envolvidas e estudar minuciosamente toda sorte de dados coletados em pesquisa.

A partir das narrativas das experiências das ex-estagiárias e ex-estagiários, do registro de suas ideias, comportamentos e expressões, foram verificados indícios e recorrências que consubstanciaram a análise dos dados.

Da análise dessas experiências, pude averiguar em que medidas essas experiências foram determinantes na constituição pessoal dessas ex-alunas e ex-alunos e na constituição do docente em Matemática.

A produção, organização e análise dos dados informados nas conversas forneceram subsídio para o alcance dos objetivos propostos por esta pesquisa.

5 CAPÍTULO IV

A ANÁLISE DOS DADOS PRODUZIDOS E A CONSTITUIÇÃO DA PESQUISADORA

Desta feita, procurando guiar-me pelo aprendizado produzido a partir da leitura e reflexão trazidos pelos diversos filósofos e pensadores já mencionados e sob a ótica do paradigma indiciário, debrucei-me sobre o material elaborado por intermédio das rodas de conversas.

Como já referenciado, as rodas de conversas ocorreram de forma virtual em duas ocasiões, sendo a primeira no dia 13/07/2022, na qual participaram três ex-estagiárias, chamadas aqui de D, AD e R, e um ex-estagiário, nomeado de JF.

No segundo encontro, igualmente virtual ocorrido em 20/07/2022, participaram as mesmas pessoas que estiveram no primeiro encontro e ao grupo juntou-se outra ex-estagiária, que chamei de AL.

A escolha desses pseudônimos foi feita de acordo com as letras cuja sonoridade era preponderante no nome do participante. Os pseudônimos me auxiliaram também no momento da análise dos dados produzidos nas rodas de conversa, para que eu não me perdesse nas falas. Também na transcrição dos encontros, eu procurei ocultar qualquer tipo de informação que pudesse identificar o participante da pesquisa, como nome de empresas em que trabalharam, cidade natal e de residência, local de trabalho entre outros.

Sobre a situação atual de todos, é importante informar que D, AD e JF atualmente são professores que atuam na rede pública de ensino, lidando com a matemática. No caso de JF, este leciona, além da Matemática, conteúdos de Ciências para o ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos - EJA. A docente D é professora efetiva da rede estadual e AD, também efetiva da rede municipal, sendo AD professora do ensino fundamental e D dando aulas para o ensino médio. JF é professor contratado da rede municipal. A ex-estagiária R prossegue seus estudos no exterior, ainda na área da Matemática, mas não dá aulas. Por ocasião das rodas de conversas, R encontrava-se de passagem no Brasil para resolver questões relacionadas ao cargo público para o qual é concursada e do qual encontrava-se afastada. Naquela oportunidade, ela veio ao país com o objetivo de exonerar-se desse cargo para dedicar-se à finalização de seu mestrado. Segundo R informou, ao finalizar os estudos ela irá dedicar-se à Matemática e permanecer no país onde atualmente reside.

A ex-estagiária AL, que se juntou ao grupo no segundo encontro, não trabalha com Matemática e também não leciona. Naquela ocasião, ela informou que estava exercendo um cargo público, como contratada, ligado ao Curso Técnico em Nutrição e Dietética, do qual ela foi aluna no IFMG – *Campus* São João Evangelista, antes de iniciar sua Licenciatura em Matemática.

Destaco ainda o fato de que essas cinco pessoas residem em diferentes cidades da região próxima ao município de São João Evangelista.

Na análise dos dados produzidos para esse estudo, eu procurei destacar nas falas dos participantes os trechos que, na minha compreensão do contexto, respondiam aos objetivos desta pesquisa. Dessa forma, nesse subitem do capítulo são transcritos vários fragmentos das conversas, nos quais percebi que há indícios de resposta para o problema de pesquisa.

Interessante pontuar que, mesmo antes de entabular os estudos, leituras e pesquisas iniciais que embasaram este trabalho, tão somente em razão de percepção e ideia pessoais, eu entendia que a possível motivação preliminar que impelia estagiárias e estagiários fosse, possivelmente, financeira. Essa observação pessoal deve-se ao fato de que a maior parte dos

alunos do IFMG – *Campus* São João Evangelista são de outras cidades, alguns de cidades vizinhas e outros de locais um pouco mais distantes. Igualmente a maioria deles advém de classes economicamente menos favorecidas e necessitam de auxílio financeiro para manterem-se nos estudos. Muitas famílias não têm como custear esses gastos e a contribuição financeira da bolsa de estágio é bem-vinda e certamente auxilia nesse custeio.

Ao verificar essas circunstâncias, socorre-me Walter Benjamin (2021) que, no ensaio *Capitalismo como religião*, reflete acerca do modo com que o capitalismo se aproveita das estruturas organizacionais da religião para se fundar na estrutura da sociedade moderna. Dessa forma, os valores capitalistas se fixam e modulam as relações humanas e sociais. Digo isso porque, num mundo hipoteticamente alicerçado noutros valores, num mundo ideal, talvez esses estudantes não precisassem preocupar-se tanto com seu custeio e subsistência durante o tempo de vida estudantil.

Na tese IV, sobre o conceito de História, Benjamin (2021) nos lembra de que, para se fazer história é preciso estar vivo e para estar vivo é preciso construir as condições materiais para nossa sobrevivência. Logo, o próprio autor compreende a necessidade das conquistas materiais do indivíduo. No entanto, ele nos alerta que, na luta de classes, somos expropriados das condições materiais para nossa sobrevivência e, além disso, deixamos nossas coisas espirituais, como troféus, nas mãos dos vencedores, nas mãos dos nossos opressores.

Lembro-me desses escritos de Benjamin (2021) porque, obviamente, nos relatos acerca do mote inicial do estágio, a questão financeira surgiu. Vejamos:

Querendo ou não, por mais que meus pais tivessem condições de me manter em São João, ter uma bolsa no valor de R\$ 400,00 era um valor muito considerável na época, porque hoje não paga quase nada (risos). E aí já era algo que eu aliviava para os meus pais, né? [...] Aí surgiu essa oportunidade [do estágio não obrigatório]. [...] Uma bolsa de R\$ 642,00 é bem maior que a bolsa de R\$ 400,00 e paga completamente tudo o que eu preciso. Aí eu já não precisaria mais de ajuda dos meus pais. Já era uma independência financeira dos meus pais. (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

E quando eu passei no processo todo, fui convocada, nossa... eu fiquei muito feliz porque, na época o PIBID a gente não participava mais. E teoricamente era um dinheiro muito bom que ajuda a gente. O dinheiro do estágio, nossa... Para o último ano da faculdade faz muita diferença na vida da gente (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

No entanto há nuances e alguns tons de subversão da ordem capitalista que normalmente direciona a forma de viver das pessoas:

E como eu larguei o meu emprego, eu também já ia chegar nessa parte: a parte financeira... Eu larguei o meu emprego e por eu já ser adulto mesmo quando fui para o IF, então eu não tinha muito essa possibilidade de contar financeiramente com os meus pais. Então eu tive que abrir mão de muitas coisas. Você é acostumado a ter um salário x, como a situação da colega R, que também trabalhava na empresa C, que ganhava mais, né? Aí a gente tem que se adaptar a sobreviver com menos e aquela coisa toda (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022).

Nesses, como em outros trechos das suas narrativas, podemos perceber como a questão financeira traça as diretrizes da busca pela realização profissional desses aluno e alunas. Entretanto, para além do momento em que JF dobra-se à condição de adaptar-se a viver com menos para colher futuramente os frutos do estágio, me chamou especialmente atenção o relato da ex-estagiária R, no tocante à subversão da ordem capitalista vigente.

Sua emblemática narrativa é a de uma mulher adulta que já tinha adquirido estabilidade financeira devido à aprovação em concurso para uma vaga em uma empresa

pública. Inobstante a segurança financeira que vigia em sua vida, R licenciou-se desse emprego público para voltar, na condição de estudante, a realizar o estágio não obrigatório.

Eu fiz estágio no setor de Administração e Patrimônio do Campus. Minha motivação não foi financeira, até porque eu pedi licença do meu trabalho em que eu ganhava mais para fazer o estágio por uma bolsa mínima. Eu queria uma experiência na parte de contratos e pensei que talvez fosse interessante fazer algum concurso nessa área e para aprender eu quis fazer o estágio. Principalmente em relação à lei 8.666 [lei de licitações] da Lei 8.112 [lei que rege os servidores públicos federais]. Então eu vi a oportunidade de estágio e fui para lá. Acho que essa foi uma oportunidade enorme de conhecimento e de virada na minha vida. Porque nesse tempo que eu fui pra lá eu comecei a pensar mais sobre a administração pública em si (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022).

Por óbvio que a história de R não traduz a realidade e motivação da maior parte das pessoas que, porventura, estivessem em seu lugar e seus ideais não são os que guiam a maior parte dos indivíduos. Certamente trata-se de uma exceção à lógica capitalista que domina e direciona a vida da maior parte das pessoas.

No entanto, interpreto essa narrativa, seus meandros e todo o arcabouço que a compõem, sob a lógica da busca de um sentido maior, mais amplo e abrangente em detrimento da ordem previamente estabelecida. Vejo esse fragmento histórico de R como um respiro, um sopro de esperança e certa utopia de que talvez o futuro imponha que a ordem capitalista vigente seja obrigada a curvar-se diante das pessoas, ou pelo menos de algumas pessoas.

Da análise dos dados que foram produzidos nos ricos momentos desses encontros virtuais havidos entre mim e essas ex-estagiárias e esse ex-estagiário, ao esquadrihar os diálogos e colocações deles, um dos textos de Walter Benjamin em particular está sempre à minha espreita: Sobre o conceito da História. Nesse texto, em sua tese, Benjamin nos lembra:

A verdadeira imagem do passado passa por nós de forma fugidia. O passado só pode ser apreendido como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu conhecimento. “A verdade não nos foge” [...] essa concepção é destruída pelo materialismo histórico. Porque é irrecuperável toda a imagem do passado que ameaça desaparecer com todo o presente que não se reconheceu como presente intencionado nela (BENJAMIN, 2021, p. 11).

Dessa forma, Benjamin (2021) nos convida a voltar nossos olhos para o presente, buscando nele o passado refletido, pois o passado reluz, a todo o momento, no presente. O autor nos oferece a oportunidade de reflexão e observação das ruínas do passado se presentificando e apontando a direção do futuro. Nesse sentido, Benjamin (2021) critica a visão da linearidade histórica para propor, de maneira oposta à aceitação de uma temporalidade linear progressiva burguesa capitalista, um presente que olha para o passado para pensar alternativas mais felizes para os seres humanos.

Entrelaçando a percepção benjaminiana com os dados analisados e um dos objetivos dessa pesquisa, qual seja, a compreensão da experiência do estágio não obrigatório na constituição da vida pessoal do ex-estagiário, concluo que o passado integrou-se e modificou o presente, preparando o futuro de todas as colaboradoras e do colaborador desta pesquisa. Podemos perceber essa ideia nas falas de todos os participantes:

Acho que essa foi uma oportunidade enorme de conhecimento e de virada na minha vida. Porque nesse tempo que eu fui pra lá eu comecei a pensar mais sobre a administração pública em si [...] E foi nesse tempo também que surgiu a oportunidade da própria universidade de um edital para intercâmbio. [...] Então com isso eu consegui ver que era isso que eu queria fazer, que eu queria ir mais para a

área da administração, conhecer mais, para melhorar minhas condições de trabalho. [...] Foi mesmo um período de virada na minha vida. Foi por aprendizado, foi por experiência e foi muito boa, acho que foi um caminho sem volta. [...] Eu tive o contato do Instituto como estudante e, como estagiária, eu passei a ter o contato com o trabalho do Instituto, passei a ter o contato de tomar café junto e um contato que não era mais só a nível estudantil (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

Eu vim uma formação a distância, e aí pra mim foi um outro mundo que vocês devem saber muito bem como que é o IF, né? É um outro mundo que a gente chega... uma outra realidade, de cidade pequena e ainda mais de zona rural, né? Que eu não cresci aqui no centro da cidade. Eu cresci na zona rural da cidade. Eu cresci naquela comunidade, fiquei lá até meus 18 anos. [...] Então da minha parte foi só muita coisa que eu aprendi mesmo depois eu utilizei tudo isso para a residência pedagógica. Eu fui super bem na entrevista. Então eu acho que tudo o que eu aprendi no IF me serviu para alguma coisa (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

Então, são habilidades que a gente não vai aprender na faculdade, não aprender num curso de Licenciatura. Porque a gente lida com isso no dia a dia. Eu acho que falta muito isso para os nossos alunos. Inclusive, algo que eu passo muito pra eles: A gente precisa resolver problemas e a gente não está formando pessoas que saibam de fato. Então, para mim isso foi uma experiência incrível, assim, saber lidar com todo tipo de pessoas (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

Eu vim da zona rural, meu pai só tem até a quarta série e minha mãe é do magistério. É professora, mas ainda assim de primeira a quarta série. Não tinha estudo... era o magistério que fazia ali no terceiro ano, então não fez uma faculdade. Então era tudo muito distante para mim. [...] A gente estudou lá na roça, na escolinha que hoje está toda desmanchada lá. Estão reformando e aí sim, caraca, é muito fora da nossa realidade! E o pessoal lá, nunca estudou, nunca quis estudar. Cada um pra um canto. Muitos passam até necessidade. E a gente... tem noção de o que é fazer mestrado? Era algo tão distante! Daqui a pouco: passar num concurso federal que é algo assim que é muito diferente da realidade que a gente vive aqui (AD; AL; D; JF; Pereira, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

[...] porque eu vim de uma cidade pequena em que ou você ou trabalha no mercado local ou é amigo do Prefeito para conseguir um trabalho na prefeitura. Se não conseguir, não for parente ou próximo da prefeitura, você fica sem serviço. E se no mercado não conseguir, você está desempregado [...] E hoje eu estou muito feliz porque realmente eu já sou concursada. É, acho que isso é o maior orgulho do meu pai é falar assim: nossa, minha filha efetiva! Acho que é a coisa mais linda de ouvir na boca dele, é isso: Tenho uma filha efetiva, tá segura como se diz (AD; AL; D; JF; Pereira, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

Eu não trabalho hoje com a Matemática. [...] Assim, eu acabo mexendo muito com relatórios e organização de estoques. Algumas coisas que eu fazia no estágio eu faço hoje no meu trabalho. Questões de reuniões, atas e tudo isso. No estágio eu fiquei mais familiarizada com como decorrem as coisas, as demandas, como trabalhar aqui. [...] Aí o estágio me ajudou bastante. O estágio também contribuiu na questão de como lidar com as pessoas (AD; AL; D; JF; Pereira, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

Nesses e em outros momentos, essas ex-licenciandas e ex-licenciando em Matemática apresentaram indícios e relatos de que o ambiente institucional e o próprio ambiente de estágio foram inspiração para almejavam outros espaços e outras formações. Em suas narrativas, fica claro que o contato mais próximo com o corpo docente e com os técnicos administrativos dos setores do campus despertou neles o interesse por capacitações e

graduações voltadas à ampliação do saber e às realidades até então pouco conhecidas ou distantes.

E a gente pensava: será que compensa comprar uma máquina desse valor? E concluímos: é claro que compensa, é isso que faz ciência. É isso que dá aquela matéria prima pra coisa acontecer. E a gente pensava: eu quero mexer com uma máquina dessas, seja lá o que ela fizer... ela deve ser muito chique. E a gente ia lá pra visitar a máquina... é muito bom. E a gente tem essa responsabilidade e pensa: Essa máquina é valiosa, ela faz coisas e vai ser usada em vários lugares porque a máquina é realmente boa... não é só de valor alto. E até pra mexer com a máquina tem que aprender. Então só de mexer com ela já é aprendizado, já é pesquisa, já é ciência. E a gente pensa: tem a minha mão nessa máquina (AD; AL; D; JF; Pereira, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

Aí, tem até aquela história de que você é uma média das cinco pessoas que você convive [...].E lá no IF é um povo que respira inovação, que respira buscar sempre mais, sempre mais... Então é isso: eu acho que eles têm um imã que faz a gente querer mais, eu não quero só isso, eu quero mais (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

Nossa é uma coisa de louco. E para quem não entende nada a máquina não serve para nada. Mas ela é o que faz a diferença...é o que faz a ciência, né? E hoje a gente está num mundo tão maluco que as pessoas não acreditam na ciência... (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

A compreensão da narrativa dessas ex-estagiárias e desse ex-estagiário deve estar voltada ao olhar que o presente deve ter para o passado. Como na compreensão de Benjamin, “a verdadeira imagem do passado para por nós de forma fugidia” (BENJAMIN, 2021, p. 11) e esse breve clarão do passado reluzindo no presente pode se perder se não estivermos atentos.

É que, apesar de não conseguirmos verificar em pormenores como suas vidas seriam caso não fossem permeadas pela educação, certamente está premente a percepção de que eles tiveram sua trajetória modificada de alguma forma. E, por consequência, levaram consigo essa mudança para alterar outras realidades.

A partir da compreensão dessas narrativas, das histórias de vida dessas pessoas, da vívida mudança que se operou em suas trajetórias, diante das experiências que obtiveram com o estágio não obrigatório, certamente outras vidas foram alteradas.

Quando discorre sobre a obra *Angelus Novus*, quadro de Klee, Benjamin (2021) nos diz que o anjo da história tem a intenção de reconstruir, desde os fragmentos do passado, aquilo que foi destruído. No entanto, esse anjo é levado por um vendaval que o arrasta para o futuro. Nossa tarefa como trabalhadoras e trabalhadores da educação é auxiliar o anjo da história para que ele fique, para que o vendaval não perturbe seu vôo, para permitir que os vencidos sejam ouvidos e para reconstruir um lugar para eles no presente. Eu percebo essas narrativas com o sentimento da esperança, com o sentimento de que essas histórias puderam ser reescritas e que levaram consigo esse conhecimento.

Penso que todas as vezes que conseguimos captar o lampejo do passado no presente, nas ocasiões em que conseguimos ver que o passado foi iluminado e trouxe um presente melhor para as pessoas, nesses momentos o anjo da história venceu o vendaval e ajudou a reconstruir o que foi destruído. Nesses momentos, eu vejo que podemos escovar a história a contrapelo, buscando a perspectiva dos vencidos e não dos vencedores.

Diante disso, tendo-se em vista o ponto de partida de cada um desses ex-estudantes, é possível afirmar que a formação pessoal das ex-estagiárias e do ex-estagiário foi substancialmente transformada e que o elemento estágio contribuiu para essa transformação pessoal.

Outro ponto importante que deve ser ressaltado é o fato de que o estágio não obrigatório não é uma atividade pedagógica voltada para atender a grade curricular. De acordo com a Instrução Normativa 213, do Ministério da Economia, trata-se de atividade pedagógica opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória do curso para a qual há contrapartida da bolsa estágio e do auxílio transporte (BRASIL, 2019).

Dessa forma, as ex-estagiárias e o ex-estagiário pesquisados e que optaram por essa modalidade de atividade não obrigatória, não realizam tarefas relacionadas ao curso no qual estavam matriculados, no caso em tela, a Licenciatura em Matemática. Mas, exerceram atividades em diversos setores da instituição.

Um aspecto interessante mencionado por uma das participantes da pesquisa é a conjectura de que essa modalidade pedagógica acaba por auxiliar a instituição quanto ao déficit de mão de obra do quadro institucional, uma vez que essas estagiárias e esses estagiários acabam por realizar atividades administrativas que deveriam ser realizadas por servidores públicos de carreira. “Aí surgiu essa oportunidade [do estágio não obrigatório]. A gente sabe que é uma precarização...Não tinha, meio que, dinheiro para contratar técnico administrativo, né? Então coloca-se os estagiários” (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

Como D (2022) destaca, muitas atividades que são atribuídas aos estagiários são tarefas que deveriam ser realizadas por Técnicos Administrativos da Educação-TAEs. No entanto, em razão do quantitativo reduzido de pessoal, aliado ao acúmulo de atribuições dos que atuam na área, esses encargos são terceirizados aos estagiários que acabam por realizar inúmeras tarefas que não guardam relação com o curso em que estão matriculados.

Igualmente, pude identificar indícios de que, para além da contribuição administrativa, de realização de tarefas, esses alunos poderiam contribuir também para a otimização e modernização de algumas atividades realizadas no *campus*, na implementação de soluções mais simples para algumas questões. Vejamos:

Tem até uma planilha, mesmo que eu lembro que o João Paulo Chegou e falou assim: “ô D, eu preciso que você contabilize essas horas acadêmicas aqui desses alunos que entregaram o certificado. [...] Muito chato porque tinha que voltar em coisa que nem foi eu que fiz assim. Então eu pensei assim: “gente, deve ter outro jeito de fazer isso, porque isso não é prático”. Eu lembro que na época teve o concurso da Biblioteca e eu fui fazer o concurso. Eu estava estudando Excel e eu lembrei de uma funçãozinha lá... e eu pensei e essa função aqui? Será que dá pra montar uma planilha? Eu lembro que eu vim pra casa no fim de semana, não manjava de Excel, tinha um conhecimento muito básico. E aí fui e montei uma planilha. E pensei: com essa planilha agora eu consigo contabilizar tudo de forma automática... só joga lá tudo o que o menino me entregou e a planilha contabiliza tudo sozinha. E isso virou a planilha de Agronomia, Florestal, Matemática, Sistemas e espalhou pra todos os cursos (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

Essa passagem é, sem dúvida, a confirmação de que os alunos estagiários contribuem para que haja certa modernização e otimização das atividades desempenhadas na instituição. A juventude e o domínio em algumas áreas desconhecidas de alguns servidores são aspectos que contribuem na agilidade e presteza do serviço.

Rememoro, nesse momento, que os ex-alunas e ex-aluno pesquisados, apesar de estarem matriculados à época num curso de licenciatura, a atividade de estágio não guardava relação com a docência. Inobstante a esse fato, como essa atividade operou-se no palco da educação, igualmente, percebo a contribuição do estágio não obrigatório na constituição do docente da Matemática.

Esse fator aparece nos relatos de duas ex-estagiárias e do ex-estagiário que seguiram no percurso da docência. Um dos relatos que mais chamou a atenção foi o de AD. Penso que

esse é um trecho muito significativo de sua narrativa e, antes de grifar alguns trechos para destacar sua importância, gostaria de chamar a atenção para essa passagem como um todo porque esse foi um relato verdadeiramente emocionante e significativo na constituição docente de AD:

Então assim foi muito gratificante e acho que a responsabilidade e a forma como a gente precisa é ter um trabalho minucioso lá dentro, eu levo isso hoje no meu dia a dia, da seguinte forma: eu trabalho numa escola na zona rural. Eu fui efetivada lá é uma escola quilombola e a minha demanda de alunos, além de ser uma demanda de alunos que tem muita carência na parte da matemática, do ensino como um todo, eles têm carência financeira, carência pessoal. Você vê alunos que a única refeição do dia a dia deles é na escola. Eu não imaginava que isso existia, mas eu vivo isso todos os dias lá. Então não é o tipo de aluno que você vai tratar da mesma forma de um aluno que tem uma estrutura melhor. Então, além da responsabilidade que a gente tem de sala de aula, a gente tem que levar carisma, simpatia, tem que estar preparado para um desafio todos os dias. O aluno às vezes não é frequente porque não quer, mas é porque, às vezes, não tem uma blusa de frio para ir para escola e fica com vergonha de ir. Ou às vezes, porque o ônibus quebra e fica uma semana, duas semanas sem buscar aquele aluno. Aí quando ele chega, ele não lembra mais que você ensinou. Ele não consegue acompanhar a turma mais. Então, assim, todos os dias eu tenho que me programar de uma forma diferente, sabe? Então assim, eu tive tanta responsabilidade não só na vida, mas nesse momento de setor que hoje na sala de aula eu, eu carrego esses meninos, sabe? Os meus alunos, eles se tornam mais do que amigos pra gente. [aqui ela fica visivelmente emocionada] E ver como que eles vivem, sabe? (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022).

Quando rememora essa passagem, AD se emociona e chora. A visível emoção com que AD se expressa, ao relatar sua experiência na docência, e de como o estágio contribuiu na sua compreensão e em sua forma de agir na docência são indicativos claros da contribuição do estágio na formação do professor. A experiência que a estudante AD teve com o estágio não obrigatório foi constituidora da docente AD. Isso nos faz retomar a ideia de que a experiência nos constitui de forma integral, em nossa unidade de sentido. O estágio mobilizou completamente a futura docente AD, a arrebatou em sua completude como ser humano atuante no mundo. Essa contribuição do estágio não obrigatório na constituição do docente é verificada nos demais relatos:

Então da minha parte foi só muita coisa que eu aprendi mesmo depois eu utilizei tudo isso para a residência pedagógica. Eu fui super bem na entrevista. Então eu acho que tudo o que eu aprendi no IF me serviu para alguma coisa. A AD falou sobre a questão dos alunos em sala de aula, sobre a realidade das escolas. Essa escola em que eu trabalho atualmente [no distrito] é uma escola que a gente pode falar que é rica em comparação com todas as outras escolas que eu já passei. [...] Tem as suas dificuldades, as suas particularidades que toda escola tem mais nessa questão, divisão de trabalho pedagógico voltado para as necessidades dos alunos. Esse ano que foi o meu primeiro ano de estreia com matemática. Porque eu já tinha trabalhado lá química, né? E aí, esse ano, graças a Deus, eu consegui matemática também, né? Porque é uma escola que não tem muitas turmas, então eu trabalho quase que com todas as turmas da escola, né? Eu trabalho ensino médio, ensino fundamental e EJA, né? Então, assim, rico em experiências. Esse ano eu peguei uma substituição até de ciências e biologia que eu gosto mesmo da área de ciências da natureza e ciências exatas, matemática. Eu gosto de misturar tudo. Então, assim, muita coisa que eu aprendi no IF eu pude aplicar nessa escola (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

O meu TCC surgiu de um trabalho que ele mandou eu e a AL fazermos sobre índice de reprovação [...] Quem tem a honra de trabalhar, por exemplo, com a Natália Riso? Coordenadora de Engenharia Florestal, extremamente perfeccionista de que

tudo para ela tinha que ser perfeito e ela chegava, mas naquela paciência, naquela educação[...] Eu gosto disso, sabe? De gente que exige, mas com cara de que não está exigindo, com respeito (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022).

Eu estive em São João há alguns dias levando a minha turma para a Mostra de Profissões e eu estava parecendo uma criança, por quê? Porque, olha que loucura... Tem pouquíssimo tempo que eu formei ali... tudo o que eu sei eu construí ali naquele lugar, naquela cidade É o que eu sei como professora hoje foi porque me pegavam pela mão, e falou assim: “minha filha, as coisas funcionam, é assim.” (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022).

Então, são habilidades que a gente não vai aprender na faculdade, não aprender num curso de Licenciatura. Porque a gente lida com isso no dia a dia. Eu acho que falta muito isso para os nossos alunos. Inclusive, algo que eu passo muito pra eles: A gente precisa resolver problemas e a gente não está formando pessoas que saibam de fato. Então, para mim isso foi uma experiência incrível, assim, saber lidar com todo tipo de pessoas. Saber lidar com gente que te trata bem, com gente que te trata mal. Fiz muitas amizades lá também na hora de café... tem muitas coisas inesquecíveis. Então, pra mim, foi experiência financeira foi muito válida para a época e, como profissional agregou muito (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022).

Eu acho que o principal, que eu consegui desenvolver muito lá foi a questão da proatividade, sabe? De enxergar um problema e já buscar resolver. De organização de eventos que haviam lá. Todos esses processos de organização, pensar como executar uma determinada coisa, eu acho que ajudou muito e me ajuda muito hoje a pensar até na sala de aula, sabe? Eu tenho um problema que é aquele aluno que tem dificuldade de aprendizado...qual a estratégia que eu posso criar para poder ajudá-lo? Essa abertura de pensamento (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022).

E você vai pra dentro da sala de aula de uma escola também e não está ciente de nada que está acontecendo ali. Acho que a primeira coisa que a gente vai é com a aula preparada. Aí você chega lá, você tem livro de ponto que não pode errar, tem carga horária extra que você tem que cumprir. Então assim é informação que você tem que ficar atento e você tenta fazer tudo corotinho para nada acontecer. [...] Mas, tudo o que a gente vai exercer na prática aqui, na minha profissão de professora, isso acrescenta. A gente aprende a ser esperto. A gente aprende a lidar com os colegas de trabalho. Porque tem colegas maravilhosos, mas tem aqueles que é só: “Oi, bom dia”, mas é seu amigo, mas não é tão aberto a conversar. E isso a gente aprende em todos os momentos... isso não se aprende em sala de aula. Principalmente nas escolas que tem uma rotatividade de funcionários muito grande. É algo assim único, não tem nem como explicar (AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R, 2022).

Dessa forma, diante das narrativas de suas experiências, podemos depreender que, apesar de o estágio não obrigatório não guardar relação direta com o ofício da docência, não fazer parte de sua grade curricular obrigatória nem apresentar aos educandos experiências de estreita ligação com a docência no chão da escola, essa experiência constituiu todos os membros desse grupo que seguiram no caminho da sala de aula. Ao narrarem suas experiências do período estagiado, todos o levam para o momento do ensino junto aos seus alunos.

Ao me debruçar sobre o material produzido nas rodas de conversas para transcrevê-lo e para refletir sobre ele, fiquei positivamente surpreendida por relatos que, no calor e ansiedade da produção dos dados, eu não havia notado.

Tratam-se de colocações, detalhes, falas e situações que não eram o foco da discussão acerca da constituição na/com/da docência, mas experiências de constituição pessoal que nasceram das relações dessas ex-estagiárias e esse ex-estagiário do contato com a diversidade

havida no ambiente do estágio. Foi nesse contexto que me deparei com essa falta da ex-estagiária D:

Não sei se a Ad lembra, mas a Denília [professora do IFMG] tinha feito um trabalho com os meninos da turma do JF, era aluno de libras, que era para sair pregando cartazinhos identificando, com identificação para cegos, em braille. E eu saí pregando plaquinha de identificação, com os sinais em libras de qual sala que era... Esse era laboratório, esse é o ambulatório... e eu chego em algum setor e me deparo com uma aluna do ensino médio olhando para a plaquinha lá e tentando fazer os sinais assim e eu pensei “meu Deus, é isso, Esse é o objetivo da Denília.” Obviamente a gente sabe que o surdo ele sabe ler, se ele foi alfabetizado, ele sabe ler a questão, não é? Não é sobre entender o que está ali, é sobre incluir. É disseminar a linguagem dele também (AD; AL; D; JF; Pereira, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

D descreve esse momento durante a conversa com o olhar de quem experimentou a epifania, um momento de revelação. Ela não tinha compreendido, até aquele momento em que se deparou com a aluna repetindo os gestos dos cartazes, qual era o objetivo da professora de libras, qual seja, difundir a linguagem de sinais. Justamente nessa situação, eu percebi que ela pode ter sido submetida a uma situação que Dewey (2010) nomeou como *experiência singular*. Essa experiência só foi possível para D em razão da tarefa que estava realizando como estagiária.

Outro registro interessante sobre a diversidade foi feito pelo ex-estagiário JF e novamente pela ex-estagiária D:

Como a gente ficava ali, por exemplo, no prédio que eu fiquei, que era o prédio 2 de Sistemas de Informação, quando tinha algum evento e a gente ficava doido pra atender professores que vinham do nordeste pra dar um mini-curso ou alguma palestra, né? Porque o IF de São João Evangelista é uma referência, é um campus que é visto como um dos melhores dos IFs. E tem parceria, né? Os nossos professores da Matemática igual José Fernandes, ele é referência em educação, então ele tem contatos, ele vira e mexe ele está em outros países. [...]Então, o IF ele vive e respira diversidade. [...]a gente chega no IF e dá uma vontade de mergulhar naquela diversidade naquele mundo de pessoas diferentes (AD; AL; D; JF; Pereira, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

Aquilo que eu falei no encontro passado, a gente é uma média das 5 pessoas que a gente convive. Quando você está convivendo num ambiente que as pessoas todas estão, ali querendo e em busca aí, faz pesquisa, e faz projeto de extensão, e faz iniciação científica, e movimenta, se você fica parado, você começa a ficar com vergonha de estar parado. Eu gostei demais. O Instituto foi um lugar que me acolheu demais em todos os sentidos. Eu falei, cara, eu quero voltar pra cá, eu quero, eu quero morar aqui, eu quero trabalhar aqui (AD; AL; D; JF; Pereira, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

Pude observar também que o próprio estagiário pode compreender-se como o elemento da diversidade dentro do contexto da instituição, como aparece na narrativa de AD:

Mas lá a gente lidava com os trabalhadores. A gente tinha trabalhadores mais jovens, tinha pais de família, tinha avós, tinha aqueles que eu considero como terceira idade, que são alguns mais velhinhos que têm lá [risos], os anistiados da Vale do Rio Doce. Cada um com sotaque diferente, cada um com uma cultura diferente, e eu também. De certa forma, eu fui com uma cultura diferente, porque eu sou evangélica. Aí tem aquela questão de cabelão, tá sempre de saia, é sempre uma curiosidade para todo mundo querer saber como que é essa vida da Gente, né? (AD; AL; D; JF; Pereira, Ioná Braga de Castro; R, 2022, grifo nosso).

As narrativas apresentadas nas rodas de conversas nos leva novamente a retomar os conceitos inicialmente apresentados neste trabalho relacionados à experiência.

Como deixado pelos ensinamentos de Dewey, uma experiência flui livremente, não deixando vazios, conduzindo-nos para o que vem a seguir. É um fluxo contínuo, “à medida que uma parte leva a outra e que uma parte dá continuidade ao que veio antes, cada uma ganha distinção em si” (DEWEY, 2010, p 111). Assim, cada uma dessas pessoas pesquisadas trouxe sua bagagem no que diz respeito à experiência e de cada passagem vivida no âmbito do estágio, levou também alguma experiência. Isso os preparou para o que viria adiante, seja na docência, como três dos pesquisados, seja para prosseguimento no campo da pesquisa, como outra deles, seja ainda em outra atuação profissional. Dessa maneira, ocorreu a interação entre o que foi vivenciado no período do estágio com os aprendizados previamente adquiridos pelos contatos socioculturais dos sujeitos, forjando essas pessoas para as experiências futuras.

Entendo que as narrativas produzida nos contextos das rodas de conversas ofereceram os meios necessários para proceder a análise das experiências das ex-estagiárias e do ex-estagiário participantes desta pesquisa. As diferentes temáticas abordadas e o posicionamento dos colaboradores durante essas oportunidades fundamentaram a compreensão de que o estágio não obrigatório ofertado para o estudante do Curso de Licenciatura em Matemática pode constituir-lo em dimensões diversas.

Todas essas experiências, sejam elas vividas em contexto escolar, no estágio ou fora dele, conjugadas às experiências anteriores assimiladas socioculturalmente por esses estudantes alicerçaram a construção do conhecimento dessas ex-estagiárias e desse ex-estagiário.

Esses conhecimentos e saberes levados adiante modificaram seu entorno e certamente foi material para embasar o conhecimento construído por outras pessoas que, por sua vez, também passarão conhecimento adiante. Porque conhecimento deve ser construído levando-se em conta as experiências trazidas pelos educandos, caso contrário seria tão somente apresentação de assuntos de uma parte com assimilação passiva de outra.

Na finalização da análise dos dados produzidos, não consegui visualizar uma conclusão, uma vez que a história dessas ex-estagiárias e ex-estagiário não será concluída com a experiência do estágio, mas será sempre mediada por essa experiência como por outras que se fundarão nela.

Mas penso que é oportuno recorrer-me novamente a Walter Benjamin (2021) e ao seu anjo da história, reforçando minha compreensão de que nas experiências narradas pelas ex-estagiárias e pelo ex-estagiário participantes desta pesquisa, as asas do anjo resistiu ao vendaval e a história foi escovada a contrapelo. Nas histórias narradas aqui o anjo foi mais forte que o vendaval da história e conseguiu permanecer para legitimar a história dos vencidos e construir um lugar para eles no presente. Isso porque dessa experiência foram edificadas outras tão ou mais edificantes.

Contar a história dessas ex-estagiárias e desse ex-estagiário representou para mim a construção de conhecimento e a constituição de uma pesquisadora. Tornei-me pesquisadora no campo de pesquisa e, assim, esse caminho de construção de conhecimento embasado em experiência, eu experienciei a minha própria constituição como pesquisadora.

Ademais, não posso deixar de registrar o momento em que essa pesquisa foi produzida. Isso em razão de minha graduação para o mestrado ter se dado de Maio/2021 a Abril/2023, período conturbado da política nacional em que foi necessário nos fortalecermos como grupo para que nossa democracia resistisse aos arroubos autoritários de um grupo minoritário.

Desse período envolvendo a política nacional, é necessário deixar registrado que entre os anos de 2019 a 2022 passamos por um governo federal com viés autoritário, cuja pouca valorização da educação ficou evidenciada pela falta de investimentos e crítica frequente aos

profissionais da área. Há que se mencionar também que foi um período com ameaças reiteradas à democracia que culminou com uma eleição contestada sem apresentação de provas, marcado por insurgências antidemocráticas e ameaça de golpe de Estado.

Nesse contexto eu compreendi melhor, com o auxílio dos filósofos e historiadores que me alicerçaram, a importância da história, da consciência de classe, da resistência, da resiliência e de que tudo isso só se constrói mediante o despertar da consciência coletiva.

5.1 Constituição da pesquisadora – história de uma metamorfose

Início com o registro cirúrgico de Souza:

O percurso de um pesquisador é permeado de inquietações, de incertezas, e, felizmente, de aprendizagem. Como pesquisadora, percorro caminhos dinâmicos e complexos na busca de conhecer melhor meu contexto acadêmico e profissional e, também, a mim mesma. Foi nesse percurso que vivi a experiência de me tornar uma pesquisadora narrativa; (SOUZA, 2018, p. 968)

A história desta pesquisa, que culminou na escrita desta dissertação e, finalmente, com uma pesquisadora em formação, iniciou-se com as tratativas do IFMG – *Campus* São João Evangelista em ofertar um programa de mestrado. Nesse tempo eu me encontrava às voltas com a busca de um tema para apresentar como projeto de pesquisa.

Conversei com vários colegas que já haviam concluído o mestrado e com outros que também iriam pleiteá-lo. Mas foi observando a estagiária que nos auxiliava no setor que compreendi a oportunidade de transformar a minha observação em projeto de pesquisa. Eu já havia me surpreendido ao analisar as atitudes de alguns alunos que realizavam o estágio não obrigatório na instituição e em como era nítida a mudança de comportamento deles durante o período de estágio.

Como eu já narrei no capítulo anterior, a marcha foi lenta e gradual. Nesse caminho eu contei com uma extensa rede de apoio que foi muito importante para esta pesquisa e para a minha formação como pesquisadora. Eu não sabia ser pesquisadora, me senti perdida e incapaz, por diversas vezes, e por outras tantas, eu tive a certeza de que não conseguiria chegar ao final do caminho.

Acompanhando as reuniões, eu fui assimilando as experiências alheias, seja com auxílio da orientadora e coorientadora desta pesquisa, seja nos coletivos com o compartilhamento de experiências, ou ainda com as intermináveis horas de leitura e estudo, e no campo de pesquisa, com os colaboradores deste trabalho.

Hoje eu tenho a percepção de que esses grupos com os quais eu contava me fortaleceram e significaram o despertar de uma consciência voltada para a pesquisa, mas também para o autoconhecimento.

Quando fui instigada pelas orientadora e coorientadora a escrever meu próprio memorial para este trabalho, pude deparar-me com autorreflexões e consegui entender mais sobre mim, sobre minhas experiências e sobre como elas foram formadoras e transformadoras. Narrando passagens da minha história, eu compreendi a dimensão de fatos e situações que, na ocasião dos acontecimentos, não pude captar e assimilar.

Durante todo o percurso, experimentei frustrações e dúvidas, mas procurei capturar experiências até desses sentimentos negativos, expus-me a novas vivências, e, passo a passo, fui adquirindo minhas próprias experiências para me formar pesquisadora.

Da pesquisa nasceu a pesquisadora. Minha identidade como pesquisadora foi forjada à medida que fui apresentada a conceitos e situações diversas daquelas que comumente eu acessava e a cada novo autor que eu conhecia e estudava.

Cada pessoa que encontrei pelo caminho deixou um pedaço de si e contribuiu na construção da pesquisadora porque eu levei para o campo de pesquisa a minha história que se cruzou com as histórias dos que encontrei e deste encontro foram produzidas novas histórias, dentre elas a história desta pesquisa e a história desta pesquisadora.

Clandinin e Connelly falam sobre esse entrecruzar de histórias na produção da pesquisa narrativa:

As histórias que trazemos como pesquisadores também estão marcadas pelas instituições onde trabalhamos, pelas narrativas construídas no contexto social do qual fazemos parte e pela paisagem na qual vivemos (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p.100).

Clandinin e Connelly (2015) também refletem sobre a relevância da imersão do pesquisador em seu campo de pesquisa, de sorte que o investigador leva consigo suas experiências para o trabalho de campo, considerando como ponto inicial do percurso de uma pesquisa narrativa a própria narrativa da experiência do pesquisador.

Souza (2018) esclarece que, mesmo que uma pesquisa narrativa não seja autobiográfica, é necessário que o pesquisador se localize nela; é primordial que o pesquisador identifique quem ele é e qual o seu lugar no campo de pesquisa. Esse é um exercício autobiográfico.

Então, comigo não aconteceu diferente. Levei comigo sempre, e para todos os lugares, a apreensão relativa à pesquisa desde os seus primórdios. A insegurança e o receio de perder o tempo certo dos acontecimentos e dos relatos é sempre companheira no caminhar do pesquisador. Esse tipo de apreensão também foi registrada por Clandinin e Connelly (2015) na percepção relatada pelos pesquisadores narrativos sobre a incapacidade de lidar com o fluxo contínuo de acontecimentos que permeiam o campo de pesquisa, seus participantes e o próprio pesquisador.

Qualquer que seja o trajeto – no sentido de estar no lugar certo na hora errada, de estar no meio de histórias não contadas, de estar em uma pré-narrativa – o pesquisador tem a percepção inevitável de ser incapaz de lidar com o fluxo contínuo de histórias, que lhe circundam e também a de seus participantes no campo de pesquisa (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p.107).

Não obstante os sentimentos angustiantes que experimentei nesse tempo de pesquisa, é mister registrar também que houve momentos de profunda transformação e autoconhecimento.

Assinalo aqui novamente os momentos iniciais de escrita do memorial que compõe esta dissertação. Ao rememorar os acontecimentos vividos e seus reflexos percebidos no presente, revisitei e ressignifiquei sentimentos. Foi uma oportunidade de compreender sensações e de utilizar fatos passados para reformular comportamentos. Foi quando eu percebi que eu disponho das ferramentas necessárias para levar adiante a tarefa de concluir esta capacitação. Das experiências que eu levei para o campo de pesquisa e daquelas que se entrelaçaram às minhas naquele lugar, foi sendo gestada e nascendo uma pesquisadora.

Clandinin e Connelly (2015) assinalam a tensão que pode ocorrer entre o pesquisador e os participantes no palco do campo da pesquisa e entendem que há momentos em que essa relação chega a ser frágil e permanentemente sujeita a negociações. No caso desta pesquisa, a tensão foi anterior aos encontros como já relatei anteriormente. Meu principal receio naquele momento foi de não encontrar participantes que se dispusessem a conversar comigo e, se falassem, não quisessem se posicionar sobre o estágio ou não oferecessem elementos que auxiliassem na pesquisa.

De fato, contatei vários ex-estagiários e ex-estagiárias que não quiseram colaborar e que nem mesmo responderam aos meus e-mails, contatos telefônicos e mensagens por

aplicativo. Por fim, obtive resposta dos cinco participantes desta pesquisa que, não só se dispuseram a conversar, como o fizeram de forma entusiasmada. Eu não consegui perceber essa tensão durante os encontros e foi com alegria que, ao mediá-los e mais adiante assistindo ao material audiovisual produzido e transcrevendo as conversas, senti-me conectada aos participantes. Isso se devia a muita conexão entre eles mesmos, além de suas histórias serem muito convergentes e interligadas e esse sentimento foi contagiante.

A análise dos dados produzidos em rodas de conversa exigiram de mim um exercício de entrega e de dedicação total. Passei mais de uma semana revendo todo o material produzido e transcrevendo-o. Outras tantas horas assinalando e procurando indícios que confirmassem ou negassem os questionamentos iniciais, sempre com atenção voltada aos objetivos traçados.

Nessa tarefa, procurei seguir o que disseram Clandinin e Connelly (2015) quanto à composição do texto de pesquisa: busquei atender-me ao campo de pesquisa, aos participantes, às suas narrativas e à minha própria relação com todo esse conjunto de elementos, construindo um texto que pudesse conectar esses componentes ao sentido e significado da pesquisa.

O texto desta pesquisa, esta dissertação, foi gradualmente escrito e nele foram colocados e retirados trechos, textos, compreensões, reflexões e tensões. Para isso registrei em documentos o fichamento de alguns textos, compondo, através deles, meus próprios escritos e minhas impressões. Procurei também registrar dentro do próprio projeto inicial todas as anotações que iriam compor esse texto final à medida que o caminhar ia avançando. Dessa forma, o projeto, assim como eu mesma, foi-se transmutando em dissertação e já, a partir dele, fui compondo o texto final da pesquisa.

Compreendo que a pesquisa narrativa reúne histórias de pesquisados, pesquisadores e campo de pesquisa, produzindo a própria história da pesquisa que certamente se desdobrará adiante em novas histórias. Minha tarefa foi ouvir narrativas, refletir sobre elas, extrair delas ensinamentos que poderão ser utilizados para a produção de novos conhecimentos e saberes e para o entendimento de um recorte da comunidade em que eu vivo. Nesse emaranhado de narrativas faço-me pesquisadora.

Não posso dizer que esse processo de tornar-me pesquisadora, essa metamorfose, esteja concluído porque esse é um fazer-se de marcha constante. Como pontua Souza (2018), narrar vivências requer aprendizado, pensamento e escrita narrativos e é um processo aberto e progressivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu de um referencial teórico metodológico narrativo, no qual apresentei e analisei narrativas de quatro ex-estagiárias e um ex-estagiário, alunos do curso de Licenciatura em Matemática do IFMG – *Campus* São João Evangelista, acerca da experiência do estágio não obrigatório, sobre a contribuição desse estágio nos processos formativos na/com/da docência no campo da Matemática e também sobre a importância dele na formação pessoal desses indivíduos.

Como toda a pesquisa, esta também se operou num recorte de tempo e de espaço que foi entrecortado por histórias de pesquisados, da minha própria história como pesquisadora, do campo de pesquisa e de todas as experiências que se interligaram nesse campo, porque a pesquisa narrativa está situada na experiência das pessoas (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Narrar as próprias experiências e ouvir experiências alheias é um ato reflexivo e, em certa medida, transformador e, a partir deste trabalho, constitui-me pesquisadora.

Pessoalmente constato que a pertinência deste trabalho reside na possibilidade de ofertar mais elementos para verificação das experiências de estágio não obrigatório, entendido como ato formativo extracurricular, na constituição pessoal e profissional do indivíduo. Percebo que os alunos que iniciam um estágio não obrigatório não são as mesmas pessoas que finalizam essa experiência. Ao vivenciar o cotidiano administrativo da instituição em que estagia, o estudante a observa a partir de outra perspectiva, relacionando com um grupo diversificado e disso ele pode extrair experiências que poderão propiciar outros conhecimentos.

Com o desenvolver desta pesquisa com ex-estagiárias e ex-estagiários, possibilitei a cada um deles a condição de narrarem-se, ouvirem-se e ouvirem seus pares, oportunizando reflexões sobre o processo formativo do docente em Matemática e a transformação pessoal proporcionada pela experiência do estágio.

No campo de pesquisa, nas rodas de conversas, constatei que o mote inicial desses estudantes é, em certa medida, financeiro, uma vez que a contrapartida do estágio não obrigatório é uma bolsa paga mensalmente. Entretanto, houve a clara constatação de que há aqueles para quem a bolsa não foi o fator primordial.

Restou clara também a contribuição dessa modalidade de estágio para a formação do docente, vez que os pesquisados que seguiram nesse caminho registraram, em mais de uma ocasião, que levaram ensinamentos desse período para o chão da escola.

Quanto a constituição pessoal dessas ex-estagiárias e desse ex-estagiário participantes desta pesquisa, esta fica demonstrada em inúmeros momentos de suas narrativas, quando rememoram sobre a diversidade, sobre amplitude de horizontes, aprendizado a partir de novos prismas, maior contato com profissionais técnicos e docentes da instituição e sobre perspectivas de futuro, todas experiências havidas a partir do contexto do estágio.

Como ato devolutivo ao concluir a pesquisa, entendo que, diante das reflexões desenvolvidas aqui, será possível proporcionar aos docentes e discentes a condição de analisarem criticamente o estágio, que é de fato um ato educativo, desenvolvido no ambiente de trabalho, conforme preconiza a legislação dispositiva do tema, mas que também pode ser uma experiência enriquecedora para o futuro pessoal e profissional dos ex-estagiários e ex-estagiárias.

O estágio não obrigatório remunerado, que também é considerado como ato pedagógico formativo, pode e deve ser visto segundo as óticas mais amplas e constituidoras do indivíduo no âmbito pessoal. Dessa forma, considerando a análise de sua contribuição,

seria razoável que se pensasse nessa modalidade pedagógica como política pública voltada à formação pessoal e até mesmo ao combate da evasão escolar.

O desenvolvimento deste trabalho teve como alvo as ex-estagiárias e os ex-estagiários que foram alunas e alunos do curso de Licenciatura em Matemática, porque a primeira disposição era averiguar o impacto dessa modalidade educativa na docência. Foi no decorrer dos estudos, com as leituras, sobretudo acerca dos conceitos de experiências na perspectiva dos vários autores consultados, que percebi que essa contribuição também era pessoalmente relevante para os estudantes e futuros profissionais de outras áreas do conhecimento.

Entretanto, em razão do tempo exíguo, só consegui realizar a pesquisa que inicialmente foi pretendida com a ampliação do espectro para a verificação da contribuição pessoal do estágio, sem a possibilidade de aumentar o número de participantes, quantidade de encontros e instrumentos de produção de dados.

Desta feita, considero que um estudo de maiores dimensões, com aumento do número de participantes e que possibilite a produção de dados em diversas dimensões talvez possa produzir elementos voltados à melhor compreensão da contribuição do estágio não obrigatório, remunerado, em outros campos do conhecimento. Certamente que um estudo de maiores proporções poderia compreender melhor e possibilitar a implantação de políticas públicas mais voltadas ao incentivo dessa prática.

Penso que também seria interessante um trabalho mais minucioso de estudo e análise no tocante a cada ex-estagiário e ex-estagiária individualmente. Para tanto, talvez fosse significativa a realização de um acompanhamento pessoal do estagiário durante todo o tempo de estágio (desde o início até o final do processo) e no início da vida profissional, posto que um rastreamento mais abrangente poderá ensejar indícios mais substanciais sobre a contribuição do estágio.

De minha parte, digo que iniciei a metamorfose de constituir-me pesquisadora narrativa doravante esse trabalho e estou em constante processo formativo, visto que essa é uma marcha progressiva que requer escuta atenta, análise e reflexão na busca da produção de saberes.

7 REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L.; GERALDI, J. W. Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 25, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639237>. Acesso em: 18 fev. 2023.

AD; AL; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R. **Roda de conversa on-line II**. [20 jul. 2022]. Mediador: Ioná Braga de Castro Pereira, 2022. 1 arquivo .mp4 (1h:10 min.). A roda de conversa na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação. 2022.

AD; D; JF; PEREIRA, Ioná Braga de Castro; R. **Roda de conversa on-line I**. [13 jul. 2022]. Mediador: Ioná Braga de Castro Pereira, 2022. 1 arquivo .mp4 (1h:17 min.). A roda de conversa na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação. 2022.

AGUIAR, Thiago Borges de; FERREIRA, Luciana Haddad. Paradigma Indiciário: abordagem narrativa de investigação no contexto da formação docente. **Educar em Revista**, [S.L.], abr. 2021. ISSN 1984-0411. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/74451>. Acesso em: 06 out. 2021.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: Barrento, João. **O Anjo da História**. O anjo da história/Walter Benjamin; organização e tradução de João Barreto. – 2 ed.; 4. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2021.261p.

BRASIL. Secretaria de Gestão e Desempenho de Pessoal. Instrução Normativa nº 213, de 17 dez. 2019. Estabelece orientações sobre a aceitação de estagiários no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 17 dez. 2019, seção 1, p.33. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/instrucao-normativa-n-213-de-17-de-dezembro-de-2019-234040690>. Acesso em 15 fev. 2021.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 11.788 de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nos 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6o da Medida Provisória no 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 set. 2008, p.3. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm. Acesso em 15 fev. 2021.

CAMPESATO, L.; BONAFÉ, V. A conversa enquanto método para emergência da escuta de si. **DEBATES - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música**, [S. l.], n. 22, 2019. Disponível em: <http://seer.unirio.br/revistadebates/article/view/9651>. Acesso em: 30 mar. 2023.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa.** Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. – 2ª edição rev. - Uberlândia: EDUFU, 2015. 250p.

CONCEIÇÃO, Luiz Eduardo Lemos da. **Estágio curricular não-obrigatório: significados de uma experiência formativa em uma autarquia federal.** 2021. 153 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 202. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41857>. Acesso: em 15 mar. 2023.

COLOMBO, Irineu Mário; BALLÃO, Carmen Mazepa. Histórico e aplicação da legislação de estágio no Brasil. **Educar em Revista**, [S.l.], v. 30, n. 53, p. p. 171-186, jun. 2014. ISSN 1984-0411. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n53/11.pdf>. Acesso em 15 fev. 2021.

DEWEY, John. **Arte como experiência.** Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 648p.

DEWEY, John. **Experiência e educação.** Tradução de Anísio Teixeira. 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. 97p.

DEMSCHINSKI, Sandra Cristina. **A realização de estágio não obrigatório por estudantes de cursos de Licenciatura em Pedagogia: impactos e interesses.** 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020. Disponível em https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9708764. Acesso em: 15 mar. 2023.

DUBET, François. **Sociologia da experiência.** Tradução de Fernando Tomaz. - Lisboa: Instituto Piaget, 1994. 282p.

FERREIRA, Luciana Haddad. **Educação estética e prática docente: Exercício de sensibilidade de formação.** 2014. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/943140>. Acesso em 18 out. 2021.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das letras, 1989. 288p.

HOOKS, Bel. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017. 283p.

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Campus São João Evangelista.** Disponível em: <https://www.sje.ifmg.edu.br/portal/index.php/campus-sao-joao-evangelista>. Acesso em 10 de mar. 2023a.

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Campus São João Evangelista: Corpo Docente.** Disponível em: <https://www.sje.ifmg.edu.br/portal/index.php/gestao-de-pessoas-cgp/corpo-docente-cgp>. Acesso em 10 de mar. 2023b.

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Campus São João Evangelista:** Corpo Técnico Administrativo. Disponível em: <https://www.sje.ifmg.edu.br/portal/index.php/gestao-de-pessoas-cgp/corpo-tecnico-administrativo-cgp>. Acesso em 10 de mar. 2023c.

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Campus São João Evangelista*. Edital nº 011, de 08 mar. 2022. PROCESSO SELETIVO PARA ESTAGIÁRIOS. **Boletim de Serviço Eletrônico**. Processo SEI 23214.000303/2022-36. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/instrucao-normativa-n-213-de-17-de-dezembro-de-2019-234040690>. Acesso 10 de mar. 2023d.

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Campus São João Evangelista:** Graduação. Disponível em: <https://www.sje.ifmg.edu.br/portal/index.php/graduacao>. Acesso em 10 de mar. 2023e.

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Campus São João Evangelista:** Técnico. Disponível em: <https://www.sje.ifmg.edu.br/portal/index.php/tecnico>. Acesso em 10 de mar. 2023f.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico:** de Rousseau à internet. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 404p.

LISBÔA, F. M. Roda de conversa: metodologia na produção de narrativas sobre permanência na universidade. **História Oral**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 161–182, 2020. DOI: 10.51880/ho.v23i1.995. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/995>. Acesso em 26 set. 2021.

LÔBO, Emanuel Diego Cantuária. **O estágio não obrigatório na educação superior:** limites e possibilidades de uma prática formadora. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2018. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USIN_13feb72e297347c162f5d34860da91ed. Acesso em 15 mar. 2023.

PRETTO, Maria Edinéia Sousa Vargas. **O estágio não obrigatório remunerado:** desdobramentos para a formação e trabalho docente na educação infantil. 2022. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2022. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6226>. Acesso em 24 fev. 2023.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. 536p.

RODRIGUES, Micaías Andrade. Quatro diferentes visões sobre o estágio supervisionado. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 55, p. 1009-1034, Dec. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/mHNZmT8cBMhtLWyJqYFvvrF/abstract/?lang=pt>. Acesso em 14 jun. 2019.

SAMPAIO, Carmen S.; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In **Conversa como metodologia de pesquisa** - por que não? Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2019. 216p.

SILVA, Ana Tereza Vital. **Roda de conversa como metodologia para partilha de saberes docentes**. 2020. 132 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) – Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/jspui/handle/123456789/13104>. Acesso em 13 out. 2021

SILVA, Cláudia Sampaio Corrêa da; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Experiências de estágio: contribuições para a transição universidade-trabalho. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 23, n. Paidéia (Ribeirão Preto), 2013 23(54), p. 103–112, jan. 2013.

SILVA, Felipe de Lima. **Implicações teórico-práticas do estágio não obrigatório na formação do pedagogo**: a leitura dos discentes do curso de pedagogia formados na UFMS/CPTL em 2019. 2022. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campus Três Lagoas, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4474>. Acesso em 15 mar. 2023

SIMÕES, Ceane Andrade. Narradoras e narradores são poetas de si, compositoras e compositores de suas existências. In **Narrativas na/da pandemia**. Org. REIS, Graça; MARIA, Ilana; CAMPOS, Mariana; ALENCASTRE, Simone; RIBEIRO, Tiago. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2021. 205p.

SOUSA, Lurian da Cruz de. **O estágio não obrigatório no curso de licenciatura em geografia**: narrativas de egressos de universidades públicas em Teresina/Piauí. 2022 112 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Fundação Universidade Federal do Piauí, 2022. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11425522. Acesso em 15 mar. 2023.

SOUZA, Beatriz. GURGEL, Júlia. ANDRADE, Nívea. Com as juventudes: conversas como metodologia de pesquisa e uma aula como conversa. **XV Enecult** – Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. 2019. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112281.pdf>. Acesso em 18 out. 2021.

SOUZA, V. V. S. Eu... Uma pesquisadora narrativa: aprendendo a pensar e escrever narrativamente. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 3, n. 9, p. 966-982, 20 dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5604>. Acesso em 22 jun. 2022.

SMOLKA, A. L. B. Experiência e discurso como lugares de memória: a escola e a produção de lugares comuns. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 99–118, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/issue/view/1023>. Acesso em: 3 set. 2022.

THOMPSON, E. P. **Os Românticos**: A Inglaterra na era revolucionária. Tradução: Sergio Moraes Rego Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 308p.

WITTE, Bern. **Walter Benjamin**: Uma Biografia; Tradução de Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 160p.

8 APÊNDICES

Apêndice A - Transcrição das rodas de conversas

Roda de conversa on-line I

13/07/2022 (1º encontro)

Mediação e marcação negrito: Ioná Braga de Castro Pereira

Participante 1: D.

Participante 2: R.

Participante 3: JF

Participante 4: AD

A conversa começou a ser gravada quando entraram duas ex-estagiárias, iniciamos com trivialidades, falando sobre como as duas se conheceram. D contou que, quando entrou no IF precisou ser atendida na empresa C, onde R trabalhava e lá foi o primeiro contato entre elas. A gravação começa com ambas relembrando desse primeiro encontro, enquanto aguardávamos a entrada dos outros participantes da roda de conversa.

D - A gente conversa pouquinho.

R - Vai ver que no primeiro dia a gente já conversou de coisa que não tinha nada a ver, D., eu nem me lembro muito bem, mas...

D – ah, assim pra mim... eu... fui sim..., gente, é o é outra história, quando agente é bem atendido, a diferença que faz...eu me lembro como se fosse hoje, como eu entrei no C e como eu saí do C [empresa].

Ioná – Aí vocês tiveram a oportunidade de se encontrar no Campus você lembrou-se dela, falou: “Olha a menina que me atendeu no C [empresa]”, foi assim?

D – Então, ela [a R] já começou, porque fala igual a mim também [risos]. Ela já começou lá no C mesmo perguntando se eu já ia abrir conta porque eu ia estudar no IF [risos]... Perguntou: “Você já vai fazer Matemática? Eu também faço Matemática...” [risos] e aí foi.

R – Eu já era da Matemática, apaixonada por Matemática e eu pensava: “Gente, esses meninos estão começando agora, que sofrimento!” [risos]

D – É, minha filha... não é fácil não. Mas, R, você estava onde? Você estava no exterior, não estava não?

R – Estava sim, cheguei aqui foi ontem. Estou em Bambuí.

D – O João Batista, que é irmão dela, era da minha sala...

R – Ah pois... isso. Ô D, eu não me lembro, mas tu chegaste a ir na festinha que eles fizeram lá em casa, não?

D – Não. Eu não ia muito nessas resenhas da turma...

R – Nossa, mas é uma pessoa do nariz empinado [risos].

D – Não... é porque eu não bebo e tinha um povinho meio chato na minha sala, sabe? [risos]
Então eu não...

Ioná – D, eu vi a sua foto do perfil do WhatsApp e vi o seu marido...

D – O JP... [risos]

Ioná – Então, eu me lembro dele porque quando eu comecei no Instituto eu trabalhava na Secretaria e ele era do Ensino Médio, mas eu não me lembro do nome dele... mas ele é aluno... foi aluno de vários cursos...

D – Isso... é o JP.

Ioná – Ele sumiu... não vi mais. [risos]

Ioná – Ele fez curso superior, mais de um, ele é super inteligente, super engajado...

D – Sim, eh... Por isso que eu me casei com ele [risos]

Ioná – Tá certa...

R – Casou... casou?

D – Casei, uai... já estou casada vai fazer dois anos daqui a um mês. Amanhã faz um ano e onze meses já que a gente casou.

R – Que delícia, gente... e agora, o que você está arrumando da vida?

D – Eu estou morando em V [cidade da região], fiz concurso e sou efetiva no estado. O JP foi efetivado na E [órgão do estado de Minas Gerais], então ele está morando na cidade de SGP [outra cidade da região] e ele só está vindo nos finais de semana, porque está frio pra caramba... Mas ele foi nomeado em novembro do ano passado e trabalhou em SM [cidade da região], depois, na semana do casamento ele conseguiu um emprego aqui em V e no ano passado foi nomeado na E. E estamos aí.

R – Que coisa boa, ué... Agora os dois são concursados...

D – Os dois concursados, os dois filhos do Zema [governador do estado de MG].

R – E tu é de Matemática mesmo, né?

D – O que?

R – Tu tá concursada da Matemática mesmo?

D – Sim... Na verdade quando eu formei no Instituto eu já estava... estava aprovada no concurso, né.

R – Dava aula?

D – Não, eu não dava aula... aí eu saí em 2018, em dezembro, e em março eu comecei o Mestrado. Quando foi em Agosto eu já fui nomeada pro... pro estado e aí eu vim pra cá no final de 2019.

R – E terminou o Mestrado, né?

D – Terminei, terminei sim.

R – Onde tu estudaste no Mestrado?

D – Como?

Ioná – Onde você fez o Mestrado?

D – Ah... na UFVJM [Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri].

R – Diamantina?

Ioná – Você fez mestrado em Matemática mesmo?

D – Sim, Matemática. Então, foi em Teófilo Otoni... Foi eu L, A e X [colegas].

R – E o J, aquele que era da minha sala, ele também foi pra lá... era junto contigo?

D – O J era da turma anterior, ele tinha terminado antes... eu lembro que ele fez palestra lá no Instituto, ele terminou antes.

R – Que bacana, cara... e como que foi? Foi puxado, D?

D – Bastante, né... e principalmente com a pandemia a gente ficou seis meses parados, né? Foi bom... a gente vence. Sofre... Apanha um tiquinho, mas dá certo.

R – É uma correria, né?

Ioná – Gente, vocês se incomodam de esperarmos um pouquinho mais para que os outros entrem? Eu tô adorando ouvir vocês... [risos]

D – Ainda estão faltando a AL e a Ad...deixa eu ver se a AL vem porque ela não estava respondendo...

Ioná – AL não me respondeu, tentei contato, mas não me respondeu.

D – É porque ela não está de férias ainda e ela está cheia de coisas... ela dá aula em duas escolas e por causa da greve, provavelmente ela está pagando greve essa semana.

Ioná – Se a gente precisasse se encontrar novamente tem algum problema pra vocês? Mas é isso mesmo, uma roda de conversa informal... porque o objetivo da pesquisa é registrar as experiências que vocês tiveram com o estágio... ouvir as narrativas de vocês para que todos falem e que ponto o estágio foi importante, como ele constituiu vocês como docentes, como cidadão, como pessoa? Porque você entrou? A bolsa é um atrativo muito grande? Se for, sem problemas...Mas é importante de ser registrado. Ainda mais no caso de vocês porque é um

curso muito específico, a Licenciatura em Matemática e o que vocês foram fazer no estágio não tem nada a ver com o curso. Mas isso te constituiu de alguma forma? Essa experiência, esse momento da sua vida, essas situações que a gente experiencia nesse período nos levam adiante, nos levam para outras circunstâncias. Então eu queria ouvir vocês sobre essas experiências e para onde elas os levaram...e para que a gente possa registrar de forma bem rica.

R – Por mim, tá tranquilo.

Ioná – Você vai estar por aqui [no Brasil] o mês todo, R?

R – Sim, porque a minha demissão ainda não saiu. Eu tenho que fazer o exame e eu também estou trabalhando. Devo ficar dois meses por aqui. Eu tenho que esperar o exame demissional da empresa C, mas eu já estou trabalhando no meu trabalho atual. Eu também vou pra minha cidade, ver os parentes de minha mãe.

Ioná – Entendi.

D – R, você está morando no país P?

R – Sim, eu também estudei lá. Eu tenho projetos rolando na universidade lá e também tenho projetos da UFV. Eu fico mais próxima dos meus professores de lá e tenho emprego lá também. Pretendo morar lá.

Ioná – R, você trabalha lá com docência?

R – Não, trabalho com programação, com análise de dados.

D – Animada, viu? [risos]

R – Mas, D, eu fui para o Mestrado em Estatística.

Nesse momento entra outro participante da pesquisa, o JF.

Ioná – Oi JF? Gente, o JF também vai participar conosco aqui.

JF – Olá, boa noite!

Ioná – Vocês se lembram dele?

R – Não... acho que não nos conhecemos, né, JF?

JF – Não somos da mesma época não...

D – Lembro sim. JF também deve se lembrar de mim, né? É de uma turma depois de mim.

JF – Isso.

D – Convivemos um tempo considerável. JF já se casou?

JF – Sim

D – JF casou muito novo...

Ioná – D, você se casou bem nova também.

D – Eu me casei com 24 anos. A gente começou a namorar com 21. Nós dois temos a mesma idade e no dia que nós fizemos três anos de namoro nós nos casamos.

Ioná – Vocês dois são da cidade de V?

D – Não... eu sou de V e ele é da cidade de Mtl [outra cidade um pouco mais distante]. Eu fazia Matemática e ele Agronomia. Nós nos conhecemos em 2017.

Ioná – JF, vc trabalha com Matemática?

JF – Trabalho sim, na escola do Distrito C [Distrito da cidade de Guanhães]. Leciono Matemática e Química. Lá trabalhamos muito com projetos. É uma escola assim... que tem uma visão de futuro muito bacana, né? Eu já tinha trabalhado lá em 2018 e estou trabalhando de novo esse ano.

Ioná – JF, eu estava explicando para as meninas, não sei se vai ser possível para você... Se eu precisar me encontrar novamente com vocês, mais uma ou duas vezes, seria possível para você? Porque deixa eu explicar um pouquinho da minha pesquisa: eu gostaria de registrar as narrativas das experiências que vocês tiveram no período do estágio. Como foi? Porque você entrou no estágio? Em que isso mudou sua vida? E que essa experiência te constituiu? Como essa experiência te fez ver as coisas? A questão da minha pesquisa são as experiências do período do estágio e como essa experiência constituiu vocês até para a docência da Matemática. Então, penso que, talvez esse primeiro encontro seja pouco para conseguirmos registrar isso...então, se vocês puderem eu vou ficar muito agradecida, porque eu sei que doar tempo nesse mundo tão corrido. Mas fazer pesquisa é uma tarefa trabalhosa que requer tempo e contribuição dos pesquisados. Não sei se você continuou estudando JF... Sei que a R fez mestrado e a D também fez, então sabem o quanto é trabalhosa uma pesquisa...

JF – Para mim está tranquilo... No que eu puder eu vou contribuir.

Ioná – Você continuou estudando, JF?

JF – Eu fiz Pós-Graduação [refere-se à especialização]. Tô aí tentando um mestrado, procurando um programa para me encaixar... Estou ainda analisando propostas [risos].

D – Só quem faz pesquisa sabe dizer o quanto é difícil e o quanto é importante a participação. No meu mestrado eu precisei da participação de alunos da graduação e é muito difícil ficar dependendo disso. A pesquisa inteira depende desse momento. Se as pessoas não quiserem colaborar e não quiserem participar a pesquisa... não tem pesquisa!

Ioná – A AD está entrando... Oi AD.

Todos cumprimentam a AD.

Ioná – AD é da mesma turma de D?

D – Sim... Como não se lembrar de AD, gente [risos e todos fazem comentários sobre características específicas de Ad]

Ad – Pessoal, boa noite. Peço perdão pela demora, mas minha internet está ruim e estou utilizando o 3G do celular, viu gente?

Ioná – De antemão eu agradeço ao tempo de vocês para participarem dessa pesquisa, pela doação do tempo de vocês. Diante da particularidade de cada um eu agradeço muito a colaboração pois a R está morando fora e deixa de aproveitar as férias no Brasil para colaborar, JF trabalha em dois empregos, AD está gestante, D está tirando tempo das férias para me ajudarem. Muito obrigada, pessoal. Gostaria muito que esse encontro fosse presencial, mas dadas as circunstâncias e o fato de que cada um está numa cidade diferente, além da Pandemia, precisamos que essa conversa aconteça virtualmente. Como eu disse o objetivo dessa pesquisa é a análise das narrativas de experiências de vocês, enquanto ex-estagiários. Eu não gostaria de fazer perguntas, mas gostaria que vocês contassem suas experiências com o estágio. Mas uma pergunta eu preciso fazer: porque vocês resolveram fazer o estágio não obrigatório? Qual foi a motivação inicial de cada um de vocês?

R – Eu fiz estágio no setor de Administração e Patrimônio do Campus. Minha motivação não foi financeira, até porque eu pedi licença do meu trabalho em que eu ganhava mais para fazer o estágio por uma bolsa mínima. Eu queria uma experiência na parte de contratos e pensei que talvez fosse interessante fazer algum concurso nessa área e para aprender eu quis fazer o estágio. Principalmente em relação à lei 8.666 [lei de licitações] da Lei 8.112 [lei que rege os servidores públicos federais]. Então eu vi a oportunidade de estágio e fui para lá. Acho que essa foi uma oportunidade enorme de conhecimento e de virada na minha vida. Porque nesse tempo que eu fui pra lá eu comecei a pensar mais sobre a administração pública em si. E a gente estava tentando fazer o inventário [dos bens do campus], a gente estava montando planilha para organizar bonitinho... foi logo quando o Patrício [servidor supervisor do estágio de R] tinha entrado para o setor de Patrimônio, então ele estava tentando organizar mais do jeito dele, então eu comecei a pensar mais no serviço da administração pública e do tanto que a gente podia melhorar das coisas que eu tinha estudado. E foi nesse tempo também que surgiu a oportunidade da própria universidade de um edital para intercâmbio. Então eu pensei: “Eu já tenho o dinheiro, eu já não estou vivendo com aquele dinheiro que eu ganhava na empresa C, então eu posso me dedicar”. Então eu fiquei com o tempo do estágio e para fazer uma Pós-graduação. Então com isso eu consegui ver que era isso que eu queria fazer, que eu queria ir mais para a área da administração, conhecer mais, para melhorar minhas condições de trabalho. Então eu sempre conversava com o Patrício, com os meninos de lá do setor [outros funcionários da instituição]. Foi mesmo um período de virada na minha vida. Foi por aprendizado, foi por experiência e foi muito boa, acho que foi um caminho sem volta.

Ioná – Eu me arrepiei com essa sua história. Eu penso que o Instituto abraça a gente.

R – Eu tive o contato do Instituto como estudante e, como estagiária, eu passei a ter o contato com o trabalho do Instituto, passei a ter o contato de tomar café junto e um contato que não era mais só a nível estudantil. Era já a nível de quem está trabalhando. E muitas vezes já me tratavam como uma colega de trabalho porque eu já sabia o que eu estava fazendo, assim... por já ter feito aquilo mesmo na empresa C. Então pra mim foi muito bom. Foi maravilhoso e

até hoje eu levo uma experiência muito bacana. E às vezes eu compartilho com eles [com os servidores do setor em que R estagiou] o quanto foi bom tudo o que aconteceu na minha vida.

Ioná – Muito bom... então, quem mais quer contar a experiência do estágio?

D – Eu, eu quero falar.

Ioná – Então vamos lá, D.

D – Então, quando a gente vai pra faculdade a gente acha que tudo o que a gente precisa para uma sala de aula a gente vai encontrar ali, no curso, né? E logo que eu entrei eu fui fazer PIBID. Querendo ou não, por mais que meus pais tivessem condições de me manter em São João, ter uma bolsa no valor de R\$ 400,00 era um valor muito considerável na época, porque hoje não paga quase nada [risos]. E aí já era algo que eu aliviava para os meus pais, né? Então eu fiquei um ano fazendo PIBID e passei no processo de tutoria do Laboratório de Ensino em Matemática - LEM. Depois que eu passei nessa bolsa que eu descobri que eu não poderia ficar com as duas, porque uma era de fomento interno e a outra de fomento externo e de acordo com a CAPES isso não era aceitável, né? Aí eu larguei o PIBID, só que eu não consegui me distanciar de lá. Como eu já tinha criado um vínculo com o pessoal da cidade P [onde ela fazia o PIBID], eu fiquei o ano de 2016 inteiro lá de forma gratuita... eu ia de moto toda semana e dava o cursinho das 7 até às 5h da tarde. Ficava na escola o dia inteiro e chegava no IF moída, né? [risos] E nesse tempo eu trabalhava no LEM. Quando eu terminei em 2016, em 2017 eu pensei: “vamos ver se aparece outra oportunidade”, porque aí acabaria o contrato do LEM. Aí surgiu essa oportunidade [do estágio não obrigatório]. A gente sabe que é uma precarização... Não tinha, meio que, dinheiro para contratar técnico administrativo, né? Então coloca-se os estagiários. Uma bolsa de R\$ 642,00 é bem maior que a bolsa de R\$ 400,00 e paga completamente tudo o que eu preciso. Aí eu já não precisaria mais de ajuda dos meus pais. Já era uma independência financeira dos meus pais. Eu lembro que eu não consegui passar logo de cara, né? O que estava antes de mim não quis assumir e me chamaram. E aí, é engraçado o tanto que a gente aprende. Por mais que ali eu não aprendesse mais de Matemática, de sala de aula, mas era surreal porque você lida desde com alunos até o chefe de tudo.

Ioná – Seu estágio foi onde?

D – No Prédio VI, de Engenharia Florestal e Agronomia. Então eu ficava ali, no início, sob a responsabilidade do Prof. João Paulo, também do Tiago que era da CGGPG, na época [CGGPG - Coordenação Geral de Graduação e Pós-Graduação]. E a Ana Carolina estava no finalzinho de período dela de coordenação e depois entrou a Natália e entrou a Fernanda na Agronomia também. Então era uma experiência que eu lidava com duas coordenações de curso, fora a Coordenação Geral. Então a gente lidava com tudo quanto era burocracia dessas coisas de administração, de organizar papelada, de xerox, de atas de reuniões... Eu fazia eram três atas... Eu participava de três reuniões ao mesmo tempo. Porque eu ficava em uma, deixava o meu celular gravando em outra... Porque às quartas-feiras era o dia oficial das reuniões. Então o pessoal falava: “Já que a D faz bem as atas a gente deixa o celular gravando e depois “toma o celular” pra fazer as atas, D... Aí fazia eram três atas de três reuniões que estavam acontecendo simultaneamente. Eu acho que o principal, que eu consegui desenvolver muito lá foi a questão da proatividade, sabe? De enxergar um problema e já buscar resolver. De organização de eventos que haviam lá. Todos esses processos de organização, pensar como executar uma determinada coisa, eu acho que ajudou muito e me ajuda muito hoje a

pensar até na sala de aula, sabe? Eu tenho um problema que é aquele aluno que tem dificuldade de aprendizado...qual a estratégia que eu posso criar para poder ajuda-lo? Essa abertura de pensamento. Tem até uma planilha, mesmo que eu lembro que o João Paulo Chegou e falou assim: “ô D, eu preciso que você contabilize essas horas acadêmicas aqui desses alunos que entregaram o certificado. Vocês já viram a tabelinha com os mini-cursos que pode ter no semestre e no curso inteiro? Então, vão supor que era 10, o máximo, 10 horas, no máximo para semestre e 40 pro curso inteiro. Então, não bastavam saber quanto que ele me entregou naquele período... eu tinha que saber quanto que ele já tinha entregue anteriormente. Então eu tinha que revisitar tudo o que o aluno tinha entregue, que não era eu que tinha contabilizado... Muito chato porque tinha que voltar em coisa que nem foi eu que fiz assim. Então eu pensei assim: “gente, deve ter outro jeito de fazer isso, porque isso não é prático”. Eu lembro que na época teve o concurso da Biblioteca e eu fui fazer o concurso. Eu estava estudando Excel e eu lembrei de uma funçãozinha lá... e eu pensei e essa função aqui? Será que dá pra montar uma planilha? Eu lembro que eu vim pra casa no fim de semana, não manjava de Excel, tinha um conhecimento muito básico. E aí fui e montei uma planilha. E pensei: com essa planilha agora eu consigo contabilizar tudo de forma automática... só joga lá tudo o que o menino me entregou e a planilha contabiliza tudo sozinha. E isso virou a planilha de Agronomia, Florestal, Matemática, Sistemas e espalhou pra todos os cursos justamente por quê? É a ideia de pensar em algo... Temos um problema que é contar as horas acadêmicas. Como que a gente pode resolver? Então, são habilidades que a gente não vai aprender na faculdade, não aprender num curso de Licenciatura. Porque a gente lida com isso no dia a dia. Eu acho que falta muito isso para os nossos alunos. Inclusive, algo que eu passo muito pra eles: A gente precisa resolver problemas e a gente não está formando pessoas que saibam de fato. Então, para mim isso foi uma experiência incrível, assim, saber lidar com todo tipo de pessoas. Saber lidar com gente que te trata bem, com gente que te trata mal. Fiz muitas amizades lá também na hora de café... tem muitas coisas inesquecíveis. Então, pra mim, foi experiência financeira foi muito válida para a época e, como profissional agregou muito. Ioná – Nossa... Realmente é muito emocionante ouvir vocês. Porque a gente vê que vocês incorporaram o Instituto, né? Vamos lá... quem é o próximo?

AD – Pode ser eu... vamos lá... boa noite a todos, pessoal. No início ficou mudo meu áudio. D, que saudade, R, JF, boa noite. Minha experiência foi no setor de Patrimônio também eh... na verdade, depois da R eu fui a próxima estagiária lá. E foi assim: Não foi uma escolha. Não foi: “Eu quero ir para o Patrimônio”. Como tem o edital, na época que eu tentei eu estava no meu último semestre de faculdade. E no edital o curso de licenciatura estava destinado para pouquíssimas opções de vagas. Então o Patrimônio era uma delas. Eu potei por ela porque imaginava lidar um pouco com licitação, compras e vendas. E antes da faculdade de Matemática eu já trabalhei em uma temporada boa no supermercado, com notas fiscais, recebimento de mercadoria. Então eu imaginava que tinha algo baseado nisso e eu tinha uma experiência que poderia me ajudar nesse sentido. E quando eu passei no processo todo, fui convocada, nossa... eu fiquei muito feliz porque, na época o PIBID a gente não participava mais. E teoricamente era um dinheiro muito bom que ajuda a gente. O dinheiro do estágio, nossa... Para o último ano da faculdade faz muita diferença na vida da gente. É, é fora assim é a época de instituto federal. Acho que foi uma das melhores da minha vida, porque é uma experiência tão boa. Tanto assim, a correria de estudar a gente não vive isso em lugar nenhum. As pessoas que a gente encontra lá a gente não vivencia isso também em lugar nenhum. Tanto é que depois eu não vi mais a D depois que a gente formou... Encontro pouquíssimas pessoas.

D – Não fui nem no seu casamento, né, AD.

AD – Pois é... nem no meu casamento. E agora já estou com um bebê a caminho... Já está quase. Então, assim a gente tem que curtir muito esse momento e o estágio, na minha opinião, todos deveriam participar, porque é algo único. A gente vai pra lá imaginando de uma forma e acontece completamente diferente. O setor de patrimônio mesmo. Confesso que eu não conhecia, não conhecia os funcionários do setor de patrimônio... não imaginava que era tanto trabalho por trás de uma porta, de uma salinha que a gente quase nem via o pessoal, porque realmente o Patrício, Marcos e Roniel, que são as pessoas que trabalham lá no dia a dia, para uma pessoa que está fazendo Licenciatura em Matemática você não encontra com essas pessoas. Eu não fazia ideia da obrigação, da responsabilidade que esses profissionais exerciam, sabe? Então, quando eu entrei, me receberam muito bem, me mostraram como funcionava e o que que eles faziam lá dentro. Eu fiquei assim, de queixo caído e com medo, porque tudo lá, tudo lá era de uma responsabilidade muito grande. Às vezes eles licitavam uma peça para determinado laboratório, gente, uma peça de quinze mil reais. Imagina chegar e você não conferir direito e aquilo dar um problema. Eu ficava... o coração acelerava, tudo na hora, sabe, ficava aquele peso na consciência da gente. Não aconteceu nada de errado, mas assim... A gente fica com aquele, com aquela responsabilidade guardada. Pensando que é muito importante, tem que ser feito de uma forma assim, muito específica. E no dia a dia aquele corre corre... Porque é o setor de Patrimônio, mas lá é responsável por é responsável por móveis. É mudança, tudo o que chega tem que ser catalogado. Qualquer coisa tem que ser enviada por e-mail. O e-mail tem que ser bem escrito, bem detalhado. Uma peça só pode ser comprada depois de receber várias informações da empresa, a empresa tem que mostrar interesse, tem que ser algo seguro. Então, assim, não é nada de que você vai resolver de um dia pro outro. Fora isso, tem outras demandas que o setor, cuida. São vários funcionários que o Patrício era responsável por eles. Então assim, às vezes você precisava dele lá e ele estava fazendo vinte outras tarefas dentro do Instituto Federal. Então assim foi muito gratificante e acho que a responsabilidade e a forma como a gente precisa é ter um trabalho minucioso lá dentro, eu levo isso hoje no meu dia a dia, da seguinte forma: eu trabalho numa escola na zona rural. Eu fui efetivada lá é uma escola quilombola e a minha demanda de alunos, além de ser uma demanda de alunos que tem muita carência na parte da matemática, do ensino como um todo, eles têm carência financeira, carência pessoal. Você vê alunos que a única refeição do dia a dia deles é na escola. Eu não imaginava que isso existia, mas eu vivo isso todos os dias lá. Então não é o tipo de aluno que você vai tratar da mesma forma de um aluno que tem uma estrutura melhor. Então, além da responsabilidade que a gente tem de sala de aula, a gente tem que levar carisma, simpatia, tem que estar preparado para um desafio todos os dias. O aluno às vezes não é frequente porque não quer, mas é porque, às vezes, não tem uma blusa de frio para ir para escola e fica com vergonha de ir. Ou às vezes, porque o ônibus quebra e fica uma semana, duas semanas sem buscar aquele aluno. Aí quando ele chega, ele não lembra mais que você ensinou. Ele não consegue acompanhar a turma mais. Então, assim, todos os dias eu tenho que me programar de uma forma diferente, sabe? Então assim, eu tive tanta responsabilidade não só na vida, mas nesse momento de setor que hoje na sala de aula eu, eu carrego esses meninos, sabe? Os meus alunos, eles se tornam mais do que amigos pra gente. [aqui ela fica visivelmente emocionada] E ver como que eles vivem, sabe? Lá é uma escola quilombola, e a cultura deles é diferente, é algo que eu queria conhecer, porque eu porque eu não tinha conhecimento da cultura quilombola e lá eu consigo ter isso e eu tô adorando. Tô adorando...O que eu levo da Faculdade, tudo o que eu aprendi, tudo o que eu vivenciei, do estágio... O Roniel mesmo, que trabalha no setor de Patrimônio, ele é um menino extremamente comunicativo, humilde. E que trata a gente assim: você conhece ele hoje e manhã parece que já somos irmãos, porque ele consegue ter uma afinidade ímpar com a gente. E para mim é assim com todos os alunos também. Tem aluno que você senta com ele,

ele tomou você como mãe, como pai, como irmão, como alguém tão próximo... D deve vivenciar isso, o JF, não sei se a R está em sala de aula...

R - [faz sinal negativo].

AD – Mas tem aluno que, assim, ele tem uma liberdade com a gente e uma segurança no que a gente traz pra ele...É por isso que a gente escolheu a sala de aula. Eu falo para todo mundo, gente, eu escolhi sala, porque eu gosto. Eu gosto desse momento. Eu gosto de vivenciar. Tem dia que eu saio louca porque tem aluno que me deixa de cabelo em pé, mas aí no outro dia eu tô bem de novo. E é um dia após o outro, e isso é isso é muito gratificante. Vale muito a pena.

Ioná – Nossa... que bom te ouvir falar assim. Eu não imaginei, quando comecei a pesquisa, eu não imaginei que um estágio que não tivesse a ver com a docência e ia trazer tanto para a vida de vocês, né? Agora vamos lá, JF, sua vez.

JF - Olá, boa noite. A minha experiência, Ela Foi bem parecida com a da D, porque também foi num prédio, né? De sistemas e informática e eu trabalhei junto com os coordenadores do curso de Sistemas de Informação e também com o coordenador do curso de Informática do Ensino Médio e Técnico, né? Bruno Toledo, na época e o Wesley. E foi assim para minha vida, né? Respondendo a primeira pergunta, como que eu escolhi participar: eu cheguei no IF e eu não sou tão novo quanto eu pareço. Eu já tinha vindo de outra formação, uma formação administrativa e tal. Eu trabalhei três anos em uma empresa e eu vi que eu gostava da matemática e que eu gostava de estar com pessoas, então eu ficava muito fechado, num ambiente fechado e eu não queria muito aquilo pra minha vida e eu cheguei no IF. Eu vim uma formação a distância, e aí pra mim foi um outro mundo que vocês devem saber muito bem como que é o IF, né? É um outro mundo que a gente chega... uma outra realidade, de cidade pequena e ainda mais de zona rural, né? Que eu não cresci aqui no centro da cidade. Eu cresci no distrito de CA, zona rural da cidade. Eu cresci naquela comunidade, fiquei lá até meus 18 anos. Aí, quando eu saí de lá e tudo mais, eu fiz um curso online e comecei a trabalhar. E quando eu cheguei no IF eu pensei assim: que eu vou fazer da minha vida? Porque eu já cheguei cheio de ambição, porém eu não sabia nem por onde começar, o que eu tinha que fazer para conseguir um mestrado e eu comecei a pensar assim: o que tiver aqui de extracurricular, eu vou abraçar e eu vou fazer. E eu também me deparei com o fato de que a Matemática na nossa região é bem concorrida, né? Então eu, ao mesmo tempo, eu busquei uma segunda licenciatura. São muitos docentes e são muito bons. A gente tá em competição o tempo todo, até com nossos próprios colegas, né? Então eu falei assim: o o que eu vou ter de diferencial? E eu comecei a abraçar tudo e eu participei de entrevista, e eu fui muito bem e consegui uma vaga ali, para atuar ali junto com o coordenador do curso de sistemas e de informática no prédio II que eu fazia ali as mesmas funções que a D descreveu. A gente tinha muitas reuniões de colegiado, fazia muitas atas, tinha que resolver ali a vida acadêmica, tanto dos alunos do curso técnico, médio, junto com também do curso superior. Então a gente se deparava ali com muitas coisas que a gente não tinha voto, mas que a gente levava aquela situação ali para a nossa vida. Questão de alunos que precisavam quebrar pré-requisito para cursar uma disciplina? Aí agente se colocava no lugar ali daquele aluno, mas tinha que manter todo o sigilo. Porque tem a parte ética, né? Eram nossos colegas que a gente convivia, conversava, mas não podiam saber. Então eu já levei também essa parte que eu já tinha experiência em trabalho em empresas nessa parte ética. Aí foi uma coisa também que me pegou bastante e que eu vi que era muito importante, né? A gente ter essa ética no ambiente de trabalho. E eu escolhi também participar desse estágio, num ponto principal foi porque eu pensei: “isso vai somar no meu currículo. Eu não sei como, né, mas no futuro eu vou

descobrir como isso vai ser benefício para o meu currículo. E o segundo ponto foi a questão de eu estar cursando química também à distância. Então eu tinha oportunidade de ficar ali no campus do IF o dia inteiro, então tinha como eu fazer as disciplinas de química que eu peguei todas pra fazer. Então, ali eu consegui encaixar meus horários. Porque antes eu tinha participado do PIBID também, só que era mais distante. Eu atuei ali Nelson de Sena, [distrito de São João Evangelista] né? Eu não consegui próximo porque na época que eu fiz eram outros critérios para a gente estar sendo distribuído, né? É pra onde tinha vaga, né? Não era tanto a questão da nota que tem vaga nessa escola, então se você quiser, você vai pra lá ou então você aguarda, né? E como eu larguei o meu emprego, eu também já ia chegar nessa parte: a parte financeira... Eu larguei o meu emprego e por eu já ser adulto mesmo quando fui para o IF, então eu não tinha muito essa possibilidade de contar financeiramente com os meus pais. Então eu tive que abrir mão de muitas coisas. Você é acostumado a ter um salário x, como a situação da colega R, que também trabalhava na empresa C, que ganhava mais, né? Aí a gente tem que se adaptar a sobreviver com menos e aquela coisa toda. Então eu fui muito pela questão de que isso poderia contar positivamente no meu currículo, que eu poderia aprender muita coisa. E eu me surpreendi, porque a princípio era um trabalho muito burocrático. Mas, mas antes não era nada voltado para o lado pedagógico. Porém, assim, são tantas experiências que a gente tem, como a questão que a D levantou sobre o uso de planilhas do Excel. Assim, eu tinha curso só básico e eu cheguei no nível até intermediário de tanto que a gente utilizava aquilo. E também até pela nossa proatividade em fazer o melhor ali. Naquele determinado momento, fiquei craque nesse negócio de fazer ata. De gravar a reunião de celular e ficar lá depois transcrevendo tudo, né? Então a gente passou por conflitos éticos e foi muito bacana porque, graças a Deus, assim é no nosso setor. Nós saímos muito bem, né? Por nós sermos alunos e tudo mais, estudantes... Na época que eu comecei, eu não sei se era a prática antes, eu acho que não... então, se permaneceram [os editais de estágio] até ampliando o salário, então eu acho que foi uma coisa boa. Porque se a gente tivesse ido mal [no estágio] poderiam ter cancelado o projeto e não ter aberto mais editais. Então da minha parte foi só muita coisa que eu aprendi mesmo depois eu utilizei tudo isso para a residência pedagógica. Eu fui super bem na entrevista. Então eu acho que tudo o que eu aprendi no IF me serviu para alguma coisa. A Ad falou sobre a questão dos alunos em sala de aula, sobre a realidade das escolas. Essa escola em que eu trabalho atualmente [no distrito] é uma escola que a gente pode falar que é rica em comparação com todas as outras escolas que eu já passei. Quem tiver oportunidade de conhecê-la ficará encantado com tudo o que a escola tem. De material e também o quanto que a escola se preocupanessa formação. É para além do conteúdo que os alunos têm. Então a gente trabalha muito com o projeto, a gente. Busca ali é tá interagindo também com a comunidade por ser um pouco mais afastado, né? Da cidade? Lá é um distrito, então a gente vive uma realidade ali quase que utópica. Vocês que trabalharam no PIBID iam gostar muito de conhecer essa escola. porque a gente tem recurso para tudo. Então assim, é um sonho ali, né? Tem as suas dificuldades, as suas particularidades que toda escola tem mais é nessa questão, divisão de trabalho pedagógico voltado para as necessidades dos alunos. Lá é uma escola muito boa mesmo, sim. As nossas salas de aula vão ganhar até TV smart. todas as salas de aula vão ter a sua Smart TV com acesso à internet. Os laboratórios lá de informática têm computadores, em perfeita condição de uso e a gente está ganhando mais computadores. A escola tá toda nova, toda reformada. A questão de merenda assim eu vou para comer na escola. [risos] Eu fui eleito professor mais faminto da escola porque eu não recuso nada lá. Então, se vocês olharem nas páginas lá da escola vocês vão ficar apaixonados querendo fazer parte também da escola lá. Ou então dá uma passadinha em algum evento porque é uma escola muito bacana mesmo de trabalhar, né? Esse ano que foi o meu primeiro ano de estreia com matemática. Porque eu já tinha trabalhado lá química, né? E aí, esse ano, graças a Deus, eu consegui matemática também, né? Porque é uma escola que não tem muitas turmas, então

eu trabalho quase que com todas as turmas da escola, né? Eu trabalho ensino médio, ensino fundamental e EJA, né? Então, assim, rico em experiências. Esse ano eu peguei uma substituição até de ciências e biologia que eu gosto mesmo da área de ciências da natureza e ciências exatas, matemática. Eu gosto de misturar tudo. Então, assim, muita coisa que eu aprendi no IF eu pude aplicar nessa escola.

Ioná – Eu quero fazer o meu relato. Eu trabalho no setor de Gestão de Pessoas desde 2018. Eu estou no Instituto desde 2010... eu trabalhava na secretaria escolar e fiquei lá por um ano e pouco. Aí eu desci e fui trabalhar na Administração naquela parte do setor de compras e planejamento. E aí eu fiquei 3 anos afastada trabalhando aqui em Guanhães no cartório eleitoral. Inclusive, é por isso que eu que eu conheço a escola que o JF trabalha. Eu estava realizando treinamento de mesários na escola dele. Realmente a comunidade é muito engajada com a escola, eles recebem a gente de forma diferente lá. Parece que a gente está em casa. Bem, retomando, fiquei três anos fora do IF e quando eu retornei, já fui para o setor de Gestão de Pessoas em 2018. Quando eu fui cedida para o TRE, no início de 2016, não haviam estagiários no Campus. Foi no ano de 2016 que começaram a chegar os estagiários. Então não peguei nenhum setor com estagiário. Quando eu voltei, a escola já estava cheia de estagiários. Como trabalhadora do setor de Gestão de Pessoas posso dizer que a contratação de estagiários dá muito trabalho para nós [risos]. A gente trabalha desde a elaboração do edital para a contratação, até a finalização do estágio. Aí a gente que recebe, a gente confere documentação. A gente a gente é que vê se está tudo no jeito, se a conta para receber a bolsa é conta-salário. Se a bolsa caiu, ou se não caiu, com quem vocês vão reclamar? Com a Gestão de Pessoas. Então tudo relacionado ao estagiário dentro do campus é uma questão para a gestão de pessoas. E eu não tinha na minha cabeça de mulher de quase 50 anos de idade, com vasta experiência em um monte de coisas, mas que, com um olhar tão minúsculo, não consegui olhar para a grandeza do que o estágio faz na vida de vocês. Eu não tinha conseguido perceber em que medida essa convivência com os profissionais do IF iria constituir vocês e como vocês assimilam essa convivência. É maravilhoso olhar histórias como a de R, que abriu mão de estabilidade financeira para estar ali dentro e ter essa experiência. Mesmo caso do JF... É muito legal ver a D falar assim: “Isso me enriqueceu”, porque a D era muito jovem ainda, né? Então, eu não tinha a menor noção de que o período de estágio tinha contribuído para a docência da matemática, de que o estágio tinha sido constituidor de vocês enquanto docentes da matemática. No caso da R, que não é docente, mas é uma estudiosa, uma pesquisadora da Matemática, uma cientista da Matemática. Eu não conseguia perceber que a execução de tarefas burocráticas, como elaborar atas, elaborar planilhas de excel, lidar com administração diária do setor, iria trazer contribuições para a vida de vocês como docentes da matemática.

D – Ioná, só para acrescentar dois pontos. O primeiro deles é, é justamente essa questão da convivência, né? É muitas vezes a gente acha na adolescência que a gente só vai conviver na vida com quem a gente gosta, que a gente pode selecionar: fulano é chato, eu não quero e tal... Esse é o primeiro choque. Você lida com profissionais, e a gente que lida no meio acadêmico sabe que, quanto maior o grau de instrução às vezes é muito arrogante só porque tem um mestrado e um doutorado. Da mesma forma: quem tem a honra de trabalhar com o Tiago Dias sabe o tanto que aquele homem é sensacional, o tanto que ele tem a ensinar. O meu TCC surgiu de um trabalho que ele mandou eu e a AL [colega de D] fazermos sobre índice de reprovação e aí ele falou: “Olha, se vocês quiserem, dá pra fazer um projeto de iniciação científica disso aqui”. Eu falei pra AL assim: “vamos fazer nossa TCC disso?” E ele foi nosso

orientador. E o que eu de Excel hoje foi por incentivo dele de sentar e falar assim: “Dani, essa fórmula aqui? Ela funciona assim, assim, assado.” Quem tem a honra de trabalhar, por exemplo, com a Natália Riso? Coordenadora de Engenharia Florestal, extremamente perfeccionista de que tudo para ela tinha que ser perfeito e ela chegava, mas naquela paciência, naquela educação, e falou assim “Dani, não gostei muito disso aqui. Teria como fazer desse ou desse jeito?” Eu gosto disso, sabe? De gente que exige, mas com cara de que não está exigindo, com respeito. É o tem um carinho. Eu muito carinho por São João. Eu não sou da cidade, eu nasci e cresci em outra cidade, morei dezessete anos em outra cidade, mas São João roubou meu coração com cinco anos. Eu quero voltar para São João, eu quero morar lá. Porque a minha vida foi construída em São João. Eu me formei em São João e o IF abraça, acolhe, traz maturidade pra gente que não consegui antes em lugar nenhum. Eu sempre quis estudar no IFMG e quando eu entrei no IF eu pensei assim: “Mas o que eu queria da vida? O que eu aprendi no IF eu não aprendo em Universidade nenhuma... Não aprendo na UFV, não aprendo na UFMG porque esse contato físico e direto a gente tem no interior, a gente não vai ter em, universidade... Não é R? Vai ter?”

R – Faz sinal negativo com a cabeça, demonstrando encantamento com o que D estava dizendo.

D – Eu estive em São João há alguns dias levando a minha turma para a Mostra de Profissões e eu estava parecendo uma criança, por quê? Porque, olha que loucura... Tem pouquíssimo tempo que eu formei ali... tudo o que eu sei eu construí ali naquele lugar, naquela cidade. É o que eu sei como professora hoje foi porque me pegavam pela mão, e falou assim: “minha filha, as coisas funcionam, é assim.” O seu Fininho, com todo aquele carinho. Zé Fernandes, Tiago, Walmisson, daquele jeito, esparrado dele que é só ele que tem. E ter esse contato direto com essas pessoas é algo que a gente não consegue e não é porque você está na faculdade, sabe? Mas é porque você não aprende na sala de aula só, É o contato fora também. As horas que eu ficava lá trabalhando no prédio da matemática e o Silvininho do lado lá na salinha dele e eu implicando nele. São coisas que a gente só constrói, sabe? Ali no IF é muito diferenciado. E um outro ponto é quem lida com alunos de situação de vulnerabilidade como a Ad citou aí, a gente precisa muito falar com ele sobre esses programas, sabe? Independente do que ele vai aprender, porque ele vai aprender. Mas, independente de qualquer coisa, para ele o que importa é: “como que eu vou me manter nesse lugar?” Eu tive um aluno extremamente inteligente que saiu da Mostra de Profissões querendo estudar na área de tecnologia e eu falei: “vem pra cá, faça Sistemas de Informação.” E ele disse: “Ah... não!” Não querendo citar a questão financeira, né? Ele respondeu: “Ah não... vou fazer um curso on-line”. Eu disse: “Não... você tem potencial para estar aqui”. Mas é que eles não tem dimensão do quanto um Auxílio Permanência, um Auxílio Refeição, uma bolsa do PIBID, projeto de iniciação científica, um estágio não obrigatório, como isso agrega financeiramente em primeiro lugar. Porque quem não tem condição financeira, a parte mais importante para ele quando ele quer entrar numa faculdade, sim, é o dinheiro. Porque ele não tem condições de se manter. Eu estava olhando esses dias, a mulher que alugava um quarto pra mim era 250 reais com água, luz, internet, tudo incluso. Foram 200 reais no primeiro ano e 250 até o final do curso. Hoje é 550 reais. Então assim, um eu teria condição de estudar lá porque os meus pais conseguiriam me manter. Mas hoje nós temos uma geração que qualquer um tem acesso a esse tipo de coisa? Não tem. Essas bolsas auxiliam muito, os estágios auxiliam demais.

AD – Eu queria acrescentar que tanto o IF, quanto o estágio, quanto o trabalho, a profissão que a gente exerce, para mim isso tudo foi tudo o Primeiro. O IF que foi a minha primeira faculdade presencial, então a gente entra com aquela garra, tipo assim, tem que ser melhor. O

que eu fizer tem que ser o melhor. Aí você entra pro estágio que você não fazia ideia do que você tem que fazer lá... você tenta fazer o seu melhor também, porque você não conhece aquele ambiente. E você vai pra dentro da sala de aula de uma escola também e não está ciente de nada que está acontecendo ali. Acho que a primeira coisa que a gente vai é com a aula preparada. Aí você chega lá, você tem livro de ponto que não pode errar, tem carga horária extra que você tem que cumprir. Então assim é informação que você tem que ficar atento e você tenta fazer tudo coretinho para nada acontecer. E, como se diz, eu não vou dar motivo pra ser chamada a atenção. Então isso é buscar o melhor da gente. É lógico, em cima do direito que a gente tem que a gente não pode ser bobo na vida não, né? Mas, tudo o que a gente vai exercer na prática aqui, na minha profissão de professora, isso acrescenta. A gente aprende a ser esperto. A gente aprende a lidar com os colegas de trabalho. Porque tem colegas maravilhosos, mas tem aqueles que é só: “Oi, bom dia”, mas é seu amigo, mas não é tão aberto a conversar. E isso a gente aprende em todos os momentos... isso não se aprende em sala de aula. Principalmente nas escolas que tem uma rotatividade de funcionários muito grande. É algo assim único, não tem nem como explicar.

Ioná – Pessoal, como já estamos adiantados na hora e já tem 1h15min que eu abri a sala, eu queria pedir: Será que poderemos nos encontrar novamente na próxima terça-feira, dia 19/07?

D – [faz que não com a cabeça]

Ioná – Não? Quarta?

D – Na quarta pra mim tá ok, mas na terça não dá não...

Ioná – Para todos, pode ser na quarta? O que eu gostaria de pontuar com vocês no nosso próximo encontro é isso: essa proximidade entre o aluno estagiário/estagiária e o corpo de servidores flora a vontade de concursos? Porque a R trouxe isso na primeira fala dela.

R – E não só de concurso, Ioná... Eu acho que de tudo assim. Quando eu fui fazer o mestrado e a pós-graduação... Para o mestrado, principalmente que eu precisava de carta de recomendação, porque para o mestrado na UFV é obrigatória a carta de recomendação... e a primeira coisa que você pensa é naquele professor que você mais gosta. E eu acabei pedindo essa carta de recomendação pensando assim: Se um não der, o outro dá...Mas aí foi aquela gracinha: Todo mundo manda e manda já falando para a gente o que eles estão falando de bom, sabe? E depois quando eu já estava estudando eu fiquei tão feliz, nem sei nem onde encontraram meu telefone, mas me manda mensagem. E a gente pensa assim: Nossa que legal... essa pessoa está olhando o que eu estou fazendo? E então dá gosto de fazer bem feito, sabe?

D – E aí são duas coisas: A Fernanda esses dias me mandou mensagem falando que tinha aparecido uma vaga na empresa que o marido dela trabalha e ela falou assim: “D, pra mim você era perfeita para a vaga...mas você está trabalhando, né? Porque eu me lembrei de você como estagiária, porque você seria perfeita!” . E isso é muito bom, sabe? Você ser reconhecido porque você fez algo bem feito e aí tem até aquela história de que você é uma média das 5 pessoas que você convive e aí só quem está dentro da sala de aula, quem está dentro de uma escola hoje sabe o quão difícil é a gente lutar para sair da escola. Porque que, assim, no estado você lida com professores extremamente desmotivados que, assim, eles estão esperando, estão deixando o barco levar, estão ali esperando para aposentar mesmo. Estão

doidos para aquilo ali acabar e ainda ficam assim: “Nossa... mas para quê? Você assim nova desse jeito? Com tanta coisa para fazer, o que você veio fazer aqui na escola?”. E lá no IF é um povo que respira inovação, que respira buscar sempre mais, sempre mais... Então é isso: eu acho que eles têm um imã que faz a gente querer mais, eu não quero só isso, eu quero mais.

R – Não... eu tenho que falar uma coisa antes de terminar. Porque a Ad tinha falado sobre a responsabilidade de receber algumas coisas [Receber os bens adquiridos que chegam aos setores de Patrimônio e Almoxarifado do Campus] que tinham um valor enorme. Mas, por exemplo, foi feita uma licitação e nós recebemos uma máquina que era quase quinhentos mil reais. E, assim, o cara chegou com a máquina e não queria nem ficar com ela lá, queria entregar e naquela hora a gente não poderia receber porque o Campus já estava fechando. Então foi aquela coisa: Tinha que vigiar a máquina no caminhão. E a gente ficava brincando que máquina separa o nitrogênio da água... [risos] era uma coisa que não existia para a gente. E a gente pensava: será que compensa comprar uma máquina desse valor? E concluímos: é claro que compensa, é isso que faz ciência. É isso que dá aquela matéria prima pra coisa acontecer. E a gente pensava: eu quero mexer com uma máquina dessa, seja lá o que ela fizer... ela deve ser muito chique. E a gente ia lá pra visitar a máquina... é muito bom. E a gente tem essa responsabilidade e pensa: Essa máquina é valiosa, ela faz coisas e vai ser usada em vários lugares porque a máquina é realmente boa... não é só de valor alto. E até pra mexer com a máquina tem que aprender. Então só de mexer com ela já é aprendizado, já é pesquisa, já é ciência. E a gente pensa: tem a minha mão nessa máquina.

D – Eu ajudei o meu marido na pesquisa dele que foi sobre a utilização do lodo no cultivo do ingá e o eucalipto. E esses experimentos são super metodológicos, né? Você tem que pegar uma amostra com uma concentração tanto, depois outra amostra com a concentração tanto... Aí tem que medir o coletor, o tamanho da folha, quantas folhas deram. Aí tinha uma impressorazinha lá, não sei como chama aquela máquina, mas ela é muito chique e deve ter custado muitos mil [risos] que é da raiz. Você pega a raiz e coloca dentro de uma lâmina d'água e ela escaneia a raiz... Nossa é uma coisa de louco. E para quem não entende nada a máquina não serve para nada. Mas ela é o que faz a diferença... é o que faz a ciência, né? E hoje a gente está num mundo tão maluco que as pessoas não acreditam na ciência...

Ioná – E isso joga a pessoa que, como a D falou, isso não existia na vida dela, joga essa pessoa lá na frente e esse trabalho de formiguinha aqui do Instituto muda a vida de pessoas. Pessoal, eu agradeço mais uma vez a participação de vocês e queria combinar de nos encontrarmos novamente na próxima semana.

Todos concordam e terminamos combinados em nos reunir novamente na semana seguinte, no dia 20/07/2022, às 18h.

Roda de conversa on-line II

20/07/2022 [2º encontro]

Marcação Negrito: Ioná Braga de Castro Pereira

Participante 1: D.

Participante 2: R.

Participante 3: JF

Participante 4: AD

Participante 5: AL

A roda inicia-se com a presença de uma nova ex-estagiária que vamos chamar de AL. No encontro anterior Al teve um compromisso de última hora e não pode estar conosco.

Ioná inicia solicitando a todos que devolvam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido devidamente assinado. Em seguida faz esclarecimentos sobre a pesquisa para cientificar a nova integrante do grupo, AL, sobre o tema da pesquisa. Na sequência, é direcionada à AL a mesma pergunta feita aos outros integrantes do grupo no primeiro encontro: **AL, por que você resolveu fazer estágio não obrigatório? Só fazendo um parêntese aqui: não há problemas se a questão for financeira, nenhum problema.**

AL - pra mim, tipo assim, quando no estágio não obrigatório, que eu fiquei sabendo é porque na época eu já fazia o PIDID e o foi o ano que encerrou o PIBID e eu não gosto de ficar sem fazer nada e surgiu a oportunidade do estágio e eu me interessei por pegar e começar a fazer. Aí interessei e me candidatei pro prédio 2, só questão de auxiliar a coordenação do curso técnico todo e por eu ter já feito ensino médio no Instituto algumas coisas eu já sabia mais ou menos como era desenvolvido questão de coordenação, questão dos cursos relacionados, as relações lá, e eu me interessei e quis fazer. Questão financeira ajudou bastante, me ajudou muito, porque eu, sabe, eu fazia o PIDIB recebendo bolsa, fui pro estágio não obrigatório, também recebem no bolso e fora também que contar como horas acadêmicas, um é uma oportunidade também dos questão de horas acadêmicas, que são muitas horas acadêmica e o estágio não obrigatório entra por 1 hora acadêmica e aí andou bastante.

Ioná – Você fez estágio em qual setor?

AL – No prédio 2 [Prédio Escolar 1-2], auxiliando Coordenação do Técnico em Informática.

Ioná – E em que isso te constituiu? Em que isso foi importante para você? O que te trouxe e de experiência? E você trabalha com a Matemática atualmente?

AL – Não... eu não trabalho hoje com a Matemática. Atualmente eu trabalho com relatórios... meu trabalho está mais ligado ao meu curso de Técnico em Nutrição e Dietética [realizado no IFMG], na Vigilância Sanitária do município onde eu resido. Assim, eu acabo mexendo muito com relatórios e organização de estoques. Algumas coisas que eu fazia no estágio eu faço hoje no meu trabalho. Questões de reuniões, atas e tudo isso. No estágio eu fiquei mais familiarizada com como decorrem as coisas, as demandas, como trabalhar aqui. No curso a gente já trabalhava as questões de escrita e tudo. Só que voltado para a técnica, tipo transcrever um diálogo, mas não com as falas das pessoas, mas de forma resumida. Um relatório é quase como uma ata: você vai descrever o que você viu no local e falar, mas não com a sua opinião. É como se você estivesse neutro, como se você estivesse de fora. Aí o estágio me ajudou bastante. O estágio também contribuiu na questão de como lidar com as pessoas.

Ioná – Eu gostaria de saber de vocês também sobre a questão da diversidade... como vocês lidaram com a diversidade que vocês encontraram dentro do IFMG?

AL – A questão da diversidade para mim foi bem tranquilo. Eu tive um colega com déficit de audição. Ele não era totalmente surdo, ele tinha aparelho, mas algumas coisas que você falava com ele, ele não entendia. Aí tinha algumas coisas que era por sinais. Mas tipo assim pra mim eu não tive muita dificuldade, porque quando eu fiz o Ensino Fundamental na minha cidade natal, eu tinha um colega que era surdo. Então, eu já tive um contato de frente com ele e tudo

e eu ajudava muito a ele. E então isso não me assustou muito. E quando você faz o Ensino Médio ali no IFMG você vê todo tipo de diversidades possíveis. Então pra mim, assim, dificuldade em socializar, em ajudar, não tive... Mas assim, tinha um medo de fazer alguma coisa que talvez não ajude ou que atrapalhe sempre vai ter. Até hoje eu tenho medo de me comunicar de forma errada e acabar que a pessoa entende outra coisa. Então, conviver com a diversidade foi muito importante para eu aprender a respeitar essa diversidade.

Ioná – E para os demais, como foi essa questão da diversidade.

AD - Então, na época em que eu estava, é no estágio lá no estágio no Setor de Patrimônio, o público que o patrimônio recebe é o público do instituto como um todo, né? Não muito relacionado com alunos, porque é muito raro. Um aluno era muito raro um aluno aparecer lá precisando de alguma coisa. Normalmente algum novato que estava assim, procurando algum lugar, algum prédio, alguma informação. Mas lá a gente lidava com os trabalhadores. A gente tinha trabalhadores mais jovens, tinha pais de família, tinha avós, tinha aqueles que eu considero como terceira idade, que são alguns um pouco mais velhinhos que têm lá [risos], os anistiados da Vale do Rio Doce. Cada um com sotaque diferente, cada um com uma cultura diferente, e eu também. De certa forma, eu fui com uma cultura diferente, porque eu sou evangélica. Aí tem aquela questão de cabelão, tá sempre de saia, é sempre uma curiosidade para todo mundo querer saber como que é essa vida da Gente, né? E eu sempre muito tranquila, porque eu sempre entendi o lado das outras pessoas. Eu sempre entendi a curiosidade deles em relação a minha cultura também. E assim eu lidava super bem. Eu sentava com eles e eles conversavam e eu e né? A gente ia dialogando, tentando ajudar o outro nesse sentido e na medida do possível, também, nessa questão dessa diversidade. No ambiente que eu trabalho hoje em dia é muito válido, porque Eu já trabalhei em duas escolas. Até então, a primeira escola que eu trabalhei eu lidei com um público de alunos que, assim, foi uma dificuldade muito grande de adaptação, porque eu tinha alunos com déficit de aprendizagem sabe, alunos que tinham algum laudo médico porque tinha algum problema. Ao mesmo tempo, eles estavam junto com os demais alunos que acompanhavam o ritmo da turma. Então é. Foi um ano que eu tive, eu tive tanto trabalho porque eu tinha alunos que não sabiam ler alunos, alunos que sabiam as operações básicas, assim, $1 + 1$ e ao mesmo tempo, eu estava trabalhando naquela turma equação do 2º grau e do 1º grau, porque eram alunos do 1º ano do Ensino Médio e aquela cobrança, aquela demanda, eu ficava assim, meu Deus, como que eu vou conseguir auxiliar essa turma? Essas turmas como um todo. E em todas as minhas turmas eu tinha alunos dessa forma e deu muito certo. porque a questão é ter calma, é entender o lado do outro, é saber que é a dificuldade que eles têm em relação a mim é a mesma que eu tenho em relação a eles. Então, foi uma adaptação dia a dia esse ano, né? Esse ano atual que eu estou trabalhando, eu já peguei uma outra cultura, porque é uma escola quilombola, os meninos, eles. Eles são totalmente diferentes, são mais carentes ainda do que uma imaginava. Então assim é aquela questão de paciência, calma, aprendizado, é tudo novo. O estágio foi algo novo, o as pessoas foram pessoas novas, a escola todo dia é algo novo na vida da gente. Estou aqui. É aquela oportunidade de se superar a cada dia. É o que a gente leva sempre.

D - Com relação a essa questão da né, da diversidade, é apesar de eu ter crescido numa zona rural, né? Que o pessoal geralmente a mente é muito fechada sobre uma família bem tradicional, então a gente cresce num meio, assim, que as pessoas uma opinião muito formada sobre tudo e que, não, nunca estão abertos para algo diferente, né? É bem complicado, mas é. É engraçado, porque eu não absolvi isso de lá [da zona rural], sabe, eu Sempre tive uma certa facilidade de lidar com o diferente, até porque eu não sou uma pessoa que fica se encaixando em padrões. Então é muito fácil, porque eu já estou do lado de lá, da pessoa que às vezes é

julgada por determinadas coisas, sabe? Então eu sempre tive uma certa facilidade de me colocar no lugar do outro, se entender um pouco do ser diferente. Então, nisso foi sempre muito tranquilo. Eu acho que a grande dificuldade, o aprendizado que é não só lá no estágio, né, mas que é um aprendizado constante. Mas, no estágio talvez tenha sido um pouco mais presente, é o fato de lidar com pessoas de posições sociais diferentes, de idades diferentes, mas também a mentalidade... Não necessariamente a mentalidade, mas a educação, sabe? A forma como tratam as pessoas. É aquilo que eu falei no encontro passado, né? Da mesma forma que tem gente ali que tem só um curso técnico e te trata super bem, tem um camarada que é doutor e chega e acha que o título é a carteirada, né? Aquele tipo assim: “Você sabe com quem você está falando? [risos]. Tem também aquele técnico que te traga mal e o camarada que é doutor também, que te trata bem. Então acho que a grande dificuldade foi essa, né? De ter alunos também, que às vezes chegavam por falta de educação e tudo. Tivemos algumas situações lá. Nossa... teve uma vez que eu até chorei de raiva... Não sei se a Ad lembra, mas a Denília [professora do IFMG] tinha feito um trabalho com os meninos da turma do JF, era aluno de libras, que era para sair pregando cartazinhos identificando, com identificação para cegos, em braile. E eu saí pregando plaquinha de identificação, com os sinais em libras de qual sala que era... Esse era laboratório, esse é o ambulatório... e eu chego em algum setor e me deparo com uma aluna do ensino médio olhando para a plaquinha lá e tentando fazer os sinais assim e eu pensei “meu Deus, é isso, Esse é o objetivo da Denília.” Obviamente a gente sabe que o surdo ele sabe ler. se ele foi alfabetizado, ele sabe ler a questão, não é? Não é sobre entender o que está ali, é sobre incluir. É disseminar a linguagem dele também. Então quando eu desci no mesmo dia, para tomar café no Prédio 4, uma professora, ela tava p... E ela dizia: “Isso aqui tá parecendo uma favela, pra que? Surdo sabe ler...Pra que tem que pregar isso?”e saiu arrancando um andar inteiro, ela saiu arrancando de todas as portas da sala. E aí eu voltei lá para cima para o prédio da Matemática e mandei mensagem para a Denília, já chorando. “Denília, você não sabe o que acabou de acontecer...” Eu não acredito que eu tive que ouvir tudo aquilo ali calada. Porque é isso, sabe... é lidar com pessoas diferentes que às vezes não vão compreender. O objetivo não vão compreender o que você fez, o que você falou e às vezes a gente tem que saber engolir alguns sapos, né? Porque é convivência, é chefe, é você saber, é interessante isso. O fato é que se supõem se que uma pessoa que tem uma certa graduação saberia compreender a necessidade daquilo. Uma coisa que eu tenho aprendido é que geralmente a gente só consegue enxergar a necessidade do outro quando a gente convive com esse outro, isso a gente viu com o Douglas Ricardo.⁵ Eu tive um colega cego no cursinho, mas eu não tive tanta convivência como eu tive com o Douglas e o Douglas era sensacional, mas eu ficava muito apreensiva no início com ele e eu pensava assim: “Meu Deus, será que ele tá precisando de alguma coisa?” Só que o Douglas sempre foi muito aberto, né? Boca aberta demais, fala demais. Quando ele precisa, ele não se faz de rogado, pede ajuda mesmo. Mas eu lembro do meu primeiro dia de aula... Eu conto isso para os meus alunos. No meu primeiro dia de aula eu sentada na cadeira esperando a aula começar, coisa de calouro, ansiosa, e o Douglas passando com a bengalinha dele lá. Pensei: “Meu Deus, será que ele tá precisando de alguma coisa? Mas como é que eu chego lá para oferecer? Talvez ele vá se sentir ofendido.” E quando você não convive com a pessoa cega, você não sabe o quanto é importante detalhes para ele. Eu fui na mostra de profissões com uma aluna, eu tenho um aluno cadeirante, aí a primeira coisa, chegamos lá na mostra de profissões, tinham muitas escolas, muita gente... e ela não tinha condições de visitar todos os estandes. Simplesmente porque tinha muita gente, ela sentada na cadeira dela. E eu saí para ver a galera, para ver os professores lá da Engenharia Florestal, da Agronomia, que eu trabalhei

⁵Douglas Ricardo é um aluno com deficiência visual que cursou o Ensino Médio e a Graduação em Licenciatura em Matemática no IFMG e que, por isso, conviveu por bastante tempo com muitas turmas do campus.

junto, que eu tenho o maior carinho e tudo. Então quando eu me viro vejo lá na entrada ela sentada na cadeirinha dela com o celular na mão lá, tipo assim sem fazer nada porque estava completamente isolada, não tinha acessibilidade nenhuma para ela. Eu disse: “Não, não, não, você não vai ficar aqui parada”. E já fui pegando a cadeira e alguns colegas também e eu disse: “você vai ver as apresentações, vamos entrar aqui no meio desse povo também”. E aí foi super bacana, sabe? Na mesma hora o astral dela já mudou, e aí na hora que a gente foi andar na rua pra poder almoçar foi a maior dificuldade. Os meninos me ajudaram a andar com ela no meio da rua porque não dava pra andar pela calçada com a cadeira de rodas. Na nossa escola ela consegue andar de boa tem rampa de acesso, é tudo bonitinho. Mas quando chega na rua, se você não está com um cadeirante para você compreender a necessidade dele, você nunca vai ter aquele olhar tipo assim, nossa, que falta que faz uma rampa e ainda tem alguém que estaciona na frente de uma rampa, que falta que faz uma calçada que seja de fato regular, para que o cadeirante possa usar. lidar com o diferente e às vezes você precisa, você não só olhar, porque só olhando você não consegue se colocar no lugar do outro. É conviver, sabe? E aí é um aprendizado constante. Às vezes o humor, né? Nem todo mundo chega feliz e brincando. todo dia, né? Não tem jeito de ser feliz sempre, estar sempre brincando. Então às vezes se lida com o mau humor do outro, tá de cara virada e tá tudo certo. Então é aprender a lidar com o dia a dia, né? Com as pessoas diferentes. É um aprendizado constante, a gente nunca esgota isso.

JF - Olá, boa noite. Sobre a diversidade, a minha experiência foi bem parecida também com a da AD e da D. Eu costumo dizer que o IF é como se fosse um pedacinho que o Brasil condensou, juntou o Brasil inteiro num lugar só. E pela geografia da cidade, uma cidade pequena do interior e cai um mundo de diversidade ali, né? Eu tive contato com uma professora que ela era professora de inglês, ela era substituta e ela não era nem Brasileira, ela era uruguaia e ela tinha crescido em São Paulo. Uma gracinha de pessoa. Então ela tinha um sotaque totalmente diferente, porque a língua materna dela era o espanhol. Ela dava aula de inglês instrumental e assim, uma riqueza de cultura, de tanta coisa diferente. E quando apareceu também é uma aluna de intercâmbio. Eu acho que ela era de Angola. Todo mundo queria conhecer, conversar com ela. E mesmo ela falando português, mas era um português totalmente diferente do nosso, é o português, então de Portugal, né? Que eles falam isso e até a vestimenta, a forma de se vestir. tudo no IF é o único, né? A oportunidade cada ano é diferente. Pode ser que venha alguém de algum lugar totalmente diferente para participar dos eventos, né? Como a gente ficava ali, por exemplo, no prédio que eu fiquei, que era o prédio 2 de Sistemas de Informação, quando tinha algum evento e a gente ficava doido pra atender professores que vinham do nordeste pra dar um mini-curso ou alguma palestra, né? Porque o IF de São João Evangelista é uma referência, é um campus que é visto como um dos melhores dos IFs. E tem parceria, né? Os nossos professores da Matemática igual José Fernandes, ele é referência em educação, então ele tem contatos, ele vira e mexe ele está em outros países. Ele traz muita cultura com ele, então desde até nós mesmos a gente fez visita técnica, nos índios, no Quilombo. A gente conheceu e eu fiz trabalhos na APAE e então convivi com é alunos com todos os tipos de necessidades especiais. Sim, tudo, tudo no IF te motiva e te puxa para um lado do diverso, da diversidade. Assim você fica querendo conhecer outros países. É você fica querendo ter outras experiências na educação que não seja só voltada para matemática, né? Educação especial esses eventos, como a D. citou da Denília. Então, o IF ele vive e respira diversidade. Eu cheguei também muito parecido com a AD, eu estava com a cabeça assim eu estava mais fechado porque era o meu grupo. Eu não era tão jovem como a maioria dos alunos do IF. Então, eu já tinha muito do meu eu interiorizado. Das regras de conduta que uma pessoa deveria ter. E eu não sei... a gente chega no IF e dá uma vontade de mergulhar naquela diversidade naquele mundo de pessoas diferentes. E eu fui fazendo amizade. Eu era a

peessoa que fazia amizade com todo mundo. Na fila é do almoço, ou era do café da manhã, do lanche. E eu conversava com funcionários, com alunos, com visitantes da escola. E eu fui absorvendo tanta cultura que eu voltei pro meu lugar, pra minha realidade, pra minha cultura e eu vejo que a minha presença está fazendo a diferença. Até porque hoje em dia eu também trabalho voluntariamente com ensino, com ensino teológico. E a minha interpretação, agora, a minha visão sobre religião é algo mais humano, sabe? Algo muito mais voltado para a diversidade, para o direito do outro antes, né? Do até, da, da minha concepção de fé. Então eu vejo que o Deus, o amor de Deus tá incluso dentro da diversidade, né? Essa minha experiência no IF proporcionou para o meu grupo, para um grupo que está fora, que nunca teve essas experiências, poder ser mais tolerante, né? E mais amável e tudo mais. Assim, quando eu eu lembro da minha experiência de estágio, que eu fiquei mais ali no prédio 2, eu fiquei mais junto com esses alunos de do Técnico em Informática e do curso superior de Sistemas de Informação. E só ali naquele grupinho já tinha, sim, uma diversidade tão grande e uma linguagem tecnológica! Dava vontade pra gente, até de estudar mais, de buscar outras coisas para nossa formação, né? Eu fiz parte do GPT, em que é um grupo da matemática que estuda bastante tecnologia. E a gente sempre levava alguma discussão. Eu aproveitei o meu estágio em sistemas e eu cursei disciplinas do curso de sistemas. De tanto que eu fiquei ali inserido naquela cultura que eu quis fazer parte de alguma forma. Então isso deve-se mais ao estágio do que é o curso de licenciatura em matemática em si, né? Sim, foi exatamente. Proporcionou isso foi o foi o contato deles no estágio, né? Como a gente somava horas acadêmicas, conhecia os professores nas reuniões, a gente ficava admirado. Eu chorei amargamente porque eu não pude fazer uma disciplina que era de sistemas por causa de questão de horário e tudo mais que era é com uma professora que tinha chegado que agora ela é do curso de administração e daria aula de contabilidade.

Nesse momento entra na sala virtual da reunião a R, que já havia avisado que se atrasaria em razão de um compromisso.

Ioná – Boa noite, R.

R – Desculpa, pessoal!

Ioná – Pode ficar tranquila, R...

JF – A professora que havia chegado é a Kátia, esposa do Rodney... ela é um doce de pessoa. A minha primeira formação é administrativa e eu já trabalhei na área e eu queria fazer a disciplina porque tem tudo a ver com a Matemática financeira. É algo a mais ali para somar na nossa vida ali no dia a dia de sala de aula, algo que me prepararia até mais para poder aplicar mesmo a matemática financeira na vida das pessoas, né? E eu fiz algumas aulas e eu tive que acabar trancando a disciplina e não tive mais oportunidade de cursar ela, mas assim, de estar no prédio de sistemas, a gente respirava a tecnologia. A gente batia papo com os alunos e perguntava: o que você acha de computador que eu preciso para fazer isso? E isso? E eles davam as dicas pra gente, sentava às vezes com os professores em conversas informais sobre softwares de matemática e eles davam dicas, davam ideias. Então, assim, essa parte da diversidade foi incrível, porque eram pessoas com instruções, com histórias de vida. Eu também gostava de ouvir as histórias de vida do pessoal, contar a minha. Então era uma terapia até. Desabafo, tudo acontecia ali, né? Então pra mim foi muito positivo sim. De tudo o que eu fiz lá teve sempre alguma coisa que impactou na minha vida e que me trouxe para aqui e me moldou em um outro tipo de ser humano, né? Eu acredito que eu evoluí bastante, porque a gente está nessa vida para aprender, né? Um pouquinho a cada dia, até com os erros dos

outros e com os nossos erros. Então até as coisas que não foram tão bacanas que aconteceram durante o meu período de estágio, eu acredito que contribuiu bastante para minha formação, até para minha inteligência emocional, Eu acredito não só para as minhas habilidades em matemática e de convivência.

Ioná – Muito obrigada, JF... R, iniciamos esse encontro falando sobre diversidade e eu queria saber de todos vocês como foi para vocês lidar com essa questão da diversidade no campus e no seu estágio. O que você levou em relação a isso do seu estágio. Como foi a convivência com a diversidade para sua vida e como isso te constituiu de alguma forma como profissional e como pessoa? Como foi essa lida, esse respeito com a diversidade?

R - Quando eu comecei no estágio tipo, eu já era ex-aluna de outro curso do IF, então eu já tinha uma noção de da diversidade das pessoas que trabalhavam lá, sim, mas ainda assim eu acabei por ter um convívio maior, até com funcionários que eram muito mais velhos, com o pessoal que tinha acabado de chegar da vale e assim eles tinham talvez um perfil muito diferente do instituto no sentido de estar chegando. Além disso, muitos eram aquelas pessoas reintegradas, porque eles ganharam uma ação e aquilo era um aprendizado enorme [refere-se aos anistiados da Vale]. Por exemplo, enquanto a gente estava começando a jornada de trabalho profissional, essas coisas, eles já estavam naquela idade. Ficar mais um pouquinho para conseguir tempo para aposentadoria.

Ioná – Um parêntese aqui, gente. Vocês sabem do que a R está falando? Ela se refere aos anistiados da Vale. [Todos respondem afirmativamente, informando que todos eles já conviveram um algum dos anistiados dentro do Campus].

R – Todo mundo chegou a pegar, pelo menos, um pouco deles e são pessoas com histórias muito bacanas e muito ricas de trabalho. Alguns que achavam a Vale uma super empresa e outros que já conseguiam ver com um olhar crítico o lado bom da empresa, mas também aquele lado mal da empresa, e isso foi muito rico para mim. Sem contar mesmo os funcionários, a questão de transitar no campus e encontrar todo mundo. Eu acho que eu nunca tive muita dificuldade em lidar com o diferente e não foi diferente nesse caso do instituto. Talvez porque eu já tinha uma vivência lá no campus. Então eu acho que foi muito tranquilo. Acho que aprendi muito e só enriqueceu a minha vivência lá.

Ioná – O convívio com os profissionais do IF influenciou vocês de alguma forma para prosseguir nos estudos?

JF – Com certeza. Eu conheci alguns professores, vou citar o nome aqui da professora Geovália, a formação dela é bem diversificada. Então, através desse exemplo que eu comecei a pensar que eu também não precisava ter uma formação só ali na Matemática. Então por isso que eu busquei mais outras complementações, por isso que eu penso ainda na questão de mestrado voltado para coisas mais amplas, porque eu não gosto de ficar numa coisa só. E talvez se eu não tivesse tido essa conversa com ela eu iria pensar que eu teria ficar fechado numa formação só. Que não poderia ter outras formações complementares e tudo mais. E essa questão do mestrado eu ainda estou batalhando e correndo atrás para algum mestrado que tenha o meu perfil. Não está, assim, sendo dos mais fáceis, né? [risos] Mas, como eu falei da outra vez eu estou analisando propostas. Eu estou mais de olho no ensino de ciências e Educação Matemática que é o que eu quero fazer. Mas mesmo assim, é porque, por exemplo, se eu fosse focar mais na matemática, teria outras opções, né? Que a gente tem de exemplo

até de conversa com os professores. A maioria fez PROFMAT, que é muito bacana, né? Você se especializar em uma área só. A gente tem essas 2 possibilidades. É muito bacana e você ser de múltiplas áreas também é muito bacana. Me dá. Essa possibilidade aí, esse olhar através dessa experiência, eu acho que foi muito válido, né? Para mim, ainda estou buscando o meu lugar ainda, né? Mas a vida é isso, né? A cada dia você vai se encontrando e descobrindo a que lugar você pertence, né?

R – JF, vc já sabe que quer ficar na sala de aula, como professor?

JF – Sim. Já sei isso sim.

R – Então, nesse caso, o PROFMAT pode ser mesmo um caminho. Quando a gente quer talvez uma abertura maior, o mestrado acadêmico pode te dar uma abertura maior até porque você continua em sala de aula, faz tudo aquilo, mas a área de pesquisa é muito mais forte e muito mais forte também a abertura para conhecimento de novas técnicas, não só na educação assim, mas na pesquisa, como um todo. Acho que é muito válido também. E o que eu ia dizer sobre isso é que eu não só falava de concurso público e pensava em prestar concurso público, para se ter essa dignidade, né. Porque eu não sou apadrinhada de ninguém. Eu faço o que eu faço e bem feito e eu não sou a dona do meu trabalho... eu me sinto uma funcionária das pessoas. Eu fiz concurso público para ter dignidade. Para que ninguém fale comigo que eu tenho que fazer coisas que eu não tenho que fazer, ou então que eu estou fora do meu cargo, a não ser que eu queira fazer. E a gente já conversava sobre isso e isso também acabou influenciando outros meninos que eram do ensino médio que chegavam lá e a gente começava a conversar. E até mesmo para ir para o curso superior. Inclusive tenho colegas que começaram a estudar e para quem eu dei aulas de Matemática, porque a Matemática pega todo mundo... Mas eu adorava e já dava aulas particulares. Então concurso para mim é assim, pelo menos no Brasil ser concursado, pensar que você chegou lá com o seu mérito. E pode escolher em que trabalhar. Acho que é muito legal. E no serviço público também é importante se ter respeito por todo mundo, porque é como se eles fossem os nossos chefes. muitas vezes as pessoas passam no concurso público e se acha com o rei na barriga. No início me falavam, “R, você dá bom dia, boa tarde, boa noite pra todo mundo, porque você tá nos primeiros dias de empresa, você vai ver daqui a um ano.” Passa um ano. Eu continuava, né? Aí continuava tratando assim. Eu adorava fazer aquilo... eu entrei para a empresa que eu queria entrar, que eu gostava e que tinha clientes que eu amava. Eles pensavam que eu estava fazendo um favor, mas eu fazia questão de dizer que eu estava fazendo o meu trabalho. Eu estou fazendo melhor aquilo que é que é pra eu fazer. E se as outras pessoas não estão fazendo isso é porque elas estão erradas, né? eu não chego atrasada. Portanto, se a minha empresa não quer pagar a hora extra, eu também não vou ficar depois do horário, porque eu não chego atrasado, eu faço o meu trabalho durante o horário. Também não quero. Eu tenho aula para ir a minha vida. Não é só correio e muitas vezes eu falava isso com meus colegas e eles ficavam assim, assustaram comigo, não a minha vida não é só o Correios, eu tenho lazer, eu tenho escola, eu tenho outras coisas, cara, e a gente tem que, se você fizer bem o seu serviço, você não precisa fazer mais do que o seu serviço, você tem que fazer bem o seu serviço, tá ótimo, e é isso.

D – Nesse caso aí do depois eu tenho uma influência não só do estágio. Tenho a influência do curso de graduação como um todo. É uma coisa que eu já tinha falado semana passada, né? É essa proximidade que a gente tem com os professores. No meu caso, lá com o Silvino Silvino, né? Com a Denília no início também, quando ela chegou depois Ela Foi embora. É o Zé Fernandes, Jossara um pouco mais distante, mas também Tiago Dias, o Walmisson, sabe? Todo mundo ali da matemática sempre foi muito acolhedor e sempre foi muito próximo de

pegar a gente pela mão. Assim foi só senta aqui, minha filha, deixa eu te ensinar porque a gente chega a gente sem minha filha, deixa eu te ensinar. Porque a gente chega a gente panguá de tudo, sabe? Então é esse momento assim deles terem com a gente, de conversar, de falar não vai lá, faça. Eu mesmo saí da graduação sem nenhuma vontade de fazer mestrado. Pensei no PROFMAT por causa da prova e não tinha entrevista. Fiz sem pretensão e acabei passando, mas pela influência do Silvino. Porque lá no IF tem muitos que fizeram o PROFMAT e então eu tive essas experiências deles e eles recomendavam. Eu tinha uma amiga também de Peçanha que também fazia. Eu fiz na UFVJM – Campus Teófilo Otoni. E fomos dez fazer a prova e passamos cinco. E a gente formou um grupinho assim muito diferente, sabe? A gente a nossa amizade assim é o nosso pique, o nosso companheirismo no é o que fez toda diferença. Eu falo mesmo que se não fosse, se fosse pra eu ir sozinha eu já queria desistir do meio do caminho. Mas tudo por incentivo do dos professores, não é? É também do pessoal do estágio, a Natália, da Coordenação que sempre me incentivava, a Carol também que já chegaram no instituto com Doutorado. Então você vê que é uma galera que assim o povo já chega chegando, né? Mete os dois pés na porta e chega. E acabam incentivando, né? Aquilo que eu falei no encontro passado, a gente é uma média das 5 pessoas que a gente convive. Quando você está convivendo num ambiente que as pessoas todas estão, ali querendo e em busca aí, faz pesquisa, e faz projeto de extensão, e faz iniciação científica, e movimenta, se você fica parado, você começa a ficar com vergonha de estar parado. Eu gostei demais. O Instituto foi um lugar que me acolheu demais em todos os sentidos. Eu falei, cara, eu quero voltar pra cá, eu quero, eu quero morar aqui, eu quero trabalhar aqui. Se quiser me colocar no alojamento ali, eu já estou feliz. Então é eu venho buscando concurso aí continuamente, né? Eu já fiz 3, não passei não, mas uma hora vai. Muito por influência deles, assim, no geral, né? Não só graduação, mas também o estágio. É esse incentivo, né, pra gente poder continuar estudando. É muito diferente quando a gente lida com a realidade do estado. A galera pensa assim: “Estudar mais pra que?” Porque na realidade o meu mestrado hoje ele não serve para nada. A gente não tem alunos no estado que exigem da gente conhecimento, sabe? Infelizmente, é um povo que não tem o básico. Então você não aprofunda. Você não coloca tudo que você sabe em prática. É mais pra, é uma oportunidade mesmo, um concurso para pontuar e sabendo que quando a gente entrar no IF a gente vai ser exigido em nível do mestrado mesmo, né? Eu digo que eu preciso sair do estado o mais rápido possível, porque é como se fosse uma areia movediça, sabe quanto mais tempo você vai ficando ali, mais você vai afundando, acomodando.

Ioná – Infelizmente na maioria dos órgãos públicos não existe isso que a R pontuou: eu não sou funcionária pública para mim, eu sou funcionária pública para a coletividade, para todos e eu preciso me qualificar para devolver para todos o que eu recebi.

D – E não existe incentivo, Ioná. Porque o principal, querendo ou não, é o financeiro. Então eu vou fazer. Eu fiz o mestrado, eu para eu receber, ele vai ser daqui a 10 anos. Eu preciso de passar por não sei quantas avaliações de desempenho para poder conseguir receber o mestrado. Que incentivo que se tem? E mesmo assim, num IF da vida na carreira de federal, eu receberia 50% a mais, o doutorado dobra. Lá [no estado] eu vou saber uns 400 reais a mais. Não me acrescenta em conhecimento, porque o aluno não me exige. Eu pego um livro qualquer ali você não precisa nem preparar aula, eu chego lá, eu dissecó a matéria toda no quadro e o menino nem sabe questionar. Então, o conhecimento a mais, ele não vai ser aplicado. E quando ele não é aplicado, ele também vai se perdendo. O salário não tem retorno e aí? Pra que eu vou estudar mais? Para quê? Não tem um incentivo para isso. Se não for aquela pessoa que tem essa sede de aprender de, independente se eu vou usar ou não, eu quero aprender algo diferente. Se eu for uma pessoa com essa sede [dá de ombros]. Aí você já está

casado, você já está com o filho... saber para quê? E aí eu fico rindo, né? Na época que eu fiz o meu concurso, que eu passei, eu competi com professoras assim muito renomadas aqui da cidade. Professoras que dão aula aqui há muito tempo... já tá na hora de aposentar e não passaram num concurso até hoje. E aí eu fico cara, tinham 5 vagas, somente 3 conseguiram nota mínima para poder passar. Aí eu fico pensando, cara, como assim? Essas professoras aqui que nunca passaram num concurso e vão conseguindo vaga pela sorte, né? Porque acaba que vai ter um concurso, vai chamando você vai perdendo a sua vaga. Não fica desempregada por muita sorte, porque tem tempo de serviço e acaba conseguindo uma designação. Mas por quê? Porque acomoda... nem na área que eles estão ali trabalhando no dia a dia, eles não se esforçam nem para poder passar num concurso para ter uma estabilidade.

Ioná – Muito real! E o atendimento ao público acaba prejudicado por essa falta de qualificação.

D – Infelizmente... Como é que você vai incentivar o seu aluno a buscar mais a fazer diferente, fazer melhor cada vez mais, se você tá ali, ó? A sua aula é a mesma. Aí você fica comparando: “Antigamente os alunos eram uma beleza!”. Antigamente de fato já passou... Se você não atualizar, isso em qualquer área, qualquer área. O que o cabeleireiro fazia há anos atrás, se ele não se atualizar, ele não faz mais. O que o pedreiro fazia antigamente, se ele não se atualizar, se não souber trabalhar com o que ele tem hoje, ele vai ficar para trás. O professor é a mesma coisa. O público dele mudou. Se ele não tá pensando aí vai colocar a culpa no aluno a vida toda, que o aluno de hoje está assim... que a culpa é do aluno... Mas, cara, o que você está fazendo para mudar também? O público mudou, você precisa mudar também. Aí vai virando aquela bola de neve: O aluno não aprende a fazer mais, porque você também não faz mais também... triste.

AD – Em relação aos concursos, sobre continuar estudando e tal, a minha experiência, é um pouco assim... foi um sonho ter passado no concurso público, porque eu vim de uma cidade pequena em que ou você ou trabalha no mercado local ou é amigo do Prefeito para conseguir um trabalho na prefeitura. Se não conseguir, não for parente ou próximo da prefeitura, você fica sem serviço. E se no mercado não conseguir, você está desempregado. E eu cresci com esse pensamento de não ter que depender desse tipo de situação. Porque é horrível, de 4 em 4 anos ou todo o ano o povo fica naquela dificuldade, naquele medo, naquele receio. E eu pensava: Meu Deus, me tira disso. Então, quando eu fiz matemática e a gente teve o concurso em 2017, eu pensei assim: Eu tenho que me dedicar, tá aqui a minha primeira oportunidade para tentar fazer diferente. Minha família sempre me apoiou e os professores como um todo nos apoiaram e colocaram, indiretamente, aquela pressão assim: essa turma é boa. A D vai se lembrar dessa situação: Essa turma é boa e a gente espera um bom resultado de vocês. E, de certa forma aquela pressão foi muito boa para o dia a dia da gente. E eu falo para você que eu sentei para estudar para aquele concurso. Eu li o material e quando a gente recebe o resultado, nossa, você foi aprovada. Aquilo é maravilhoso. É a primeira conquista que a gente tem. É algo de você, nota. Eu estou estudando e está gerando os frutos do que eu estou fazendo. Foram cinco aprovados da turma nesse concurso. E foram pouquíssimos aprovados naquele concurso na época... Não sei se a D teve a mesma emoção, mas foi assim... algo maravilhoso. E mesmo passando eu só tomei posse no final do ano passado. Mas aí foi o curso avançando e a gente percebe que vale a pena... que quanto mais rápido formar é melhor. E na época da nossa formatura a gente pediu a colação de grau antecipada por causa do concurso, para pegar as aulas já no início do ano... E na época do estágio, o Marcos, do setor de Patrimônio, estava finalizando a dissertação de mestrado dele e eu via ele naquele negócio bonito, revisando, lendo tudo tão bonitinho... e ao mesmo tempo que eu via isso como algo lindo eu pensava que

era algo que eu quero lá na frente. O mestrado não era um desejo próximo para mim não... Primeiro eu quero estar com o concurso em mãos, porque eu acho que isso ia me proporcionar uma coisa minha. Eu consegui a primeira coisa que eu coloquei na minha mente. E hoje eu estou muito feliz porque realmente eu já sou concursada. É, acho que isso é o maior orgulho do meu pai é falar assim: nossa, minha filha efetiva! Acho que é a coisa mais linda de ouvir na boca dele, é isso: Tenho uma filha efetiva, tá segura como se diz. E depois que eu formei, eu já fiz algumas pós graduações, algumas especializações, todas voltadas para área da educação, porque ser professor é uma coisa que eu queria ser na minha carreira. Então como eu tinha um público que tinha necessidades especiais eu fiz é educação especial para eu poder conhecer e lidar melhor com esse público, porque todos os alunos merecem o melhor atendimento que a gente pode oferecer para eles. E quero muito agora em entrar na área da libras, porque eu creio que na área da educação básica hoje, a libras é um dos conteúdos que vai entrar e os alunos estão chegando, né? É um público que não era muito presente nas escolas, mas agora está. Eu me lembro do Patrício e o Marcos comentando... O Patrício já tinha o mestrado e o Marcos estava finalizando e eles comentando entre eles sobre as pesquisas. Era uma experiência que eles tinham que eu falava assim: Nossa... isso é interessante... eu quero isso pra mim também. Mas tem tempo, né? Tem outras coisas que eu quero conquistar antes para depois chegar lá.

AL – A questão que vocês estavam falando de cargo, de Prefeitura e tal... Hoje eu trabalho na Prefeitura e eu não sou concursada. Mas eu estou ali porque precisaram de uma técnica em nutrição e que tivesse uma carteira ativa. E desde que eu terminei o curso Técnico em Nutrição eu pago a anuidade e tenho a carteirinha. Estou lá por causa disso e tipo assim eu tento fazer todos os concursos que aparecem eu tento fazer, porque a segurança é a melhor coisa que tem. Eu sempre ouço: Você tem que dar graças a Deus porque você está aqui... Já ouvi que, porque eu sou de outra cidade, eu não deveria estar trabalhando na Prefeitura daqui. Então, tipo assim, você é desrespeitada. Você não é da cidade, você não conhece o prefeito, você não conhece ninguém. Então eu estou ali fazendo o meu trabalho, fazendo as inspeções e os relatórios, trabalhando no serviço público, mas sempre ouvindo que não estou ali pelos meus méritos, mas por causa de outras pessoas. No instituto não é assim... Eu estou tipo a D, esperando uma oportunidade no Instituto para fazer um concurso. Porque o pessoal do instituto é um grupo de serviço unido, tipo assim, alguns setores são unidos, tem uma amizade ali, tem um companheirismo. E o que também tem é a segurança. Cada um faz o seu e sempre tenta melhorar em sua área e tipo, assim é o que eu penso para mim, fazer um concurso. Eu pretendo fazer mais concurso e chegar numa estabilidade onde eu não tenha que ouvir os outros falando que estou ali por isso ou aquilo.

Ioná – AL, você acha que uma parte dessa vontade sua nasceu da convivência ali dentro?

AL – Sim. A minha madrinha trabalha no Instituto e o marido dela também. Quando eu fiz o Ensino Médio eu morei na casa deles e sempre tive contato com outros funcionários do instituto. E desde que eu terminei o Ensino Médio eu tento concursos. Depois eu iniciei a Licenciatura em Matemática e parei os concursos por um tempo. Antes eu fazia concursos para qualquer área. Agora, já foco na minha área de conhecimento, que é a Matemática e na área do estágio que eu aprendi muito sobre relação documental, trabalha com escritório, atendimento de pessoas. Então agora eu foco nessas duas áreas.

Ioná – eu queria só me posicionar aqui sobre a fala da D, sobre a qualificação dos servidores públicos. A D disse que, quando a gente não é cobrado, a gente não se

qualifica... e isso é muito pertinente: como ser cobrado e se qualificar trás benefícios para o atendimento público.

D – Eu só quero acrescentar aqui. Como eu já disse eu sou da zona rural e para mim era muito impensado fazer um mestrado, passar num concurso de federal. Eu vim da zona rural, meu pai só tem até a quarta série e minha mãe é do magistério. É professora, mas ainda assim de primeira a quarta série. Não tinha estudo... era o magistério que fazia ali no terceiro ano, então não fez uma faculdade. Então era tudo muito distante para mim. Muito distante, a única pessoa lá da zona rural que eu, que eu morava, que seguiu carreira estudando, que fez um mestrado aqui hoje é professor de federal, é o Rosinei que dá aula lá no instituto. E aí ele foi aluno da minha mãe, aluno da minha madrinha. A gente estudou lá na roça, na escolinha que hoje está toda desmanchada lá. Estão reformando e aí sim, caraca, é muito fora da nossa realidade! E o pessoal lá, nunca estudou, nunca quis estudar. Cada um pra um canto. Muitos passam até necessidade. E a gente... tem noção de o que é fazer mestrado? Era algo tão distante! Daqui a pouco: passar num concurso federal que é algo assim que é muito diferente da realidade que a gente vive aqui.

Ioná – Eu fui criada para estudar, mas eu sempre pensava que a qualificação era pessoal... Eu nunca tinha parado para refletir sobre como isso reflete no serviço público, na atividade pública, para a gestão pública. [cabe aqui a reflexão sobre a experiência coletiva]. O atendimento do IF é um atendimento de excelência porque todos os servidores buscam se qualificar. Então, ter um incentivo é realmente muito importante.

Ioná – Quero, mais uma vez, agradecer a vocês o empenho, me auxiliando e contribuindo para a minha pesquisa. Essas rodas de conversas foram extremamente ricas e contribuíram muito para a pesquisa. Muito obrigada a todos vocês... enorme gratidão! Nada do que eu disser aqui vai conseguir dimensionar o quanto vocês me auxiliaram. Grande abraço a todos.

Todos se despedem e a reunião virtual é encerrada.

9 ANEXOS

Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada **NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS DE EX-ESTAGIÁRIOS E EX-ESTAGIÁRIAS DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA NO IFMG – CAMPUS SÃO JOÃO EVANGELISTA** que se refere a um projeto de **mestrado de Ioná Braga de Castro Pereira** aluna do **Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**.

Os objetivos deste estudo são os seguintes: Objetivo Geral - Compreender, por meio da análise de suas narrativas, como as experiências de egressos do curso de Licenciatura em Matemática, que realizaram o estágio não obrigatório em diversos setores do IFMG – Campus São João Evangelista, constituiu o processo formativo e a vida pessoal do docente em Matemática. Objetivos Específicos - Identificar e analisar as diferentes dimensões de narrativas de experiências dos ex-estagiários; Avaliar como a experiência do estágio não obrigatório podem constituir o exercício da docência na área de Matemática e a vida pessoal do ex-estagiário; Pontuar também na posição de ex-estagiária, a minha própria experiência de formação.

Para participar dessa pesquisa você participará de rodas de conversas e, para uma descrição mais detalhada das rodas de conversas e com o objetivo de não perdermos nenhum ponto relevante, as conversas serão registradas em áudio e vídeo. No entanto o material coletado será utilizado somente para transcrição por parte das pesquisadoras desse estudo e não será divulgado em nenhum meio. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e serão manuseados somente pelas pesquisadoras do trabalho. As pesquisadoras responsáveis se comprometem a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação dos participantes.

Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa o que garante seu anonimato e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Não será cobrado nada e não haverá gastos. Os riscos envolvidos com a sua participação neste estudo são: possíveis desconfortos ou constrangimentos ao expor suas experiências, cansaço ao participar de uma roda de conversa que possa ultrapassar o tempo esperado, vergonha de estar exposto ao registro audiovisual, sentimento de desconforto ao lembrar memórias desagradáveis, vergonha ao expressar seus sentimentos, receio da quebra de anonimato ou do sigilo.

Não estão previstos ressarcimentos ou indenizações. São esperados os seguintes benefícios imediatos na sua participação: possibilidade de estimular reflexão sobre a importância do período de estágio, gerar conhecimento para melhor entendimento da experiência do estágio, compreender se o período de estágio pode contribuir no exercício da docência, possibilitar o exercício de auto-análise quanto à experiência do estágio. Os resultados contribuirão para a melhor compreensão acerca do período de estágio não obrigatório.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização ou prejuízo alguma ao seu cuidado.

Desde já agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Você ficará com uma cópia deste Termo e em caso de dúvida(s) e outros esclarecimentos sobre esta pesquisa você poderá entrar em contato com o pesquisador principal: i***.*****@ifmg.edu.br e *whatsapp* (33)9*****-**49.

O protocolo desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Iguazu

– UNIG - Campus I, localizado na Av. Abílio Augusto Távora, nº 2.134 - Bloco A, Sala 103 – Bairro Jardim Nova Era, CEP: 26.275-580, Nova Iguaçu/RJ. Assim, qualquer dúvida a respeito da ética aplicada a esta pesquisa poderá ser encaminhada ao referido Ética em Pesquisa, no endereço mencionado, pelo telefone (0xx2) 2765-4005 ou e-mails cep@campus1.unig.br; cepunigcampus1@gmail.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, dos pesquisadores responsáveis.

Declaro que recebi explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos e concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Assinatura do Participante

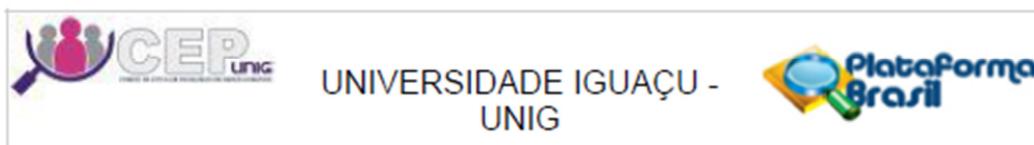
Assinatura do Pesquisador

Assinatura da Orientadora

Assinatura da Coorientadora

_____, _____ de _____ de 2022.

Anexo B – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS DE EX-ESTAGIÁRIOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA NO IFMG & CAMPUS SÃO JOÃO EVANGELISTA.

Pesquisador: Ioná Braga de Castro Pereira

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 56170022.1.0000.8044

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.426.505

Apresentação do Projeto:

Esta investigação tem como objetivo principal compreender, por meio da análise das narrativas das experiências de ex-estagiários, como o estágio não obrigatório no curso de Licenciatura em Matemática do IFMG – Campus São João Evangelista, constituiu processo formativo para os participantes. O percurso metodológico acontecerá da seguinte forma: como instrumento de produção de dados trabalharei com as rodas de conversa realizadas com ex-estagiários que serão selecionados a partir dos arquivos do setor de Gestão de Pessoas da instituição. Os dados produzidos serão analisados à luz do Paradigma Indiciário.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender, por meio da análise de suas narrativas, como as experiências de egressos do curso de Licenciatura em Matemática, que realizaram o estágio não obrigatório em diversos setores do IFMG – Campus São João Evangelista, constituiu o processo formativo e a vida pessoal do docente em Matemática.

Objetivo Secundário:

a) Identificar e analisar as diferentes dimensões de narrativas de experiências dos exestagiários e ex-estagiárias;

Endereço: Av. Abílio Augusto Távora, nº 2134 - Jardim Nova Era
Bairro: JARDIM NOVA ERA **CEP:** 26.275-580
UF: RJ **Município:** NOVA IGUAÇU

Telefone: (21)2765-4005

E-mail: cep@campus1.unig.br; cepunigcampus1@gmail.



UNIVERSIDADE IGUAÇU -
UNIG



Continuação do Parecer: 5.426.505

- b) Avaliar como a experiência do estágio não obrigatório podem constituir o exercício da docência na área de Matemática e a vida pessoal do ex-estagiário;
- c) Pontuar também na posição de ex-estagiária, a minha própria experiência de formação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos envolvidos na pesquisa podem ser: possível desconforto ou constrangimento ao expor suas experiências, cansaço ao participar de uma roda de conversa que possa ultrapassar o tempo esperado, vergonha de estar exposto ao registro audiovisual, sentimento de desconforto ao relembrar memórias desagradáveis, vergonha ao expressar seus sentimentos, receio da quebra de anonimato ou do sigilo.

Benefícios:

São esperados os seguintes benefícios imediatos na sua participação: possibilidade de estimular reflexão sobre a importância do período de estágio, gerar conhecimento para melhor entendimento da experiência do estágio, compreender se o período de estágio pode contribuir no exercício da docência, possibilitar o exercício de auto-análise quanto à experiência do estágio. Os resultados contribuirão para a melhor compreensão acerca do período de estágio não obrigatório

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante, considerando a oportunidade do estágio para o exercício da docência.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram acertados e apresentados conforme exigência.

Recomendações:

Não se faz necessário

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A presente pesquisa é relevante e seu desenvolvimento oferece elementos relevantes para formação no Curso de Licenciatura de Matemática.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av. Abílio Augusto Távora, nº 2134 - Jardim Nova Era
Bairro: JARDIM NOVA ERA CEP: 26.275-580
UF: RJ Município: NOVA IGUAÇU
Telefone: (21)2765-4005 E-mail: oep@campus1.unig.br, oepunigcampus1@gmail.



UNIVERSIDADE IGUAÇU -
UNIG



Continuação do Parecer: 5.426.505

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1887339.pdf	20/04/2022 12:31:42		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento.pdf	20/04/2022 12:31:14	Ioná Braga de Castro Pereira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.pdf	20/04/2022 12:30:38	Ioná Braga de Castro Pereira	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	15/02/2022 11:42:01	Ioná Braga de Castro Pereira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

NOVA IGUAÇU, 24 de Maio de 2022

Assinado por:
José Claudio Provenzano
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Abílio Augusto Távora, nº 2134 - Jardim Nova Era
Bairro: JARDIM NOVA ERA CEP: 26.275-580
UF: RJ Município: NOVA IGUAÇU
Telefone: (21)2765-4005 E-mail: cep@campus1.unig.br; cepunigcampus1@gmail.